

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

ÁREA DE LITERATURAS, ARTES E CULTURAS



**Excalibur: A Espada na Bruma**

Diana Sofia da Silva Marques

MESTRADO EM ESTUDOS INGLESES E AMERICANOS

Área de Especialização de Estudos Ingleses

2013

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

ÁREA DE LITERATURAS, ARTES E CULTURAS



**Excalibur: A Espada na Bruma**

Diana Sofia da Silva Marques

Dissertação orientada pela Professora Doutora Angélica Varandas

MESTRADO EM ESTUDOS INGLESES E AMERICANOS

Área de Especialização de Estudos Ingleses

2013

## Agradecimentos

As primeiras pessoas a quem dirijo os meus agradecimentos são a minha família. Em especial, agradeço aos meus pais por me terem apoiado incondicionalmente durante todo o meu percurso pessoal, proporcionando-me todas as condições para que eu desse mais um passo na vida académica; e aos meus irmão e irmã por terem estado presentes.

Em seguida, os meus agradecimentos vão para a Professora Doutora Angélica Varandas que, com as suas aulas, ainda no período de licenciatura, despertou o meu interesse pela medievalidade. Reconheço aqui a sua orientação e preciosa ajuda pelos trilhos da denominada Idade das Trevas, para que eu conseguisse trazer uma luz a esse objecto tão pouco estudado pertencente à literatura arturiana: a espada *Excalibur*. Foi com a sua companhia que fiz este caminho tão recompensador e prazeroso.

Aproveito ainda para agradecer aos meus amigos mais próximos e aos que me acompanharam mais de perto, apoiando-me sempre. À Cátia Gomes, Ana Arêde e Joana Melo por ouvirem os meus desabafos e pela constante animação que me deram. À Susana Oliveira, Jean Page e Milan Jovanovic por tornarem o meu percurso académico mais interessante e rico. Também à Priscila Batalha, pelas conversas e pelo apoio mútuo, à Natalina Lopes, minha amiga e mestre, e às meninas do “Twitgang”, na rede social Twitter, por me terem apoiado e incentivado, ouvindo os meus devaneios e mantendo sempre o meu espírito animado.

Agradeço ainda a todos os professores com quem trabalhei ao longo dos anos de licenciatura e mestrado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, por contribuírem para o meu enriquecimento enquanto pessoa, aluna e investigadora.

A todos aqueles que encontrei e que estiveram presentes neste meu percurso, um muito obrigado.

## Resumo

A presente dissertação tem como objectivo demonstrar a importância da espada *Excalibur* enquanto símbolo da autoridade e soberania do território britânico, bem como objecto de consagração do rei Artur, em alguns textos arturianos produzidos na Idade Média.

Para se perceber o seu simbolismo, há que recorrer aos registos históricos e aos achados arqueológicos que nos foram deixados. Desde os celtas e anglo-saxões até ao cavaleiro medieval, verificaremos que a espada era, por excelência, a arma de homens de alto estatuto social e de chefes de tribo ou reis, estando associada à autoridade, à soberania e à realeza, bem como a valores como a bravura, a lealdade e a verdade. A espada era mais do que uma arma cujo propósito era ferir e matar. Constituía ainda um símbolo de autoridade e um objecto pessoal, sendo dos artigos de guerra mais valiosos e decorados da Idade Média.

Comprovado o seu estatuto como objecto precioso e importante nas mãos de um guerreiro, cavaleiro ou rei, é possível verificar que também nos textos mitológicos celtas, da Irlanda e do País de Gales, bem como na mitologia nórdica, a espada é alvo de destaque por ser considerada uma arma mágica, propriedade somente de deuses e heróis, dotada de personalidade própria e forjada por ferreiros vistos como feiticeiros.

Conjugando a vertente histórica e a vertente mitológica, analisaremos principalmente as obras *Historia Regum Britanniae* (*History of the Kings of Britain*), de Geoffrey of Monmouth e *Le Morte D'Arthur*, de Sir Thomas Malory. Nelas, veremos que *Excalibur* é mais do que uma espada destinada a Artur: é o seu contacto com o Outro Mundo e com as suas raízes celtas, é o símbolo da união entre rei e Deusa, a sua ligação com o Sagrado Feminino. *Excalibur* é o símbolo da união entre dois mundos que devem trabalhar em conjunto para a harmonia da terra.

**Palavras-chave:** Espadas; Excalibur; Idade Média; Literatura Arturiana; Mitos Celtas.

## Abstract

This dissertation aims to demonstrate the importance of the sword *Excalibur* as a symbol of authority and sovereignty of the British territory and as a subject of consecration of King Arthur in English literature of the Middle Ages.

To understand its symbolism, one must resort to historical records and archaeological findings. From the Celts and Anglo-Saxons to the medieval knight, we find that the sword was, par excellence, the weapon of men of high social status such as tribal chiefs or kings, being associated with authority, sovereignty and kingship, as well as to values such as bravery, loyalty and truth. The sword was more than a weapon whose purpose was to injure and kill, it was also a symbol of authority and a personal object, being one of the most valuable and decorated items of war of the Middle Ages.

Proved its status as a valuable and important object in the hands of a warrior, knight or king, one can also see in Celtic mythological texts, of Ireland and Wales, as well as in Norse mythology, that the sword is a prominent item as it is considered a magical weapon, property of gods and heroes, endowed with personality and forged by blacksmiths seen as sorcerers.

Combining the historical and the mythological aspects, we will analyze the *Historia Regum Britanniae (History of the Kings of Britain)*, by Geoffrey of Monmouth and *Le Morte D'Arthur* by Sir Thomas Malory. In them, we see that *Excalibur* is more than just a sword destined to Arthur: it acts as his contact with the Otherworld and its Celtic roots, it is the symbol of the union between King and Goddess, his connection with the Sacred Feminine. *Excalibur* is the symbol of the union between two worlds that must work together for the harmony of the land.

**Key Words:** Swords; Excalibur; Middle Ages; Arthurian Literature; Celtic Myths.

## Índice

Introdução	1
1. A espada e o homem da Idade Média	
1.1. A espada no contexto celta e anglo-saxónico	6
1.1.1. A espada e o guerreiro celta	6
1.1.2. A espada e o guerreiro anglo-saxão	13
1.2. A espada e o cavaleiro medieval	24
2. A natureza mágico-simbólica da espada	
2.1. O carácter simbólico do ferro e do ferreiro	32
2.2. As raízes de Excalibur nas mitologias celta e nórdica	36
2.2.1. A espada nos mitos celtas da Irlanda	36
2.2.2. A espada nos mitos celtas do País de Gales	46
2.2.3. A espada na mitologia nórdica	51
3. A presença de Excalibur na literatura arturiana	
3.1. As duas espadas do rei Artur	60
3.1.1. A espada na pedra: espada de consagração	60
3.1.2. Excalibur: espada da soberania	68
Conclusão	85
Bibliografia	90
Anexos	97

**Capítulo 1 – A espada e o homem da Idade Média**

1.1 – Reconstrução de um carro celta.	98
1.2 – As partes constituintes de uma espada.	99
1.3 – Punho de uma espada em Gomadingen.	100
1.4 – Pontas de bainha em forma de asas.	100
1.5 – Reconstrução da espada de Kirkburn, do século III a.C.	101
1.6 - Lâmina de uma espada com padrões soldados.	102
1.7 – Pomo ou botão de espada com inscrições rúnicas.	103
1.8 – Espada com inscrição Ulfberht.	104
1.9 – Espada com inscrição Inglerii.	104
1.10 – Tipos de espadas vikings, baseadas na forma do punho.	105
1.11 – Espada com o punho coberto com decoração em prata.	105
1.12 – O ceptro cerimonial de Sutton Hoo.	106
1.13 – Elmo de Sutton Hoo.	107
1.14 – Réplica do elmo de Sutton Hoo	108
1.15 – Espada de Sutton Hoo.	109
1.16 – Pormenor do punho da espada de Sutton Hoo.	109
1.17 – Escudo de Sutton Hoo parcialmente reconstruído.	110
1.18 – “Scramasax” decorado, de Sittingbourne em Kent.	111
1.19 – “Seax” com inscrições rúnicas, do século X.	111
1.20 – Escudo de cavaleiro.	112
1.21 – Elmo encontrado no Castelo de Santo Ângelo, em Bozen, Roma (c. 1300).	113
1.22 – Tipos de espada mais comuns no período entre 1100-1300.	114
1.23 – Espada do tipo XIII, encontrada no rio Tamisa, em Londres (c. 1300).	115
1.24 – Pormenor do folio 10r. da Bíblia de Maciejowski.	116
1.25 – Espada do tipo XII.	117
1.26 – Três espadas de porte pertencentes às Jóias da Coroa britânica.	118

## **Capítulo 2 – A natureza mágico-simbólica da espada**

2.1– Dois dos mais elaborados martelos de Tor, feitos de prata.	119
2.2 – Caixa feita em osso de baleia, conhecida como “The Frank’s Casket”, datada do século VIII.	120



## Introdução

“Swords are icons. They are symbols of rank, status and authority; the weapons upon which oaths were sworn, with which allegiances were pledged and by which honours were conferred. Swords represent cultural ideas and personal attributes. They stand for justice, courage and honour. Above all, swords are personal objects. Swords tell stories.” (Loades, 2010: 140-146)

A espada é um elemento presente em muitas narrativas míticas e heróicas e é o objecto primordial de qualquer cavaleiro que seja digno desse título. É ela que o ajuda a ultrapassar os obstáculos que lhe vão sendo postos, é ela que parece simbolizar a sua rectidão e valentia perante as adversidades da vida e é sobre ela que se fazem juramentos de fidelidade e de honra. De facto, até aos nossos dias, a espada está intimamente ligada ao rei, sendo um dos objectos que representa o seu poder e a sua autoridade. Na literatura arturiana, para além dessas características, a espada representa a legitimidade do reinado de Artur. Podemos considerar, também, que a espada é indissociável da sua identidade, uma vez que, seja ela a espada na pedra ou *Excalibur*, é este objecto que faz dele rei e que simboliza a herança celta do seu país, a magia e o mistério de tempos idos<sup>1</sup>.

Assim, nesta dissertação, pretendemos reflectir sobre a importância da espada na Idade Média, tanto na sua vertente histórica como no seu estatuto simbólico em várias mitologias europeias, nomeadamente a celta, a anglo-saxónica e a nórdica. Logo de seguida, centraremos a nossa atenção nas espadas mais famosas da cultura e literatura medieval inglesa, as espadas do mito arturiano – a espada na pedra e *Excalibur*, dois dos objectos mais importantes ligados a Artur, uma vez que constituem símbolos privilegiados da sua soberania, da sua autoridade e do seu poder.

---

<sup>1</sup> É ainda interessante pensar que é esta espada que dá nome a um dos mais emblemáticos filmes sobre a lenda arturiana: *Excalibur* (1981), de John Boorman. Ela é identificada como a espada do poder, destinada ao rei legítimo de Inglaterra e quando Artur fica sem ela, ao descobrir o adultério entre Lancelot e Guinevere, o reino de Camelot cai em desgraça. Lancelot chega a clamar “The king without a sword! The land without a king!”, relembrando a ligação entre a espada, o rei e a terra. Também na animação, a Disney reconta a história da ascensão de Artur ao trono referindo-se à espada que faz dele rei, por intermédio do filme *The Sword in the Stone* (1963), baseado no livro de T. H. White com o mesmo nome.

As primeiras armas concebidas pelo homem – o arco, as setas, o machado e a clava – tinham o propósito de servirem como armas de caça pelos povos pré-históricos. Não havendo exércitos, o propósito dos bandos de guerreiros armados residia nas incursões ou assaltos a grupos vizinhos, possuindo estes guerreiros somente armas feitas de pedra (Regan, 2006: 26). As lâminas mais antigas a serem produzidas eram feitas de sílex ou obsidiana, e só a partir da descoberta do bronze, por volta do terceiro milénio a.C., é que as espadas, como as conhecemos, começaram a surgir, com lâminas de maior duração e força (Regan, 2006: 10). Posteriormente, por volta do século III a.C., os legionários romanos adoptaram a espada curta dos celtiberos, o *gladius hispaniensis*, aquando da conquista da Península Ibérica. Mais tarde, o *gladius* veio a transformar-se na *spatha* romana, uma espada mais longa, aquela que estará, porventura, na génese das espadas dos guerreiros e cavaleiros medievais.

No primeiro capítulo, pretendemos destacar as características principais e mais comuns das espadas na Idade Média. Fazendo uma análise sob um ponto de vista histórico e arqueológico, serão abordadas questões que se focam principalmente no objecto em si, traçando uma evolução no que diz respeito aos materiais usados no seu fabrico e à sua forma que se vai alterando consoante as necessidades dos guerreiros. Começando pela Idade do Ferro e, mais especificamente, pelos celtas, retratamos ainda o estilo de luta dos guerreiros celtas, o seu armamento, chamando a atenção para as armas principais que estes usavam, para além dos materiais de que eram feitas. Nesse aspecto, é possível verificar que as espadas não eram muito comuns, estabelecendo uma distinção social na hierarquia guerreira celta: as espadas, normalmente, eram objectos reservados a homens abastados, aos chefes de tribo ou rei, uma vez que eram ricamente ornamentadas.

Já os anglo-saxões tinham uma ética guerreira e estilo de vida semelhante à dos celtas e, por isso, nesse aspecto não houve muitas alterações. Contudo, houve mudanças em relação ao fabrico das espadas, nomeadamente a adição de elementos decorativos nas próprias lâminas. Aqui, começa a assistir-se a uma maior personalização das espadas, que começam a ser encaradas como objectos imbuídos de propriedades mágicas ou sagradas. Para comprovar a importância da espada nesta sociedade, é possível recorrer a um dos textos que mais revela sobre esta cultura: *Beowulf*. Mas uma característica que permanece do tempo dos celtas é o facto de que as espadas mais

valiosas são propriedade de guerreiros importantes ou homens ricos, como reis e chefes de tribo.

Após o período anglo-saxónico, dá-se uma transformação das classes guerreiras dos povos bárbaros, devido à influência de Carlos Magno, e com o início daquilo que viria a ser conhecido, mais tarde, como a instituição da cavalaria que obedecia a determinados valores. Assim, a espada passa a ser propriedade do cavaleiro que presta juramento ao seu rei ou senhor e passa a servi-lo, por exemplo, nas guerras pelo seu país. Neste período, podemos verificar que começa a haver uma maior variedade no estilo de espadas, nomeadamente no que toca ao tamanho das lâminas e formas dos punhos. Contudo, verifica-se que, como armas de guerra mais comumente utilizadas, são também mais simples na sua decoração. As espadas mais decoradas e ricas são, mais uma vez, as que pertencem aos reis e são, normalmente, espadas cerimoniais, símbolos da sua soberania e autoridade. De notar ainda que, com a expansão do Cristianismo, a espada torna-se na arma por excelência da defesa da Igreja, na luta contra os infiéis e, por isso, a investidura do cavaleiro passa a ter um cunho religioso.

Depois de uma abordagem mais histórica e recorrendo à informação transmitida através dos achados arqueológicos, passamos a uma abordagem que se vai centrar nas mitologias que influenciaram as crenças e o imaginário do homem medieval no território britânico. Tendo a Grã-Bretanha sido habitada por povos celtas e anglo-saxónicos, vindos os últimos do norte da Europa, a esta dissertação importa abordar as mitologias celtas, da Irlanda e do País de Gales, assim como a mitologia nórdica que os anglo-saxões supostamente terão trazido para Inglaterra.

Nos textos que nos foram deixados, desses períodos, podemos perceber que o que é mais evidenciado não são as características físicas da espada, mas sim as suas qualidades mágicas e simbólicas que a vão transformar em arma divina, pertencente aos principais deuses e heróis das mitologias, forjada em contextos misteriosos e capaz de feitos impossíveis. Estas armas estão ainda ligadas à luz e são vistas como tendo personalidade própria, através da atribuição de nomes. É possível verificar isso na identificação das armas dos principais deuses e heróis, como Cuchulain e Lug, na mitologia irlandesa, Artur e Culhwch, na mitologia galesa, e Tor e Sigmund na mitologia nórdica. É nestes textos mitológicos que se encontram paralelos e as raízes da espada *Excalibur*, na literatura arturiana.

Destacamos, ainda, a importância simbólica do ferro enquanto material primário para fabricar estas armas, imbuído de uma sacralidade celeste e telúrica, bem como do ferreiro, visto como um feiticeiro, como alguém que trabalha no limbo entre deuses e humanos para produzir as armas dos mesmos.

Tendo visto como são descritas as espadas nas mitologias abordadas, chegamos à importância da espada na literatura arturiana, em especial à espada do rei Artur: *Excalibur*. Aqui importa destacar que, apesar da noção habitual de que a espada *Excalibur* é a que Artur retira da pedra, tal não é verdade. Artur possui duas espadas que obtém em alturas diferentes, por meios diferentes e com propósitos e significados diferentes. A espada na pedra, posta no adro de uma igreja e que estaria designada a quem fosse o rei legítimo da terra, como se virá a verificar, é o símbolo da sua soberania do território britânico. Artur é o único que a consegue retirar e esta é a espada da sua consagração enquanto rei do território da Grã-Bretanha. Este episódio figura, pela primeira vez, na obra do francês Robert de Boron, *Merlin*, escrita entre o final do século XII e início do século XIII, sendo repetida na obra de Sir Thomas Malory, *Le Morte D'Arthur*, escrita já no final do século XV, em Inglaterra. Sendo uma espada que é obtida no adro de uma igreja, carrega consigo a herança cristã de um rei que é escolhido por Deus para defensor da Sua fé.

Já *Excalibur* surge como uma herança das espadas dos heróis celtas, uma vez que o seu nome parece ser uma transformação dos nomes dessas espadas anteriores: *Caladbolg*, a espada de Cuchulain na mitologia irlandesa, e *Caledfwlch*, espada do próprio Artur na mitologia galesa. Geoffrey of Monmouth, autor de *Historia Regum Britanniae (History of the Kings of Britain)*, obra escrita por volta de 1136, latiniza estes nomes para *Caliburnus*. Aqui, a espada é símbolo do poder e da força de Artur e é um objecto inigualável, carregando referências, também, da cultura celta. Já em *Le Morte D'Arthur*, a obtenção de *Excalibur* é retratada num ambiente mais místico e simbólico, recuperando outros motivos celtas, nomeadamente o da presença da Deusa ou Soberania, representada pela Dama do Lago, que é a mulher que oferece a espada a Artur. Esta é a espada de poder de Artur, uma aliança entre o rei e a Deusa da terra. A espada e a sua bainha têm, ainda, significados místicos ligados ao Sagrado Feminino e à herança celta de raiz matrilinear que, apesar de ter sido suplantada pelas crenças de um deus masculino da religião cristã, continua presente na imaginação do homem medieval.

Vale a pena referir, também, a dificuldade em encontrar bibliografia que tratasse este tema em profundidade, uma vez que há muito pouca ou quase nenhuma investigação feita sobre *Excalibur*, que nos parece tão importante na lenda arturiana. Porém, tal obstáculo não nos impediu de escrever esta dissertação que, esperemos, possa vir a acrescentar mais um elemento à investigação sobre a literatura arturiana medieval.

## 1. A espada e o homem da Idade Média

### 1.1. A espada no contexto celta e anglo-saxónico

#### 1.1.1. A espada e o guerreiro celta

Os dados históricos sobre os celtas ainda se encontram envoltos em controvérsia porque existem várias especulações sobre as suas origens e fixação na Europa, originando diversas teorias sobre a sua natureza e comportamentos (Varandas, 2006: 289). No entanto, os investigadores acreditam que os celtas foram um povo Indo-Europeu<sup>2</sup>, originário da área da actual República Checa, e que, depois, se terá espalhado pelo centro da Europa até às regiões que correspondem actualmente à França, Península Ibérica e Ilhas Britânicas<sup>3</sup>. Contudo, com a crescente expansão do Império Romano no final do século III e início do século II a.C., os territórios dos celtas continentais começaram a ser pressionados, acabando por se submeterem ao domínio romano, facto que levou algumas tribos a procurar refúgio mais para norte, nomeadamente na Grã-Bretanha e Irlanda.

No caso de Inglaterra, a ocupação romana, após o ano de 43 d.C., empurrou muitas comunidades para zonas periféricas como a Cornualha, País de Gales, Escócia e Ilha de Man. Por volta do ano 80, os romanos já tinham conquistado território até à Caledónia, actual Escócia, embora as legiões nunca tenham conseguido assegurar por completo essa região, fazendo com que esta permanecesse, por isso, parcialmente celta. A Irlanda foi a única parte do mundo celta que ficou livre da ocupação romana, sendo que a sua cultura permaneceu quase intocada durante muito mais tempo.

---

<sup>2</sup> O povo Indo-Europeu terá habitado a região do norte da Eurásia, partindo posteriormente para outras regiões do Velho Continente. Várias são as teorias para o motivo desta deslocação, uma delas proposta por Marija Gimbutas. Segundo esta investigadora, os Indo-Europeus eram povos nómadas, dependentes da criação e domesticação de animais para viver, estando a sua expansão relacionada com a procura de novas terras para cultivar. A esta teoria, Gimbutas atribuiu o nome de Hipótese de Kurgan, que é aceite por praticamente toda a comunidade científica havendo, contudo, quem defenda o carácter militar do povo Indo-Europeu.

<sup>3</sup> Existe, ainda, uma teoria mais recente, de 2006, segundo a qual os celtas que migraram para as Ilhas Britânicas e para a Irlanda entre 5000 e 4000 a.C. terão partido do sul da Península Ibérica (hoje, o sul de Portugal e sudoeste de Espanha), onde se haviam refugiado após a última glaciação. Esta teoria é de Bryan Sykes, na sua obra *Blood of the Isles* (2006), corroborada por Stephen Oppenheimer em *The Origins of the British* (2006), sendo ambos investigadores da Universidade de Oxford.

Na Europa continental, a governação romana parece ter extinguido definitivamente a cultura celta e, de forma mais lenta, as suas línguas também. Já nas Ilhas Britânicas, as comunidades celtas que habitavam a zona mais tarde conhecida como Inglaterra, acabaram por ser absorvidas pela cultura e hábitos romanos, não oferecendo grande resistência, embora aqui se destaque o episódio da revolta de Boudica<sup>4</sup>.

Depois da queda de Roma, no ano de 476, houve um reaparecimento da cultura celta, talvez como resposta ao estabelecimento dos primeiros reinos anglo-saxónicos no leste da Inglaterra. Como as ilhas nunca foram totalmente romanizadas e tanto a língua como a estrutura social celtas sobreviveram à colonização dos romanos, as características base desta cultura permaneceram vivas. Assim, este colapso do poder de Roma levou à reemergência da sociedade celta na Grã-Bretanha, que persistiu no norte e também no oeste pouco romanizado da ilha, ganhando um novo fôlego. Porém, este revivalismo celta foi interrompido pelas invasões vikings no século VIII, na Europa continental e nas Ilhas Britânicas (James, 1993: 12-13).

A sociedade celta era uma sociedade predominantemente heróica, dominada pela ética guerreira e dividida em três grupos sociais: a nobreza guerreira e o seu rei ou chefe, os homens das artes, nos quais se incluíam bardos, druidas e artesãos, e os escravos. Os druidas eram responsáveis pela manutenção da identidade e bem-estar da população, agindo como mediadores entre comunidades diferentes e entre o mundo terreno e o mundo dos deuses e dos mortos. Os bardos partilhavam o repositório de histórias e tradições orais, para além de “cantarem” e exaltarem as virtudes da classe guerreira, perpetuando os seus feitos nas gerações futuras. Aos artesãos cabia a habilidade de fazerem não só as ferramentas e equipamentos usados na vida quotidiana, mas também muitos dos adornos e enfeites que os grandes senhores celtas usavam para mostrar a sua riqueza e posição social elevada. Além disso, a sociedade celta da Idade do Ferro<sup>5</sup> era, essencialmente, rural, sendo que a maior parte da população passava a sua vida no campo, cuidando da terra e dos animais (James, 1993: 52-53).

---

<sup>4</sup> A revolta de Boudica contra os romanos ocorreu após a morte de Prasutagos, seu marido e rei da tribo dos Icenos. Os romanos tentaram anexar o seu território ao do Império, recusando-se a reconhecer Boudica como soberana daquelas terras, para além de imporem pesados impostos sobre o seu povo. Assim, Boudica e o seu povo revoltaram-se contra estas medidas e contra esta anexação, vindo a ser derrotados, posteriormente, quando Icenos e romanos se enfrentaram em batalha (James, 1993: 139).

<sup>5</sup> A Idade do Ferro compreende o período entre 1200 a.C. – 1000 d.C.. Na Grã-Bretanha e Irlanda este período terá tido um início mais tardio, por volta do ano 600 a.C. e terminando em 1000 d.C..

Quanto à classe guerreira, esta era encabeçada pelo rei ou chefe de tribo que era eleito de entre o ramo da família do seu predecessor, embora não necessariamente um dos filhos. Neste grupo prevaleciam valores como a bravura e a lealdade, sendo que a guerra era uma parte importante da política e sociedade celtas. A coragem de um guerreiro era uma das suas maiores virtudes, altamente valorizada e muito importante para os nobres celtas. Note-se que, dentro da própria classe guerreira, havia distinções entre os homens mediante o porte de arma de cada um. O porte de arma podia, assim, ser considerado como sinal de masculinidade e quanto mais esplêndida e mais elaborada fosse a arma, mais importante seria o seu proprietário, que estaria num nível superior aos outros (James, 1993: 73).

A impressão dada pelos achados arqueológicos é a de ostentação: as armas eram feitas de maneira exímia e muito bem decoradas, já que os celtas gostavam de deslumbrar o inimigo com as suas armas ricas. Muitas das armas celtas eram feitas em bronze e em ferro, sendo que as espadas eram, por vezes, entalhadas com padrões complexos e os elmos tinham cristas ornamentadas e pomposas (James, 1993: 73). As armas básicas de um guerreiro celta da Idade do Ferro eram uma lança com ponta de ferro e um escudo, aos quais se juntavam um elmo e uma espada, no caso dos mais abastados e, mais tarde, a cota de malha<sup>6</sup>. Contudo, Simon James afirma: “These arms may have served more often as symbols of free status and hunting gear than for war” (1993: 75).

Entre os achados arqueológicos contam-se também arreios para cavalos, o que pode significar que os celtas já haviam começado a lutar a cavalo e que as longas espadas<sup>7</sup> encontradas nas sepulturas de chefes de tribo tinham evoluído para este novo tipo de combate (Powell, 1965: 106). Contudo, Powell refuta esta hipótese ao afirmar que o manejo destas armas tão grandes seria difícil para quem montasse a cavalo, especialmente sem estribos, desconhecidos na época (1965: 107). Ainda assim, foram encontrados carros de quatro e duas rodas, que podiam ter um uso cerimonial ou destinado ao transporte de carga e de pessoas, mas que normalmente estavam na posse

---

<sup>6</sup> Aparentemente, os celtas não usavam armaduras, até à invenção da cota de malha por volta do ano 300 a.C.. Contudo, o fabrico da cota de malha exigia uma grande perícia por parte dos ferreiros, consistindo num trabalho bastante intensivo e caro, pelo que nunca foi muito comum, estando o seu uso reservado aos guerreiros mais velhos. Deste modo, a maior parte dos guerreiros celtas continuou a lutar sem qualquer armadura (James, 1993: 77).

<sup>7</sup> Durante os séculos V a III a.C., as lâminas eram curtas. Contudo, os melhoramentos na tecnologia do ferro e mudanças a nível do estilo de luta resultaram em lâminas de espada mais cortantes e mais compridas, já nos séculos II e I a.C. (James, 1993: 75).



dos grandes senhores celtas<sup>8</sup> (figura 1.1). Quando usado em batalha, esse carro era puxado por uma parelha de cavalos pequenos e o senhor que transportava iria armado com uma espada de ferro, uma adaga e dardos (Powell, 1965: 108). Assim, a função primária do guerreiro sobre um carro de rodas era correr ao longo da linha da frente inimiga para inspirar medo, tanto lançando projecteis como fazendo grande alarido com gritos, toques de trompa e pancadas nos lados do carro. Posteriormente, descia desse carro, deixando uma espécie de cocheiro preparado, caso fosse preciso retirar, e ia então lutar com a sua espada ou lança (Powell, 1965: 109). Contudo, era mais comum os celtas combaterem a pé, numa luta corpo a corpo, do que montados em cavalos.

Destacam-se ainda, como objectos de guerra dos mais abastados, os escudos e os elmos. Os escudos eram, normalmente, placas lisas de madeira, embora seja possível que alguns fossem forrados, na parte frontal, com couro, como protecção contra o passar do tempo e contra os danos provocados pelos golpes. Eram altos e ovais, ou rectangulares, com pontas arredondadas e pode, ainda, presumir-se que os escudos fossem decorados com cores vivas. As partes frontais de escudos cerimoniais que sobreviveram até aos nossos dias mostram, ainda, que estes eram embelezados com símbolos e figuras animais. No centro do escudo, normalmente, havia uma saliência, cuja função era proteger o punho do guerreiro, uma vez que seria aí que estaria a pega central (figura 1.17). Essa saliência podia ainda ser feita de ferro ou bronze, com função protectora ou decorativa (James, 1993: 75-76). Já os elmos eram mais usados em cerimónias do que na guerra. Eram feitos de ferro, tinham protecções nas zonas das maçãs do rosto, uma placa para proteger o pescoço e o cimo do elmo poderia ter uma decoração elaborada. Este tipo de elmos é associado, mais frequentemente, aos celtas da Gália, em França (James, 1993: 76).

Arqueologicamente, os investigadores dividem a cultura celta em dois momentos, que correspondem a dois períodos diferentes da Idade do Ferro: o período de Hallstatt e o período de La Tène<sup>9</sup>. A cultura de Hallstatt, na Áustria, terá surgido entre 1200 a.C. e 474 a.C., e nela eram produzidos objectos ainda da Idade do Bronze<sup>10</sup>. Somente a partir de 800 a.C. é que esta se transforma completamente numa cultura de Idade do Ferro,

---

<sup>8</sup> De acordo com os textos mitológicos irlandeses, Cuchulain lutava em carros de quatro rodas.

<sup>9</sup> Os nomes derivam dos locais onde foram encontrados artefactos celtas importantes, datados de períodos diferentes da Idade do Ferro.

<sup>10</sup> A Idade do Bronze compreende o período entre 3300 a.C. – 1200 a.C. No caso da Grã-Bretanha e da Irlanda os finais deste período podem ir até 700-600 a.C..

pois daí em diante os artefactos encontrados são unicamente feitos desse material. Até aí, era possível encontrar objectos feitos tanto de bronze como de ferro<sup>11</sup> (Loades, 2010: 1121). A cultura de La Tène, na Suíça, terá sido desenvolvida durante o século V a.C. até à conquista da Gália, em 52 a.C., marcando o apogeu da cultura celta. Estas duas denominações servem para se poderem identificar, mais facilmente, objectos de uso comum e de tipos diferentes, que tiveram distribuição por uma larga área geográfica que cobria a Europa central e ocidental. Para o nosso caso, interessa-nos o período de Hallstatt C, que começa em 800 a.C., já que somente a partir desse período é que deixa de haver objectos de bronze.

Segundo R. Ewart Oakeshott, entre 950 e 450 a.C. foram usados três tipos de espada: a longa espada de bronze de transição, que servia para cortar; a pesada espada de ferro, que deu continuidade à forma das espadas de bronze mas agora num novo metal; e, já numa última fase, a espada de ferro curta que derivava das armas usadas pelos etruscos e gregos, com quem os celtas tiveram crescente contacto depois de 600 a.C. (Oakeshott, 1996: 41). Deste modo, podemos verificar que houve mudanças que foram operando no desenvolvimento e evolução no fabrico da espada, tanto na sua forma como nos materiais utilizados, até dentro do mesmo período cultural.

Assim, as espadas<sup>12</sup> fabricadas nesse período eram semelhantes às espadas de bronze de períodos anteriores, tendo uma espiga<sup>13</sup> larga, uma ponta afiada e lâminas estreitas em forma de folha<sup>14</sup>. Durante esta altura, as espadas de bronze continuaram a ser produzidas em simultâneo com as de ferro. Contudo, à medida que o conhecimento sobre a produção do ferro aumentou, o mesmo aconteceu à produção de espadas deste material. Num momento inicial, estas espadas da Idade do Ferro logo se tornaram símbolos de um alto estatuto para os mais ricos, permanecendo as lanças como as armas mais comuns para os restantes membros da sociedade (Loades, 2010: 1125-1131). Os punhos<sup>15</sup> costumavam ter pomos<sup>16</sup> bastante distintos, muitos deles parecendo-se com

---

<sup>11</sup> Este período entre 1200 a.C. e 800 a.C., quando se produziam objectos de bronze e ferro simultaneamente, é denominado por Hallstatt A e B.

<sup>12</sup> Para um esquema mais pormenorizado com as designações das partes da espada ver a figura 1.2, na página 99 da presente dissertação.

<sup>13</sup> Extremidade não afiada da lâmina de uma espada, oposta à ponta, projectada para funcionar como base sobre a qual o punho é colocado.

<sup>14</sup> Estas lâminas eram estreitas no topo e mais largas a partir do meio até à ponta.

<sup>15</sup> Parte superior da espada composta por três partes: o guarda-mão, o cabo e o pomo. Esta é, talvez, a parte mais distinta da espada, conferindo-lhe algum charme, carácter e estatuto. É, ainda, a base para se determinar a história, o valor e a classificação da espada.

um chapéu mexicano. A maior parte dos que se encontram preservados são feitos de chifre ou marfim, decorados em ouro ou âmbar e um desses exemplos encontra-se numa espada encontrada em Gomadingen, na Alemanha, cujo punho é de chifre ou osso, decorado com folhas de ouro e com o distinto pomo em forma de chapéu mexicano (figura 1.3). Este é o tipo de pomo mais usado pelos celtas da cultura de Hallstatt (Oakeshott, 1996: 41). Já as bainhas destas espadas eram feitas de madeira, cobertas com couro, forradas com pêlo e embelezadas com pontas em bronze com um padrão inovador e distinto na época, parecendo-se com umas asas abertas (figura 1.4) (Oakeshott, 1996: 42).

Sucedendo ao período de Hallstatt, temos o período La Tène, cuja cultura cobria uma área geográfica maior do que a anterior, incluindo já a Grã-Bretanha, proliferando desde meados do século V a.C. até ao século I a.C.. Neste caso, o bronze era o material preferido para o fabrico das bainhas, assim como para os punhos, com formas antropomórficas elaboradas (Loades, 2010: 1131). Porém, as lâminas eram feitas somente de ferro ou, mais exactamente, de uma forma básica de aço. As espadas de La Tène tinham lâminas direitas, com gumes paralelos e com espigas mais estreitas. Já mais para o fim deste período, as espadas, na Europa continental, tinham as pontas arredondadas, embora muitas das espadas encontradas na Grã-Bretanha tivessem pontas afiadas. O facto de terem pontas arredondadas devia-se, talvez, ao facto da metalurgia das primeiras espadas de ferro não ser compatível com as pontas cónicas (Loades, 2010: 1136).

Embora não fosse muito habitual o guerreiro celta lutar a cavalo, como já foi referido, este tipo de luta passou a ser mais usual e os guerreiros começaram a usar as bigas<sup>17</sup> necessitando, por isso, de espadas que servissem para cortar, em vez de trespassar, o seu inimigo. Ao lutar a cavalo, o guerreiro precisaria da vantagem do alcance e isso era-lhe dado por intermédio de espadas mais longas e cortantes. Estas espadas longas são o antepassado das espadas dos cavaleiros medievais (Oakeshott, 1996: 53). Contudo, espadas destas eram uma minoria, sendo que as comuns eram mais curtas, pequenas e leves, que favoreciam a velocidade e a agilidade durante a luta

---

<sup>16</sup> O pomo, ou botão, é a extremidade traseira do punho de uma espada, cuja função era contrabalançar o peso da lâmina. Desta forma, aquele que manejava a espada poderia fazê-lo com maior equilíbrio e rapidez.

<sup>17</sup> As bigas eram carros de duas rodas puxados por dois cavalos, usadas em combate durante a Idade do Bronze e Idade do Ferro.

(Loades, 2010: 1266). Uma das vantagens de se ter uma espada mais pequena é que era menos provável que ela se dobrasse durante os confrontos, permitindo ao guerreiro cortar e trespassar a vítima mais facilmente (Loades, 2010: 1271).

Poucos punhos de espadas deste período sobreviveram, o que sugere que seriam feitos de materiais perecíveis, como osso ou chifre, tal como aconteceu com as espadas mais tardias do período das migrações, encontradas nos pântanos dinamarqueses. A maior parte das espadas continentais desta fase consistem somente nas lâminas e nos suportes das bainhas. As próprias bainhas pereceram, embora se saiba que a maioria era feita de madeira coberta com couro, apesar de existirem algumas feitas de bronze e de ferro. De facto, na Grã-Bretanha esta última era a tendência mais comum (Oakeshott, 1996: 55). Nas Ilhas Britânicas, as espadas de ferro eram diferentes das da Europa continental. As lâminas eram mais finas e fracas, mas, apesar disso, as bainhas eram maioritariamente feitas de bronze e, muitas vezes, embelezadas com ornamentos ricos e decoradas com motivos característicos da arte celta, na medida em que predominavam os padrões curvos e geométricos complexos (Oakeshott, 1996: 56).

A título de exemplo, podemos indicar uma espada datada do século III a.C. encontrada em Kirkburn, em Yorkshire, toda ela decorada com esmalte vermelho (figura 1.5). A espada de Kirkburn possui um punho e uma bainha de grande complexidade e beleza, indicando que só poderia ter estado na posse de um homem muito abastado. O punho é também feito de ferro com rebites decorativos em ferro e bronze. Estes, por sua vez, estariam cobertos com esmalte vermelho ou vidro, que também preenchia os sulcos dos padrões esculpidos no cabo<sup>18</sup>. Já o guarda-mão<sup>19</sup> e o pomo são feitos de material orgânico, provavelmente de chifre, com faixas de ferro decoradas também com esmalte. A bainha é feita de ferro, mas a placa frontal é de liga de cobre e, talvez, tenha sido de cor dourada, decorada com um elaborado padrão gravado na superfície. Todas as partes da espada estavam seguras e decoradas com largos rebites cobertos com esmalte, incluindo os da bainha (James, 1993: 112).

Os celtas tinham ainda dois tipos de espadas usadas somente em cerimónias: as espadas votivas e a espada cerimonial. As espadas votivas tinham vários desenhos e

---

<sup>18</sup> Área entre o pomo e o guarda-mão que servia para segurar e controlar a espada. Podia ser feita de vários materiais, incluindo couro, tecido e placas metálicas aplicadas sobre um núcleo oco feito de madeira, osso ou metal.

<sup>19</sup> Parte protectora do punho, localizada entre a lâmina e o cabo, desenhada para bloquear, desviar ou redireccionar a espada do oponente, minimizando a probabilidade de ferimentos no cavaleiro.

tamanhos, tendo sido recuperadas de rios e lagos onde foram, outrora, atiradas como oferendas ao deus ou deusa do local tendo, essencialmente, esse propósito de oferta. A espada cerimonial era uma espada longa de dois gumes, com bainha de bronze trabalhada em filigrana ou em esmalte. Estas espadas tinham, muitas vezes, punhos antropomórficos: uma pequena figura no pomo que representava o espírito dentro dela ou que lhes dava o seu nome. Muitas destas espadas não podiam ser usadas em batalha, uma vez que eram espadas de porte, de estatuto, usadas pelo líder tribal na sua sucessão ou em ocasiões de cerimónia. A mesma riqueza decorativa também era aplicada a outros objectos de guerra cerimoniais como o elmo e escudo que, tal como a espada, eram muitas vezes colocados na sepultura do chefe ou líder. Esta espada de cerimónia sobreviveu como sendo uma espada de classe e como símbolo da soberania de quem a ostentasse (Barker, 1979: 19).

#### 1.1.2. A espada e o guerreiro anglo-saxão

No século V d.C. começou a haver uma deslocação das tribos anglo-saxónicas<sup>20</sup> para território britânico. Algumas tribos começaram as suas migrações ainda durante a ocupação romana, mas intensificaram-se depois do rei britânico Vortigern ter pedido ajuda a dois mercenários, Hengest e Horsa, com o propósito de repelir os ataques das tribos do norte, os Pictos e os Escotos, de acordo com a história contada por Beda, o Venerável, em *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum*<sup>21</sup>. Deste modo, os anglo-saxões acabaram por se estabelecer no leste da Inglaterra, tornando-se cada vez mais fortes, começando a colonizar o resto do país.

Em termos sociais, os anglo-saxões tinham uma estrutura e código de valores muito semelhantes à dos celtas. A sociedade era tripartida, estando dividida em três grupos: na base estavam os escravos, no centro os homens livres e artesãos, enquanto no topo estavam o chefe e a aristocracia guerreira. Deste modo, a comunidade anglo-saxónica

---

<sup>20</sup> Neste caso concreto, as três tribos anglo-saxónicas que chegaram à Inglaterra foram: os anglos, do sul da península da Dinamarca, os saxões, do norte da Alemanha e da Holanda e os jutos da Jutlândia.

<sup>21</sup> Em *Historia Ecclesiastica Gentis Anglorum* (731), Bede conta como anglos e saxões chegaram à Inglaterra, sob o comando dos irmãos Hengist e Horsa, a convite do rei Vortigern para combater os Pictos e os Escotos. Em troca, os britânicos concederam terras para os invasores se instalarem, desde que mantivessem a paz entre eles. Porém, mais grupos começaram a chegar a Inglaterra, para aí viverem, acabando por lutar contra os britânicos pela soberania do território (Bede, 1990: 62-64).

era aristocrática e predominantemente masculina, sendo que os clãs eram muito fechados, com elos muito fortes entre os guerreiros e entre os guerreiros e o seu chefe ou rei. A classe guerreira estava à parte do resto da população e operava em pequenos grupos, uma vez que grupos acima de trinta e cinco homens eram considerados como um exército. O maior desejo de um guerreiro era ganhar fama entre os seus pares e o seu código de valores e honra levava-o a lutar até ser o último homem de pé, sendo que morrer em batalha era uma honra que os guerreiros procuravam e não um destino a ser temido. Sobreviver ao próprio rei era, de resto, considerado uma desgraça (Loades, 2010: 1865).

Deste modo, o código guerreiro tinha uma grande relevância nas vidas destes homens e as virtudes mais importantes eram a bravura, a fortaleza de espírito e, acima de tudo, uma lealdade auto-sacrificial para com o grupo que não só lutava junto como vivia junto. Assim, um líder rodeava-se dos seus companheiros de confiança e eram estabelecidos laços fortes de consanguinidade. O rei possuía um salão onde se faziam os banquetes, as festas, as reuniões, e aí se ouviam histórias de feitos passados, de heróis e espadas magníficas com propriedades mágicas. Tais histórias deviam inspirar os guerreiros, perpetuando uma cultura de auto-sacrifício e de lealdade inabalável. Em troca de lealdade, o rei alimentava, vestia, armava e acomodava os seus guerreiros, que seriam os seus companheiros mais próximos, do seu círculo mais íntimo (Loades, 2010: 1865-1870).

A comunidade anglo-saxónica era, essencialmente, rural. A economia era baseada na agricultura e todas as classes da sociedade viviam, primariamente, da terra. Contudo, os rendimentos seriam ainda maiores quando eram adicionados os saques de guerra. Tudo era dado ao rei que, depois, distribuía a riqueza de acordo com a sua generosidade. Deste modo, a guerra tornou-se uma necessidade económica, havendo ataques frequentes entre tribos vizinhas, reforçando a interdependência entre os “thegns” e os “ceorls”<sup>22</sup>. Tratar da terra de forma eficaz significava ter uma presença militar forte, necessária para defesa dos ataques exteriores; e ter uma força militar bem equipada significava ter uma economia agrícola para a sustentar (Loades, 2010: 1875).

---

<sup>22</sup> Em inglês antigo, os “thegns” eram proprietários de terras, independentes, mas que deviam lealdade ao seu rei. Os “ceorls” eram os que tratavam a terra e pagavam renda ao proprietário. Ainda havia os “gesithas”, companheiros do rei da tribo, pertencendo ao seu círculo mais íntimo.

Embora a espada fosse a arma mais importante dos anglo-saxões, não surge com tanta frequência como as outras armas, nas sepulturas. De facto, foram espadas somente em sepulturas de homens ricos ou de chefes de tribos, o que significa que seriam artigos raros e de grande riqueza<sup>23</sup> (Oakeshott, 1996: 92). Deste modo, quando é encontrada uma sepultura onde um homem tenha sido enterrado juntamente com a sua espada, a suposição geral é a de que este tenha tido um estatuto social elevado (Davidson, 1998: 10). Os locais mais comuns destes achados são os pântanos e lagos na Dinamarca, rios e sepulturas. No caso das Ilhas Britânicas, foram descobertas várias espadas do período viking<sup>24</sup> em boas condições, no rio Tamisa. O facto da maior parte das espadas se encontrar submersa revela que estas podem ter sido aí depositadas por causa de crenças religiosas, como oferendas aos deuses da guerra (Davidson, 1998: 6), assunto que será explorado no capítulo mais à frente, dedicado a questões de ordem mágico-religiosa. Veio a verificar-se também, que as espadas submersas estavam em melhor estado de conservação do que as espadas enterradas, sendo que as lâminas destas últimas criaram ferrugem, unindo-as às bainhas, tornando impossível a sua examinação (Davidson, 1998: 8).

As espadas mais antigas do período anglo-saxónico são de gume duplo e com cerca de setenta e cinco centímetros de comprimento. São de lâmina fina, com gumes direitos e pontas arredondadas. Conhecidas, tecnicamente, como “*spatha*”, estas espadas têm uma ancestralidade que vem desde as espadas celtas do período de La Tène, semelhantes em comprimento e forma (Wilson, 1971: 109). O centro da lâmina, por sua vez, era decorado mediante um processo de fundição de padrões nas lâminas resultante da reutilização do metal, por vezes de composições diferentes (Davidson, 1998: 31). Este processo consistia no derretimento desses pedaços de metal, fundindo-os, torcendo-os e manipulando-os para formar um novo objecto que ficaria com um novo padrão (figura 1.6). Um dos padrões mais cobiçados era conhecido como a “Escada de

---

<sup>23</sup> O autor David Wilson refere ainda que Baldwin-Brown, um historiador de arte britânica, citou alguns factos que comprovam a raridade das espadas enquanto achados arqueológicos: em 308 sepulturas, em Kingston, foram encontradas somente duas espadas; em Bifron, de 150 sepulturas, só sete tinham espadas (Wilson, 1971: 108).

<sup>24</sup> Os vikings, povos do norte da Europa, nomeadamente da Escandinávia, começaram as suas invasões no território britânico em 793, com o assalto ao mosteiro de Lindisfarne, no nordeste inglês, matando vários monges e roubando relíquias sagradas. Até ao final do século X, as invasões vikings foram marcadas pela grande violência e destruição que provocaram na Grã-Bretanha. Na Europa continental, as invasões vikings continuaram até meados do século XI.

Maomé”, porque tinha bandas horizontais que atravessavam a lâmina, em intervalos regulares, o que era um efeito difícil de produzir na época (Davidson, 1998: 22). Contudo, este processo entrou em declínio por volta do século IX, talvez porque houve avanços no que diz respeito à própria metalurgia e à qualidade dos minérios extraídos. Porém, houve espadas com estes padrões que continuaram a ser utilizadas no período viking tardio e este processo não foi esquecido. É possível encontrar letras do alfabeto latino, que foram produzidas com uma técnica semelhante, incrustadas nas lâminas, bem como elementos decorativos também incrustados em espadas curtas, facas ou lanças (Davidson, 1998: 32).

Para além de padrões, as lâminas também podiam ter inscrições de vários tipos, algo que se tornou mais comum a partir do século IX. Estas inscrições podiam ser de nomes e de símbolos, como círculos, linhas, cruzes e letras. Havia também inscrições rúnicas<sup>25</sup>, embora estas não fossem elementos muito frequentes em lâminas de espadas, pois praticamente todos os exemplos conhecidos estão no punho ou na bainha (figura 1.7). Algumas inscrições rúnicas em pontas de lança sugerem que as runas eram colocadas em armas para trazer força, boa sorte e vitória aos que as possuíam (Davidson, 1998: 43-44). Mas é mais comum encontrar-se inscrições de letras já do alfabeto latino, acompanhadas pelas marcas do próprio ferreiro que as fazia, colocadas na parte central da lâmina e em tamanho grande (Davidson, 1998: 45). Assim, as inscrições nas lâminas estariam presentes para indicarem que pertenciam a alguém ou, simplesmente, como símbolos especiais, no caso das runas (Davidson, 1998: 50).

Quanto às marcas de ferreiro, há duas inscrições que se destacam nos achados arqueológicos da época: a de *Ingelrii* e a de *Ulfberht*. As lâminas com a inscrição *Ulfberht* (figura 1.8) eram feitas de aço de alta qualidade, não tinham padrões soldados e representavam uma tendência para o fabrico de espadas mais leves, mais equilibradas, tanto para cortar como para trespassar, algo que se começa a notar a partir do século X (Davidson, 1998: 47). Já as lâminas com a inscrição *Ingelrii* (figura 1.9) parecem ter sido produzidas num período anterior ao das lâminas *Ulfberht*, e continuaram a ser feitas até mais tarde, já que foi possível encontrar essa inscrição numa espada do século XII. Estes nomes parecem ser de ferreiros, cujos nomes terão sido passados através de

---

<sup>25</sup> O alfabeto rúnico foi um alfabeto usado pelas tribos germânicas, antes da adopção do alfabeto latino, e que era utilizado para fins limitados e práticas mágicas, uma vez que estas tribos não registavam por escrito o seu material histórico e lendário. A variante anglo-saxónica chama-se futhork, ou fuþork, derivado das primeiras letras do alfabeto (F, U, Þ, O, R, K).



gerações de cada família, ou passaram a ser usados como marca das oficinas em que as espadas eram feitas (Davidson, 1998: 48).

No caso dos punhos, a sua forma variava bastante<sup>26</sup> e eram talvez a parte da espada mais ornamentada. A sua decoração mais comum consistia em desenhos simples aplicados no ferro do pomo e guarda-mão. Num período inicial, o punho era revestido por uma fina placa de prata que, por sua vez, seria coberta com desenhos de pequenos pontos ou cruzeiros (figura 1.11). Já durante os séculos IX e X estas placas encontravam-se gravadas com padrões interlaçados e runas. Durante este período encontram-se, ainda, padrões geométricos incrustados em bronze num fundo de estanho, delineados com uma tira de fio de cobre (Oakeshott, 1996: 139).

Normalmente, as espadas eram transportadas em bainhas feitas de madeira cobertas com couro e, por vezes, forradas com lã, já que as gorduras naturais da lã impediam que a lâmina enferrujasse (Wilson, 1971: 109). Além disso, as bainhas eram bastante embelezadas, talvez mais do que a própria espada em si. Normalmente, a ornamentação era feita com pedras preciosas e placas de ouro com adornos decorativos. Algumas incluíam cruzeiros, podendo concluir-se que ostentavam estes símbolos com a intenção de proteger a espada, para a consagrar e abençoar, salvaguardando-a durante a batalha (Davidson, 1998: 93). As bainhas também podiam ter inscrições rúnicas que, normalmente, representavam títulos ou nomes pessoais, identificando o proprietário da espada, ou ainda para dar nome à própria espada (Davidson, 1998: 97, 101).

Uma fonte provável da prática da inscrição de runas, tanto na lâmina como na bainha da espada, pode estar nas inscrições das pontas de lança que datam do período das migrações bárbaras, cerca do século V, provando que este era já um hábito num período inicial desta cultura. Aí, é possível identificar significados como “atacante”, “aquele que se apressa a atacar”, “aquele que põe à prova” ou “aquele que sibila”. Estas inscrições enfatizavam o poder de magoar, de testar o oponente e de fazer um barulho sibilante sempre que as armas atravessavam o ar. Caso estas interpretações estejam correctas, elas denotam uma personificação da arma num período inicial. Também pode dar-se o caso das runas serem entendidas como feitiços para reforçar e perpetuar as qualidades desejáveis a que elas próprias se referem (Davidson, 1998: 102). As espadas que tinham

---

<sup>26</sup> Havendo uma grande variedade de estilos de punho durante o período viking, Ewart Oakeshott estabelece uma tipologia de espadas baseada nos vários estilos de punho desenvolvidos ao longo dessa época, num total de nove tipos diferentes (figura 1.10) (Oakeshott, 1996: 133-141).

nome possuíam, ainda, poder adicional, já que os nomes carregavam um significado mágico nas sociedades antigas, tendo como base a crença animista de que os objectos, tal como os humanos e animais, tinham alma (Loades, 2010: 1783).

Ao falar de espadas, e da sua importância enquanto objectos de grande valor e importância para os guerreiros anglo-saxões, é impossível deixar de referir os achados arqueológicos de Sutton Hoo, descobertos em 1939, em Inglaterra. Nesse local, foi encontrado um barco fúnebre, bem como vários objectos reais pertencentes a um rei anglo-saxão. Os investigadores acreditam que este rei era Raedwald, um Bretwalda<sup>27</sup> do seu tempo, o único rei dos anglos do leste que terá morrido por volta de 624-625 (Barker, 1979: 27)<sup>28</sup>.

Em Sutton Hoo, foram encontrados objectos de carácter real, entre eles um ceptro, um elmo, uma espada, um escudo, uma fivela de ouro e uma harpa. Todos estes objectos encontram-se ricamente decorados e alguns teriam um propósito estritamente cerimonial, uma vez que não tinham uso prático. O ceptro, por exemplo, tem cerca de sessenta centímetros de comprimento, com quatro faces humanas esculpidas em cada uma das pontas, sendo coroadas com a figura de um pequeno veado de bronze, o emblema totémico da família de Rædwald, os Wuffings<sup>29</sup> (figura 1.12). Este ceptro só podia ter um uso cerimonial e, como Brian Barker diz, citando o responsável pelas antiguidades medievais do British Museum: “[...] a unique and savage thing and inexplicable, except perhaps as a symbol proper to the king himself” (Barker, 1996: 28). O ceptro de Sutton Hoo é também um objecto único, pois consiste, na realidade, numa pedra de amolar (para afiar lâminas), que nunca terá sido utilizada.

Para além do ceptro, também o elmo assume particular importância, uma vez que não era um objecto comum no período anglo-saxónico, estando somente reservado aos chefes de tribo, homens abastados ou rei (Wilson, 1971: 122). O elmo de Sutton Hoo era ornamentado com prata polida e elementos em ouro, tendo o visor decorado em prata e os painéis com relevos de desenhos de guerreiros e figuras divinas (figuras 1.13

---

<sup>27</sup> O nome “Bretwalda” era o nome que se dava ao rei ou chefe supremo dos reinos anglo-saxónicos.

<sup>28</sup> Uma das pistas que aponta para que o proprietário deste tesouro tenha sido Rædwald é a existência de trinta e sete moedas do período merovíngio (de metade do século V a metade do século VIII), datadas por volta do ano 620 que, quando somadas à restante riqueza da sepultura, coincidem com o grande poder que Rædwald terá tido (Campbell, 1991: 32).

<sup>29</sup> O veado é ainda, na cultura anglo-saxónica, símbolo da figura régia por ser o rei da floresta. Os rostos esculpidos no ceptro podem aludir à dinastia de Rædwald.

e 1.14). De facto, a sua elaborada decoração e a riqueza dos materiais de que era feito, fazem crer que este elmo não era usado nas batalhas. Segundo Leslie Alcock:

Its elaboration argues that it was intended as a parade piece rather than for use in combat. There is indeed no evidence that either the Anglo-Saxons or the Britons wore helmets on the field of battle. (Alcock, 1975: 333-4)

Porém, o bocal do elmo aumenta a projecção da voz, fazendo-a ecoar, o que daria, àquele que o usasse, uma presença mais forte e mais imponente. Esta característica pode indicar que, apesar de bastante rico e ornamentado, este elmo poderá ter sido usado em combate, pelo rei, de modo a ser ouvido por todos os seus guerreiros (*The Sutton Hoo Helmet*, 2006).

Outro pormenor importante é a presença da figura do dragão na decoração do elmo. Desde a nuca até à zona da testa, temos o corpo de um dragão e, em cada uma das pontas, figura a sua cabeça. Porém, quando em conjunto com os outros elementos decorativos presentes na face, incluindo as cabeças de javali em cada uma das pontas das sobrancelhas, podemos ver mais um dragão: as sobrancelhas são as suas asas, e o nariz, juntamente com o bigode, são o corpo e cauda do dragão, respectivamente. A presença do dragão no elmo de Sutton Hoo sugere a crença na incorporação, por parte do seu utilizador, da força e poder desse animal, o que aterrorizaria, porventura, aqueles que o vissem (*The Sutton Hoo Helmet*, 2006).

Já a espada retirada desta sepultura tinha um punho de ouro decorado com filigrana e pintado ainda com esmalte vermelho (figuras 1.15 e 1.16). A bainha tinha ornamentos com jóias e duas pequenas pirâmides em ouro estavam fixadas na espada (Barker, 1996: 28). Porém, a espada encontra-se em fraco estado de conservação, estando tão corroída dentro da sua bainha de lã e madeira, que não pode ser retirada. Contudo, através de radiografias, foi possível constatar que esta espada tinha padrões soldados na lâmina, o que prova a sua sofisticação (Loades, 2010: 1754).

Também o escudo possuía um papel singular na cultura anglo-saxónica, pois era a arma de defesa mais comum destes guerreiros. O escudo dos anglo-saxões consistia numa grande placa de madeira em forma de esfera, com uma saliência no seu centro. A esfera, por vezes, era coberta com couro e tinha um buraco central que permitia a manobra dos nós dos dedos da mão, dentro da cavidade formada pela saliência central do escudo, sendo que a sua pega estaria nesse local (Wilson, 1971: 115). Só os

membros mais ricos da sociedade é que tinham escudos decorados, como é o caso do escudo de Sutton Hoo, ornamentado com elementos em ouro, prata e bronze, com a sua superfície curvada, tendo à volta do centro do escudo doze cabeças de dragões (figura 1.17). A saliência central do escudo, de resto, estava ainda decorada com a cabeça de um dragão, comprovando-se, assim, a importância deste animal mítico associado ao líder, para além das formas da mesma figura e de uma ave de caça, colocadas acima e abaixo dessa saliência central. O escudo já tinha sido alvo de algum restauro, o que prova a sua importância ancestral (Barker, 1996: 28).

Todos estes tesouros e utensílios foram colocados no barco fúnebre para uma viagem deste rei ao Outro Mundo, uma vez que a sua carga estava completa à excepção da presença do corpo. Deste modo, podemos considerar este barco e todos os seus objectos uma espécie de memorial, um mausoléu, um tributo a um rei que pode ter desaparecido no mar ou ter sido enterrado noutro local<sup>30</sup>. De facto, mais uma vez, Brian Barker afirma que há algumas pistas para este mistério. A conversão da Inglaterra ao Cristianismo terá começado com a chegada de Santo Agostinho, em 597. Beda diz-nos que Rædwald se tinha convertido, em Kent, mas que, ao retornar a casa, terá regressado à sua antiga fé<sup>31</sup>. Talvez por causa disto, Barker afirma que:

Raewald was given a Christian burial while his pagan followers had launched his spirit on its journey to the other world of the old heathen gods of his ancestors in the burial ship. (Barker, 1996: 29)

Outra arma bastante comum neste período era o “sax” ou “seax”<sup>32</sup>, uma arma curta e só com um gume afiado que poderá descender da arma “kopis”, dos gregos da

---

<sup>30</sup> Há historiadores que defendem, também, a teoria de que o corpo teria sido depositado dentro do barco mas que poderá ter-se decomposto. A câmara funerária terá sido sujeita à infiltração da água que seria de elevada acidez ao penetrar o solo e isso, ao longo dos séculos, terá levado à decomposição e dissolução do cadáver (*The Sutton Hoo Helmet*, 2006).

<sup>31</sup> “[...] Rædwald had in fact long before this received Christian Baptism in Kent, but to no good purpose; for on his return home his wife and certain perverse advisers persuaded him to apostatize from the true Faith. So [...] he tried to serve both Christ and the ancient gods [...]” (Bede, 1990: 132-133). Para além do registo de Beda, a presença de objectos cristãos num contexto aparentemente pagão coincide com o seu relato de que Rædwald teria professado ambas as crenças. A presença de um par de colheres de prata no achado arqueológico de Sutton Hoo, com as inscrições, em grego, “PAULOS” e “SAULOS” (Saulo era o nome do apóstolo Paulo antes da sua conversão), sugere que ambas podem ter sido presentes de baptismo para Raewald, aquando da sua conversão (Campbel, 1991: 32-33).

<sup>32</sup> A ortografia da palavra pode variar, encontrando-se várias designações para esta arma, como por exemplo: “scramseax”, “scramseaxe” ou “scramaseaxe”. Contudo, existe alguma discordância em relação

antiguidade clássica<sup>33</sup>. Os “seax” eram usados na Escandinávia e foram encontrados maioritariamente em pântanos, em Vimose e Nydam, na Dinamarca (Oakeshott, 1996: 117). A maior parte destas armas, encontradas na Dinamarca, tinham lâminas muito largas, ligeiramente curvadas no gume não afiado e muito mais curvadas no gume afiado com uma ponta fina (Oakeshott, 1996: 118). Primariamente, esta era uma ferramenta usada no dia-a-dia da comunidade embora também fosse eficaz em batalha, para matar definitivamente o inimigo já caído. De facto, em alguns casos, um “seax” médio ou longo podia até substituir uma espada. Mais fácil de fazer, esta arma tinha a mesma quantidade de ferro do que uma espada, embora só tivesse um gume afiado. Exemplos arqueológicos encontrados têm tanto lâminas de ferro simples, como lâminas decoradas com padrões (figura 1.18). Estas últimas demoravam mais tempo a fazer, dependendo do seu tamanho que rondava, em média, os quinze e os vinte e cinco centímetros (Levick e Williamson, 2005).

Por sua vez, o “seax” divide-se em duas categorias quanto ao seu tamanho: o “handseax” e o “langseax”. O “handseax” tinha um tamanho entre os sete centímetros e meio e os trinta e cinco centímetros. Estes exemplos eram ferramentas do quotidiano, usadas como facas de comer, instrumentos de carpintaria ou até como facas de açougue. Os “langseax” tinham lâminas muito maiores, quando comparadas com a maior parte dos “seaxes”. O seu tamanho variava desde os cinquenta e quatro centímetros até aos setenta e cinco centímetros. Estas facas maiores eram certamente usadas como armas em vez de utensílios. A maior parte das lâminas era larga, pesada e com o gume não afiado angular que depois declinava até à ponta, podendo até ter inscrições rúnicas incrustadas no mesmo gume (figura 1.19). As suas lâminas terminavam numa ponta bastante fina e afiada, fazendo com que tivessem um efeito semelhante ao de uma lança, quando trespassava um corpo (Levick e Williamson, 2005).

Quanto à decoração do “seax”, as lâminas eram, por vezes, ornamentadas com fios de ouro, prata, cobre ou bronze embutidos que ficavam gravados na lâmina de ferro. O cabo, normalmente, era feito em madeira, osso ou chifres de veado, podendo ser

---

aos termos utilizados para designar esta arma. H. R. Ellis Davidson revela que o termo “scramaseax” foi empregue por Gregório de Tours (c. 538-594) para aludir à adaga dos francos e, por vezes, é adoptada por arqueólogos para designar a espada longa de um só gume. Porém, pode distinguir-se entre “sax” (espada curta), “langsax” (espada longa de um só gume) e “scramasax” (adaga) (Davidson, 1998: 40).

<sup>33</sup> Os “kopis”, usados pelos gregos na antiguidade clássica, eram espadas com lâminas largas, curvas e bastante cortantes (Oakeshott, 1996: 49).

também decorado ou esculpido. Não era hábito o punho ter botão ou guarda-mão e a espiga atravessava todo o punho, sendo cerrada no fim do cabo. A ausência destes dois elementos devia-se, talvez, ao facto de o “scramseax” nunca ter sido concebido como arma mas sim para apunhalar e cortar. O gume não afiado podia ser usado como martelo, já que, normalmente, era mais grosso, para partir ossos e extrair-lhes a medula (Levick e Williamson, 2005).

Vale a pena referir, ainda, que a literatura anglo-saxónica permite-nos saber mais sobre a importância das espadas na sociedade da altura e do seu papel nas vidas e aventuras dos heróis. Da literatura deste período, destacamos o poema *Beowulf*, que sobreviveu por intermédio de um manuscrito produzido cerca do ano 1000 (o Cotton Vitellius a.xv, Museu Britânico, Londres), embora a sua origem remonte, certamente, a um passado muito mais antigo. O poema encontra-se escrito em inglês antigo, é de autor anónimo e fala-nos dos feitos de um herói escandinavo, Beowulf. Em *Beowulf*, as armas dos heróis assumem destaque como objectos de honra e glória, o que acontece quando, por exemplo, Beowulf derrota Grendel e lhe são oferecidos presentes de vitória. Segundo a tradução de Seamus Heaney (1999: 69):

Then Halfdane's son presented Beowulf  
with a gold standard as a victory gift,  
an embroidered banner; also a breast-mail  
and a helmet; and a sword carried high,  
that was both precious object and token of honour.<sup>34</sup> (vs. 1019-1023)

De lembrar que, nos achados arqueológicos de Sutton Hoo, foram encontrados um elmo e uma espada, considerados ambos objectos de valor e símbolos do poder e soberania do homem a quem pertenceram. Contudo, nesta obra destacamos, em particular, duas espadas: *Hrunting* e a espada mágica com a qual o herói derrota a mãe de Grendel. *Hrunting* é oferecida a Beowulf por Unferth, um proprietário de terras, um “thegn”, e é usada contra a mãe de Grendel. Ao preparar-se para a batalha, Beowulf arma-se com cota de malha, um elmo e uma espada<sup>35</sup>. Quanto à espada, esta é descrita da seguinte forma, de acordo com a mesma tradução (Heaney, 1999: 101):

---

<sup>34</sup> “Forgeaf þā Bēowulfe brand Healfdenes/ segen gyldenne sigores tō lēane,/ hroden hilde-cumbor, helm ond byrnan;/ mære mǣðþum-sweord manige gesāwon/ beforan beorn beran.” (vs. 1020-1024)

<sup>35</sup> Cf. versos 1442-1558.

the brehon handed him a hilted weapon,  
 a rare and ancient sword named Hrunting.  
 The iron blade with its ill-boding patterns  
 had been tempered in blood. It had never failed  
 the hand of anyone who hefted it in battle,  
 anyone who had fought and faced the worst  
 in the gap of danger. [...] <sup>36</sup> (vs. 1457-1463)

Neste excerto, podemos verificar que a espada quase que adquire uma personalidade própria, para além de ser dotada de nome próprio<sup>37</sup>. Um pormenor interessante é o facto de o poeta afirmar que a lâmina da espada fora temperada com sangue, transmitindo a ideia de que o sangue derramado pela espada actua como líquido que arrefece o metal, estabelecendo um paralelismo com o processo da forja de uma lâmina (Davidson, 1998: 132). E embora *Hrunting* seja inútil na batalha entre Beowulf e a mãe de Grendel, ela é apelidada de “Batalha de Brilho”, “beado-lêoma” (vs. 1523) em inglês antigo, o que reforça a sua associação ao fogo, às tochas flamejantes e à luminosidade, associação essa que se manifesta na descrição das espadas mitológicas, como veremos (Davidson, 1998: 133). Já no covil da mãe de Grendel, Beowulf descobre uma espada mágica, antiga, forjada pela mítica raça dos gigantes, com a qual irá derrotar a sua oponente (vs. 1557-1562). O seu peso e tamanho são de tal maneira grandes que apenas Beowulf, com a sua força sobrehumana, a poderia empunhar, pelo que o texto sugere que esta espada lhe estaria reservada (provavelmente porque apenas uma espada mágica poderia ferir Grendel e sua mãe). Depois de ter vencido a mãe de Grendel, a lâmina dessa espada derrete, dela restando apenas o punho, que Beowulf leva consigo quando regressa para junto dos seus companheiros. O punho é, então descrito como (Heaney, 1999: 117):

that relic of old times. It was engraved all over [...]  
 In pure gold inlay on the sword-guards  
 there were rune-markings correctly incised,  
 stating and recording for whom the sword  
 had been first made and ornamented  
 with its scrollworked hilt. [...] <sup>38</sup> (vs. 1688-1698)

<sup>36</sup> “wæs þæm hæft-mēce Hrunting nama;/ þæt wæs ān foran eald-gestrēona;/ ecg wæs īren, āter-tānum fāh,/ āhyrde heaþo-swāte; næfre hit æt hilde ne swāc/ manna ængum, þāra þe hit min mundun bewand,/ sē ðe gryre-sīðas gegān dorste,/ folc-stede fāra.” (vs. 1457-1463)

<sup>37</sup> “Hrunting” significa “thrusting”, referindo-se ao poder de empurrar ou furar com força.

<sup>38</sup> “ealde lāfe. On ðæm wæs ōr witen/ [...] Swā wæs on ðæm scennum scīran goldes/ þurh rūn-stafas rihte gemearcod,/ geseted ond gesæd, hwām þæt sweord geworht,/ īrena cyst, ærest wære,/ wreoþen-hilt ond wyrm-fāh.” (vs. 1688-1698)

Nestes versos encontramos elementos que vêm confirmar aquilo que se descobriu nos achados arqueológicos deste período: apesar das lâminas poderem ser decoradas com padrões, é o punho que aparece mais ornamentado. O punho da espada mágica em *Beowulf* tem o guarda-mão incrustado em ouro, com inscrições rúnicas que forneciam os dados de onde a espada fora forjada e é vista como uma relíquia de tempos antigos, vindo reforçar a importância da ancestralidade de uma arma.

Em *Beowulf*, descrevem-se ainda os elmos adornados com formas de javalis, como acontece, por exemplo, com o elmo que Beowulf utiliza na luta contra a mãe de Grendel (vs. 1453). Achados arqueológicos vieram comprovar que os guerreiros anglo-saxões usavam elmos encimados por javalis ou com figuras de javalis, com se nota no elmo de Sutton Hoo, já atrás descrito. Pela sua ferocidade e investida súbita e, na maioria dos casos, fatal, o javali era encarado, na cultura anglo-saxónica, como símbolo do guerreiro perfeito na sua coragem, força física e determinação.

## 1.2. A espada e o cavaleiro medieval

Após o período anglo-saxónico, com a Batalha de Hastings, em 1066, a ser vencida por William, o Conquistador, a Inglaterra passa a ser território normando. Os normandos eram dinamarqueses que se fixaram na zona norte do território francês e que, portanto, acabaram por adoptar os aspectos mais importantes da cultura e civilização francesa, falando francês e adoptando o Cristianismo como a sua religião<sup>39</sup>. A posse de uma fé universal pode ter sido, de facto, decisiva para a conquista eficaz do território britânico, uma característica apelidada por H. R. Loyn como: “that great weapon of assimilation” (Loyn, 1991: 326). Assim, com a conquista normanda, William introduz uma nova nobreza vinda de França, substituindo praticamente toda a elite inglesa, expulsando os nativos dos seus cargos governamentais e eclesiásticos<sup>40</sup> e provocando migrações para outros territórios, nomeadamente a Escócia, a Irlanda e a Escandinávia.

---

<sup>39</sup> A partir do Tratado de Saint-Clair-sur-Epte (911) travado entre o rei Carlos, o Simples, e Rollo, líder dos dinamarqueses, estes últimos fixaram-se na região da Normandia, sob a condição de que se tornariam vassallos do rei, deveriam converter-se ao cristianismo e defender a região de mais ataques vikings.

<sup>40</sup> Excepto o bispo anglo-saxão Wulfstan.



Esta alteração drástica da estrutura socio-política de Inglaterra deu origem a mudanças várias na cultura inglesa. Uma delas foi a introdução de uma nova língua, que passou a ser um factor de distinção social, relegando a língua inglesa, ou anglo-saxão, para uma posição inferior e, consequentemente, assim também aconteceu com aqueles que a falavam. Deste modo, o latim e o francês tornaram-se nas línguas associadas às classes sociais elevadas, sendo faladas pelo clero e pelos nobres, respectivamente (Loyn, 1991: 328-9). A outra mudança foi a introdução de uma nova organização social baseada nas relações entre amo e vassalo: o feudalismo. Neste novo sistema social, o rei era aquele que dava as terras aos seus vassalos, os nobres, em troca da sua disposição para defenderem o país caso fosse necessário; por sua vez, os nobres precisavam de quem lhes cultivasse a terra e, assim, contratavam camponeses para aí trabalharem, oferecendo-lhes protecção contra ataques bárbaros; estes camponeses, por sua vez, também subcontratavam outras pessoas para fazerem outros trabalhos. O laço estabelecido entre vassalo e senhor era inquebrável, já que o vassalo tinha que prestar fidelidade ao amo e o amo tinha o dever de defender e proteger os vassalos. De notar, ainda, que o homem também era vassalo de Deus, o grande suserano, que lhe daria um feudo no além (a Terra Prometida) em troca de trabalho.

A ordem da nobreza era constituída por uma aristocracia cavaleira e por grandes proprietários de terra. Para Richard Barber, as origens da cavalaria encontram-se na sequência do declínio do império de Carlos Magno<sup>41</sup> e não nas hordas de guerreiros bárbaros que atacavam a cavalo ou, até, nos “equites”<sup>42</sup> do Império Romano, fazendo de Magno uma figura importante para o início desta nova ordem guerreira (Barber, 2005: 9). Os guerreiros do seu antecessor, Carlos Martel<sup>43</sup>, eram homens livres chamados a servir porque todos os homens livres tinham esse dever. Contudo, no tempo de Carlos Magno, essa situação alterou-se. Como o equipamento militar era caro, aquilo que se começou a praticar foi o acto de delegar esse dever de servir. Assim, já depois da morte de Carlos Magno, os homens livres passaram a armar outros homens que serviriam em

---

<sup>41</sup> Carlos Magno (c. 742 – 814) foi rei dos francos desde 768 e imperador do ocidente, desde o ano 800 até à sua morte. Foi ele o responsável pela expansão do Reino Franco até este se ter tornado no Império Carolíngio, incorporando a maior parte da Europa ocidental e central. Foi coroado imperador pelo Papa Leão III no ano de 800.

<sup>42</sup> Os “equites” eram os soldados da legião romana que lutavam a cavalo.

<sup>43</sup> Carlos Martel (c. 688 – 741) foi avô de Carlos Magno.

seu lugar e o exército passou a consistir de soldados semiprofissionais, apoiados por uma espécie de imposto de guerra, cobrado a todos os homens livres (Barber, 2005: 10).

Outra forma de os homens se tornarem cavaleiros era através da comendação. Originalmente, esta prática passava pela recomendação de um homem livre, sem residência, protecção ou meios de subsistência, a um senhor. Em troca, este senhor protegia e sustentava esse homem livre. Esta prática foi alargada a todos os servos de Carlos Magno que, assim, se tornaram seus vassalos. No caso dos cavaleiros, como os seus equipamentos eram muito caros, esses beneficiavam de outro acordo: em troca de servir o rei, ou a quem tivessem prestado vassalagem, nas suas guerras e disputas durante um determinado período de tempo, obtinham grandes propriedades. Mais tarde, quando os sucessores de Carlos Magno precisavam de guerreiros de confiança para os servir, adaptaram o sistema de vassalagem para incluir os serviços militares e não militares. Este foi o desenvolvimento do serviço militar durante os séculos IX e X, antes do surgimento do cavaleiro medieval propriamente dito (Barber, 2005: 10). Podemos, então, dizer que o guerreiro comum começa a transformar-se em cavaleiro a partir do momento em que presta vassalagem a um senhor ou a um rei, em troca de terras, ocorrendo, desta maneira, a inclusão da aristocracia guerreira na ordem da nobreza, no sistema medieval do feudalismo.

Em termos técnicos, um dos elementos principais que permitiu transformar o guerreiro a pé num guerreiro montado foi o desenvolvimento do estribo e das ferraduras dos cavalos. Com os estribos<sup>44</sup>, o cavaleiro estaria muito mais seguro na sua sela, podendo desferir um golpe mais poderoso com a lança que carregaria todo o peso humano e animal, sendo mais difícil ao seu oponente derrubá-lo de cima do cavalo. Por sua vez, os cavalos que possuíam ferraduras nos seus cascos tinham um andar mais seguro e uma resistência maior, mesmo em terrenos mais acidentados. Outras inovações produzidas durante os séculos IX e X foram selas mais altas, escudos mais longos e pontiagudos que cobriam o lado exposto do cavaleiro, cota de malha, armaduras melhoradas e a criação de uma nova arma, a besta, que conseguia perfurar armaduras (Barber, 2005: 11).

---

<sup>44</sup> O estribo é uma invenção chinesa do século V que só chegou ao ocidente por volta do século VIII e consiste numa peça em aço que fica presa nas laterais da sela e serve como apoio e para dar impulso ao montar o cavalo.

O cavaleiro propriamente dito aparece, pela primeira vez na história, por volta do ano 1000 e é já um guerreiro bem equipado, algo abastado e que presta serviço militar em troca de terrenos. As suas raízes políticas estão, como já vimos, no Império Carolíngio, o seu equipamento e habilidades técnicas foram desenvolvidos no tempo de Carlos Magno e seus sucessores, mas as suas atitudes vêm das sociedades bárbaras, uma vez que o cavaleiro conservava os velhos ideais das tribos germânicas, de lealdade para com o seu senhor e companheiros. Neste período, essa lealdade era reforçada através da prática dos rituais de vassalagem que vinculavam o cavaleiro ao seu rei ou lorde (Barber, 2005: 13).

O cavaleiro tinha ainda que aprender uma grande variedade de habilidades tanto na arte de montar a cavalo como no uso das armas. Este treino consistia, normalmente, em colocar o aspirante a cavaleiro numa grande casa onde estariam outros escudeiros a fazer a sua aprendizagem nas armas (Barber, 2005: 14). A experiência prática foi-se alterando durante o tempo, mas, durante os séculos X e XI, o escudeiro teria o primeiro contacto com a guerra através de disputas privadas, como algumas rixas. Contudo, com a supressão deste tipo de guerras privadas, a iniciação do escudeiro fazia-se em campanhas de larga escala, como as Cruzadas<sup>45</sup> ou as campanhas anglo-francesas no século XII. Qualquer que fosse a guerra, o escudeiro serviria sempre como assistente do cavaleiro, cuidando do seu equipamento e do seu cavalo<sup>46</sup> (Barber, 2005: 16).

Os cavaleiros tinham, então, um papel prático na sociedade ao constituir uma classe com um propósito definido: o de defender o território (Oakeshott, 1996: 185). Os homens que faziam parte deste grupo eram cuidadosamente seleccionados, disciplinados, guerreiros viris ajuramentados ao seu rei, mas também responsáveis pela defesa e protecção da Igreja, sendo esta, muitas vezes, a sua primeira tarefa (Oakeshott, 1996: 185). As qualidades distintivas de um cavaleiro seriam a honra, a piedade e o amor e as suas virtudes deveriam ser a coragem, a fé e a devoção. Além disso, uma das obrigações do “cavaleiro perfeito” seria a sua alegria em todas as circunstâncias. Como Ewart Oakeshott refere: “[...] the very science of chivalry became known as the *Gai*

---

<sup>45</sup> As Cruzadas foram movimentos militares de inspiração cristã que partiram da Europa Ocidental em direcção à Terra Santa, na região da actual Palestina, e à cidade de Jerusalém para as conquistar e manter sob domínio cristão. Estes movimentos tiveram lugar entre os séculos XI e XIII.

<sup>46</sup> A não ser que o escudeiro viesse de uma família de classe social elevada, poderiam passar-se muitos anos até que fosse tornado cavaleiro. Alguns homens, aliás, mantinham o título de escudeiro durante toda a vida, por serem demasiado pobres para conseguirem o título almejado (Barber, 2005: 16).

*Saber*, and gaiety, even in the grimmest situations, became the hall-mark of knightly behaviour” (1996: 188). Quando estes guerreiros a cavalo não estavam na guerra, os torneios e justas eram eventos sociais importantes, uma vez que proporcionavam um escape marcial e também um local para o treino militar. Além disso, sendo um evento social que juntava muitas pessoas de diferentes países, mantinha vivo o espírito de irmandade de armas entre os cavaleiros e era uma parte importante dos ideais de cavalaria (Oakeshott, 1997: 190).

Outra parte importante da vida do cavaleiro era a cerimónia de investidura, toda ela carregada de simbolismo desde as vestes que os cavaleiros usavam, aos vários rituais que antecederiam a investidura, até à própria cerimónia em si<sup>47</sup>. De facto, tendo a Idade Média sido marcada pela difusão do Cristianismo, os rituais militares passaram a ter o cunho dos ideais cristãos, dados pela Igreja. Deste modo, a admissão de um jovem à profissão das armas já não era uma cerimónia puramente militar, onde a espada ou a lança lhe era entregue na presença dos mais velhos da sua tribo, tornando-se num ritual religioso, santificado pela Igreja. Geoffroi de Charny<sup>48</sup> escreveu, inclusive, um manual sobre cavalaria no século XIV onde considera que esta e o sacerdócio são as duas grandes ordens da Igreja (Barber, 2005: 95). Mas, já no século XII, João da Salisbúria, autor, diplomata e bispo de Chartres, na sua obra *Policraticus*, reforça esta importância da ligação primordial entre o estado militar e a Igreja, que aqui lembramos por intermédio da tradução de Cary J. Nederman:

But what is the use of the military order? To protect the Church, to attack faithlessness, to venerate priesthood, to avert injuries to the poor, to pacify provinces, to shed blood [...] for their brothers, and to give up their lives if it is necessary. [...] they serve in order that they may execute judgment assigned to them, according to which each attends not to his own will but to the will of God, the angels and men by reason of equity and the public utility. (1159/1995: 116)

No manual de Charny, são mencionadas as orações da bênção da espada do cavaleiro, assim como são explicados o simbolismo e procedimentos da investidura do

---

<sup>47</sup> A cerimónia de investidura é descrita em pormenor no livro de Ewart Oakeshott *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*, nas páginas 189-190.

<sup>48</sup> Cavaleiro francês (c. 1300-1356) e autor de, pelo menos, três livros sobre cavalaria, sendo que o mais conhecido será o seu *Livre de Chevalerie* (c. 1350). Para além de Charny, também o espanhol Ramón de Lull escreveu um manual de cavalaria intitulado *Llibre de l'orde de cavalleria*, produzido entre 1274-1276.

mesmo. Nas cerimónias de investidura, a espada era abençoada e com ela se fazia o toque simbólico: os ombros do escudeiro, que estaria de joelhos, eram tocados três vezes com a lâmina e, assim, estaria transformado nesse ser nobre e especial que era o cavaleiro (Barber, 2005: 95-96). Deste modo, podemos notar que a espada era não só a arma preferencial do cavaleiro na guerra mas, também, aquela que consagrava o seu estatuto.

Entre as armas de um cavaleiro contavam-se, essencialmente, uma espada, uma lança, um escudo, um elmo e a cota de malha. Quanto aos elementos defensivos, o escudo era o mais importante. Pelo século XI, o escudo tinha a forma de um papagaio de papel, largo na parte de cima e afunilando até ao fim, permitindo a protecção de todo o corpo do cavaleiro, desde os ombros até aos pés (figura 1.20). Normalmente era feito de várias camadas de madeira, sendo almofadado na parte interior e coberto com couro na parte exterior. Era ainda decorado com faixas de metal, que eram também o que fixava toda a constituição do escudo, para além de ter uma saliência central em relevo, feita de ferro, muitas vezes pintada de dourado e ostentando um metal precioso, jóia ou cristal (Miliken, 1968: 34). Já em relação ao elmo, podemos indicar o exemplo de um elmo encontrado no Castelo de Santo Ângelo, em Roma, feito de várias placas de ferro unidas com rebites do mesmo material. A parte mais baixa tem uma forma cónica e ligeiramente dobrada para trás no centro, com uma ponta aguda. Tem apenas aberturas na placa frontal para os olhos e várias pequenas aberturas para que o cavaleiro pudesse respirar. A decoração mais frequente nos elmos eram símbolos colocados no topo, como animais, estrelas, dragões, asas de pássaros, entre outros (figura 1.21) (Oakeshott, 1996: 263-264).

Contudo, as principais armas de um cavaleiro eram a espada e a lança. No caso das lanças, a forma destas não mudou muito desde o século IV (Oakeshott, 1996: 258). Eram constituídas por uma ponta de aço, que podia ser cónico, triangular ou com a forma de um losango e um cabo de madeira que era pintado normalmente de azul ou verde (Miliken, 1968: 33).

Quanto às espadas, Ewart Oakeshott estabelece, mais uma vez, uma tipologia com base nas suas características principais que permite, ainda, determinar o período em que foram manufacturadas. A tipologia de espadas foi baseada nos estilos e decoração dos punhos mas, ao considerarmos as espadas da Idade Média tardia, há que observar ainda as várias formas de lâminas que têm grande importância no que toca à sua classificação,

tarefa ainda mais difícil dada a grande variedade de pomos e guarda-mãos existentes (Oakeshott, 1996: 203). Oakeshott identifica, então, cinco tipos de espadas em uso durante o período de 1100-1500 em que é possível verificar o desenvolvimento das mesmas<sup>49</sup> (figura 1.22).

Quanto às lâminas, é possível verificar que, a partir do século X, começaram a deixar de ter as inscrições características que reconheciam o ferreiro que concebera a espada, para começarem a conter inscrições de índole cristã, como IN NOMINE DOMINI ou BENEDICTUS DEUS MEUS, indicando já a sobreposição do Cristianismo aos deuses pagãos do norte da Europa (Oakeshott, 1996: 204-205). A lâmina começa, também, a sofrer algumas alterações quanto ao seu tamanho, passando a ser mais comprida e mais larga e com o sulco central<sup>50</sup> a percorrer metade da lâmina ou praticamente todo o seu comprimento. Há um tipo específico de espada, o tipo XIII, que tem uma forma bastante peculiar, tendo sido utilizado entre 1280-1340. É a chamada “épée de guerre” ou espada de guerra, por ser de tamanho massivo, ter uma lâmina que podia chegar a medir entre noventa a cem centímetros de comprimento e com um punho igualmente longo, em que só o espaço do cabo podia medir entre os quinze e os vinte centímetros (figura 1.23) (Oakeshott, 1996: 207).

Em relação aos punhos, verifica-se também uma evolução principalmente a nível dos pomos e dos guarda-mãos. Os pomos passam do formato de uma noz, ainda presente nas espadas de tipo X, para uma forma de disco grosso, redondo (Oakeshott, 1996: 207). Os pomos, muitas vezes, tinham ainda uma placa de vidro que albergava uma suposta relíquia sagrada, como por exemplo um cabelo, um dente ou uma gota de sangue de algum santo (Miliken, 1968: 33). Já os guarda-mãos eram, geralmente, direitos com as pontas mais largas, curvadas ou até decoradas (Oakeshott, 1996: 206).

Dos tipos de espada nomeados por Ewart Oakeshott, podemos afirmar que aquele que perdurou por mais tempo foi o das espadas do tipo XII, datadas de um período entre 1180-1320. As espadas que pertencem a este tipo são de lâmina larga, ponta aguçada e sulco marcado e estreito, que começa na espiga e percorre até metade do comprimento da lâmina. O pomo tem a forma de um disco grosso e o guarda-mão é, geralmente,

---

<sup>49</sup> Esta tipologia começa no tipo X até ao tipo XIV, uma vez que surge no seguimento da tipologia das espadas anglo-saxónicas.

<sup>50</sup> O sulco é um canal central recortado no centro da superfície da lâmina, cuja função é aumentar a força da espada e a flexibilidade da lâmina. Normalmente, começa no guarda-mão e estende-se até dois terços do comprimento da lâmina.

direito com as pontas mais largas (Oakeshott, 1996: 206). Para este autor, uma das maiores fontes de informação sobre equipamento militar do século XIII encontra-se na Bíblia de Maciejowski, datada do ano de 1250, e é aí que podemos encontrar o maior número de exemplos ilustrados de espadas do tipo XII, bem como a forma de escudos e elmos usados na altura, como se pode ver na figura 1.24 (Oakeshott, 1996: 207). No que toca às bainhas das espadas, entre 1100 e 1300, estas eram de aspecto bastante simples e austero, mesmo aquelas que pertenciam a homens abastados e importantes. As grandes bainhas ornamentadas com jóias, metais de vários tipos, botões e tecidos ricos do período das migrações acabaram por ser simplificadas na época do cavaleiro medieval, cuja espada e respectivos acessórios eram, geralmente, feitos de aço e couro (figura 1.25) (Oakeshott, 1996: 239).

Mas, para além destas espadas com vertente prática, também havia outras cuja função era somente simbólica: as espadas de porte. Este tipo de espadas simbolizava a autoridade e legitimidade de um indivíduo, governo ou estado e eram usadas somente em ocasiões especiais como, por exemplo, em cerimónias de coroação. Quase invariavelmente pertenciam ao monarca e significavam a concessão da sua autoridade, nunca sendo usadas em combate. As actuais Jóias da Coroa britânica incluem cinco espadas deste tipo: a Grande Espada do Estado, simbolizando a autoridade pessoal do monarca; a Espada Pessoal, ou “Jewelled Sword of Offering” usada em cerimónias de investidura; e ainda as três espadas da justiça: a Espada da Justiça Espiritual, cuja ponta não corta; a Espada da Justiça Temporal, que tem a ponta aguçada; e a Espada da Misericórdia que tem a ponta quebrada para simbolizar que a justiça tem sempre que ser temperada com misericórdia<sup>51</sup> (figura 1.26) (Loades, 2010: 3169).

---

<sup>51</sup> Estas espadas foram feitas já no período da Restauração, porque, quando Oliver Cromwell subiu ao poder, ordenou que as Jóias da Coroa fossem destruídas e vendidas. Posteriormente, foram feitas para incorporar os mesmos papéis simbólicos que tinham anteriormente, atestando o legado da espada enquanto símbolo de autoridade.

## 2. A natureza mágico-simbólica da espada

### 2.1. O carácter simbólico do ferro e do ferreiro

Na Idade Média, o minério mais usado para produzir armas de guerra, desde pontas de lança à lâmina de uma espada, era o ferro. Isto deveu-se, claro, à descoberta de jazidas de ferro numa época em que o principal material usado era o bronze. Porém, o ferro possui uma importância simbólica que o torna o material nobre escolhido para forjar as armas dos heróis. Para um melhor entendimento da importância do ferro e da figura do ferreiro, recorreremos à obra *Ferreiros e Alquimistas* de Mircea Eliade.

Segundo Eliade, as substâncias minerais possuem uma certa sacralidade, já que crescem no ventre da Terra-Mãe, como se fossem embriões. Deste modo, o labor dos materiais que vêm da terra adquire um carácter mágico-religioso, uma vez que transforma uma matéria viva, sagrada, num novo material, num novo objecto. Nesta medida, o ferreiro adquire um papel semelhante ao do alquimista, que transmuta a matéria noutras substâncias (1977: 10).

O ferro começou por ser obtido por meio dos meteoritos que caíam na Terra e, por causa da sua origem, começou a partilhar a sacralidade celeste, representando o céu e sendo uma manifestação da divindade. Deste modo, os povos primitivos trabalharam o ferro meteórico muito antes de aprenderem a utilizar o ferro encontrado nas jazidas terrestres. Sendo um metal que vinha do céu, os utensílios e armas de sílex receberam nomes como “pedras de raio”, “dentes de raio” ou “machados de deus”, porque se acreditava que os lugares onde se encontrava este material tinham sido atingidos por um raio. O raio era também a arma do deus do céu que, quando foi destronado pelo deus da tempestade, se tornou no sinal da hierogamia<sup>52</sup> entre o deus do trovão e a deusa Terra<sup>53</sup> (1977: 17-19). Esta ligação entre o trovão e os deuses está presente, como veremos, nas armas de Zeus, na mitologia grega e em Tor, na mitologia escandinava.

A utilização do ferro proveniente dos meteoritos não era, contudo, suficiente para se considerar a existência de uma Idade do Ferro. Enquanto durou, este metal continuou a

---

<sup>52</sup> Hierogamia vem do grego e significa "casamento sagrado". Refere-se a um ritual sexual que se desenrola num casamento entre um deus e uma deusa. É a harmonização dos opostos.

<sup>53</sup> O autor chama, ainda, a atenção para a quantidade enorme de machados de dois gumes encontrados em abismos e cavernas de Creta, simbolizando a união entre o Céu e a Terra, uma vez que, tal como o raio e os meteoritos, os machados “fendiam” a Terra (1977: 18).



ser raro e o seu uso foi principalmente ritual. Mas quando foi descoberta a técnica de fundir a magnetita<sup>54</sup> ou a hematita<sup>55</sup>, não houve dificuldade em conseguir-se grandes quantidades de metal, já que as jazidas eram muito ricas e fáceis de explorar. Assim, ao contrário do que tinha acontecido no caso do cobre e do bronze, a metalurgia do ferro não tardou a tornar-se mais comum. Porém, antes de se impor na história militar e política, o tratamento do ferro deu azo a criações de cariz espiritual e religioso, antecipando as aplicações funcionais de uma descoberta nova (1977: 20-21).

Para além da sacralidade celeste dos meteoritos, o ferro ganhou uma sacralidade telúrica, de que participam as minas e os minerais, já que provém da Terra (1977: 21). As minas e as cavernas são compreendidas como o útero da Terra-Mãe e tudo o que jaz no seu ventre está vivo. Ou seja, os minerais extraídos das minas são, de certo modo, embriões que “amadurecem” nas trevas telúricas. Assim, o papel ritual das cavernas poderia ser interpretado como um retorno místico ao seio materno, que explicaria os ritos iniciatórios praticados nesses lugares (1977: 34-35). O aparecimento do ferro teve, então, uma influência notável sobre os ritos e símbolos metalúrgicos e as suas utilizações mágicas derivam do facto de este ter suplantado o cobre e o bronze, representantes de outras “idades” e de outras mitologias.

Para além do mineral, também o ferreiro adquire uma aura mística. Este trabalhador do ferro e a sua condição de nómada, já que se desloca continuamente à procura do metal bruto e de encomendas de trabalho, leva-o a entrar em contacto com diferentes populações, tornando-se o principal agente da difusão de mitologias, ritos e mistérios metalúrgicos (1977: 22). As ferramentas do ferreiro também participam da mesma sacralidade: o martelo, o fole e a bigorna apresentam-se como objectos miraculosos, gozando da reputação de poder operar pela sua própria força mágico-religiosa, sem ajuda do ferreiro (1977: 24). De facto, a arte de fabricar os utensílios usados no dia-a-dia, nomeadamente na agricultura, pressupõe uma essência sobre-humana, tanto divina como demoníaca, uma vez que o ferreiro forja, igualmente, armas assassinas. Assim, a ferramenta de pedra e a clava usadas pelo ferreiro estavam carregadas de uma força misteriosa: elas batiam, feriam, estilhaçavam, produziam faíscas, tal como o raio. Deste

---

<sup>54</sup> Magnetita é a fonte mais valiosa dos minérios de ferro. Antigamente encontrada na região da Magnésia (actual Grécia), cujo nome significava “lugar das pedras mágicas”, a magnetita tem grandes propriedades magnéticas.

<sup>55</sup> Hematita é o principal minério de ferro, sendo constituída por 70% de ferro.

modo, a magia ambivalente das armas de pedra, mortíferas e benignas, foi passada para os novos instrumentos forjados em metal (1977: 25).

O martelo, inclusive, tornou-se na insígnia dos deuses fortes, da tempestade, como o caso de Tor e do seu martelo *Mjöllnir*, de que falaremos mais adiante e, muitas vezes, estes deuses e os deuses da fertilidade agrária são imaginados como deuses ferreiros. Senão, vejamos: as insígnias dos deuses da tempestade são o machado de dois gumes e o martelo, que golpeiam a terra com as suas “pedras de raio”; e a tempestade, como foi referida anteriormente, é o sinal da hierogamia entre Céu e Terra. Ao malharem nas suas bigornas, os ferreiros imitam o gesto do deus potente, sendo considerados como seus auxiliares (1977: 25-26). Desta forma, o ferreiro é aquele que utiliza os mesmos utensílios dos deuses, imita os seus gestos, tornando-se, portanto, um elo de ligação entre o celeste e o terreno, produzindo utensílios tanto usados para o Bem, como para o Mal.

O ferreiro também é considerado como um “senhor do fogo”, porque é através do fogo que ele opera a passagem da matéria de um estado para outro. Aquilo que o calor “natural” do Sol ou do ventre da Terra ia amadurecendo lentamente, o fogo amadurecia mais rapidamente. O fogo revelava-se, então, como meio de acelerar os processos naturais, mas também de fazer algo diferente do que existia na natureza. Era, portanto, a manifestação de uma força mágico-religiosa que podia modificar o mundo e que, por isso, não lhe pertencia (1977: 62). O “domínio do fogo” por parte do ferreiro significa a obtenção de um estado superior à condição humana, sendo ele que, por conseguinte, fabrica as armas dos heróis. É a arte misteriosa do ferreiro que transforma essas armas em objectos mágicos e daí a relação entre ferreiros e heróis nas epopeias<sup>56</sup> (1977: 66).

Os ferreiros são ainda vistos como feiticeiros, porque são eles que proferem encantamentos e feitiços no momento da forja, para imbuir as armas de propriedades mágicas. São, ainda, seres sinistros e até ameaçadores de aparência física, uma vez que trabalham num ambiente sujo e assustador. A fuligem negra e a sujidade da forja que se acumulava nas barbas dos ferreiros, assim como nas suas vestes feitas de pele animal, contribuía para que o ferreiro fosse visto como um ser estranho, assim como mal-

---

<sup>56</sup> Aqui pode-se citar o exemplo de Hefesto, deus do Fogo, filho de Zeus e de Hera. Combateu durante a Gigantomaquia, matando o gigante Clítio com uma maça de ferro em brasa. É também o deus dos metais e da metalurgia. Reina sobre os vulcões que são as suas oficinas e onde trabalha com os seus ajudantes, os Cíclopes. Foi a ele que Tétis recorreu para forjar as armas para Aquiles (Grimal, 1999: 195).

humorado e vingativo. O ferreiro celta é, também, visto como um homem sábio, quase semelhante aos druidas, uma vez que ele conhece os segredos da forja das armas e dos encantamentos que as tornam mágicas, como é o caso do ferreiro celta Cullan, como veremos mais adiante (Randolph, 1941: 187).

O ferreiro possui, ainda, um papel muito importante nas sociedades pré-cristãs. Em primeiro lugar, é ele que fabrica os utensílios usados pelos agricultores e pelos caçadores no dia-a-dia, fazendo com que a vida laboral dependesse dele. Também tem um papel de destaque na vida religiosa porque é ele que esculpe as imagens dos antepassados, as imagens que servirão de culto aos deuses. Socialmente, o ferreiro é o pacificador ou mediador entre os membros da sociedade, mas também entre o mundo dos vivos e dos mortos, visto que os materiais que trabalha são de origem divina e o ferreiro trabalha um pouco no limbo entre estes dois mundos. Deste modo, o ferreiro é posto à parte do resto da sociedade, vivendo quase sempre fora das povoações, na companhia da sua família, suscitando atitudes um pouco ambivalentes (Chevalier, 1982: 321).

Contudo, talvez assim fosse porque se julgava que o ferreiro possuía poderes sobre-humanos, podendo exercê-los sobre os homens e até sobre as divindades, já que era ele que fabricava as armas tanto de uns como de outros. Ele é, de certo modo, temido porque o seu poder tanto pode ser maléfico como benéfico. Além disso, o ferreiro também é tido como criador, capaz de forjar o cosmos, mesmo não sendo Deus. E, não sendo Deus, é visto como um ser temível, quase um feiticeiro maligno (Chevalier, 1982: 321). Para além do ferro ser, ele próprio, simbólico, devido às suas origens consideradas sagradas, este metal era ainda mais simbólico pelos processos por que passava na forja<sup>57</sup>, já que o ferreiro trabalhava com os quatro elementos: terra, ar, fogo e água.

O ferreiro começa por trabalhar com o elemento terra, ao recolher o minério de dentro da mesma, que depois vai ser colocado na fornalha para que se forme uma barra de metal. O próprio forno pode ser considerado uma entrada da terra, o útero materno onde o ferreiro vai criar o seu produto. Saído da fornalha, o minério vem transformado em barra de metal para que o ferreiro possa trabalhá-la, martelando a barra na bigorna. Durante este processo, o ferreiro vai colocando a barra na fornalha, frequentemente,

---

<sup>57</sup> A forja é a oficina do ferreiro. Nela está a fornalha onde o ferreiro incandesce os metais para que depois possam ser trabalhados numa bigorna. Para além da fornalha e da bigorna, a forja inclui ainda o fole, os martelos, as tenazes e os líquidos de arrefecimento para o ferreiro poder moldar o metal à sua disposição.

para que ela fique maleável. Aqui entram dois elementos: o fogo e o ar. O fogo é um elemento ambíguo, tendo um poder destruidor e purificador e, no caso da forja, é, ao mesmo tempo, “celeste e subterrâneo, instrumento de um demiurgo e do demónio” (Chevalier, 1982: 332). Isto porque o fogo pode vir do raio, do relâmpago dos deuses do Céu, ou ser um símbolo das chamas do Inferno, debaixo da terra. Quanto ao ar, que vai arrefecendo a barra de metal, representa o mundo intermédio, entre o céu e a terra e é um símbolo da vida invisível (Chevalier, 1982: 77). Além disso, é através do sopro que, na tradição bíblica, Deus cria o homem (Gn 2:7) e, por isso, o ar tem um papel importante na obra do ferreiro na medida em que também é um agente activo na fabricação dos metais. O elemento água está presente na têmpera<sup>58</sup> e, aqui, podemos dizer que é o elemento que purifica a lâmina, já que esta é mergulhada na água para, depois, “renascer” simbolicamente. Assim, a água como que apaga o processo por que o metal passou antes e restabelece-o num estado novo, regenerando-o, sendo o processo final pelo qual a lâmina passa (Chevalier, 1982: 43). Também na tradição bíblica, Cristo é baptizado por São João Baptista, ao ser imerso nas águas do Rio Jordão (Mateus 3:13-17), o que virá a conferir, já na época do Cristianismo, um simbolismo sagrado a este processo de mergulhar a lâmina na água.

Deste modo, pode concluir-se que tanto o ferreiro como o próprio ferro estão imbuídos de uma mística muito própria: o ferreiro por estar numa posição de criador, lidando com os quatro elementos para fabricar aquilo que deseja, detendo poderes quase divinos; e o ferro por ser um material também considerado divino, por ter origem ora celeste ora telúrica e porque, para o transformar em objectos, implica lidar-se com os quatro elementos naturais.

## 2.2. As espadas nas mitologias celta e nórdica

### 2.2.1. A espada nos mitos celtas da Irlanda

Uma vez que na presente dissertação se discorre sobre o simbolismo da espada na cultura e literatura inglesa, julgamos pertinente analisar a presença e simbolismo das espadas presentes nas mitologias celta e nórdica, já que foram estas que moldaram o imaginário dos povos que habitaram a Grã-Bretanha.

---

<sup>58</sup> A têmpera é um processo metalúrgico que corresponde ao arrefecimento brusco do metal, com o propósito de o endurecer.

A maior parte dos mitos e sagas da Irlanda chegaram até nós por intermédio de manuscritos do século XII, embora as histórias radiquem na pré-história irlandesa, já que alguns elementos serão anteriores à chegada dos celtas à Irlanda (Gantz, 1981: 1). E, como já foi referido anteriormente, o facto de a Irlanda ter ficado livre da ocupação romana fez com que o país não sofresse grandes mudanças até ao advento do Cristianismo, no século V, e à chegada dos invasores vikings, a partir do século VIII. Como tal, a sobrevivência da cultura dos celtas da Idade do Ferro, na Irlanda, faz com que as histórias irlandesas mais antigas sejam um importante repositório de informação sobre o povo celta (Gantz, 1981: 5). A forma inicial de transmissão destas histórias foi oral, uma vez que o contar de histórias era uma forma de entretenimento bastante apreciada pelos celtas. Presumivelmente, os bardos memorizavam as linhas gerais de cada uma delas e iam acrescentando pormenores à medida que as iam contando. Como só mais tarde é que estas histórias foram passadas a escrito, é natural que sofressem novos tratamentos, adquirindo novas “roupagens”, fruto das peculiaridades da época (Gantz, 1981: 19).

As principais fontes literárias dos mitos irlandeses podem ser encontradas em três livros: *The Book of the Dun Cow* (1100), *The Book of Leinster* (1160) e *The Yellow Book of Lecan* (século XIV). Nestes manuscritos, podemos verificar que os mitos irlandeses constituem uma espécie de história ficcionada da Irlanda que pode ser dividida em três ciclos. O primeiro é o chamado Ciclo Mitológico, em que se integram as narrativas que nos dão conta das origens míticas dos deuses da Irlanda, os Tuatha Dé Danann<sup>59</sup>. O segundo ciclo, o Ciclo Heróico, integra o Ciclo do Ulster e o Ciclo Histórico. No primeiro, narram-se as aventuras dos heróis do Ulster<sup>60</sup>, destacando-se as aventuras do seu herói mais famoso, Cuchulain, assim como um dos textos fundamentais dos mitos irlandeses, o *Táin Bó Cuailnge* (*Razia das Vacas de Cooley*). No Ciclo Histórico, ou Ciclo dos Reis, relatam-se as origens dos reis e nobres da

---

<sup>59</sup> Os Tuatha Dé Danann são a Tribo da Deusa Dana, constituída pelos deuses celtas da Irlanda. Terá sido a quinta tribo a instalar-se na Irlanda, segundo o *Lebor Gabála Erenn* (*Livro de Invasões da Irlanda*), manuscrito do século XII, e responsável pela derrota dos Fir Bolg. Contudo, o seu reinado terminou aquando da vinda dos Mílesianos, que obrigaram os Tuatha Dé Danann a refugiar-se em lugares mais recônditos, transformando-se nas fadas, ou *Sídh*, com o passar do tempo.

<sup>60</sup> Originalmente conhecida como Ulaid, esta é uma das quatro províncias da Irlanda, localizada no norte da ilha. As restantes províncias eram Connachta (Connaught), Lagin (Leinster) e Mumu (Munster). Havia ainda uma quinta província mítica chamada Mide (Meath), localizada no centro de todas as outras, sendo o principal cenário dos contos mitológicos.

Irlanda. Por fim, no terceiro ciclo, conhecido como Ciclo de Fionn, contam-se as histórias dos Fianna, grupos de guerreiros, companheiros de Fionn MacCumhail, um dos heróis mais importantes da mitologia irlandesa, a par de Cuchulain e Lug Lamfhota.

À semelhança dos guerreiros da sociedade celta, também os heróis e deuses desta mitologia eram corajosos e destemidos no campo da batalha, predominando igualmente a ética e os valores associados à guerra. Como tal, destacavam-se não só pelos seus feitos gloriosos em confrontos armados, mas também por possuírem armas mágicas que os ajudavam nessas façanhas. Desde espadas, lanças e escudos, estes objectos estavam imbuídos de propriedades mágicas, por terem sido fabricadas no Outro Mundo<sup>61</sup> por deuses ferreiros que lá habitavam. Porém, se as armas são importantes, ao permitirem que os heróis e deuses singrem nas suas aventuras, não é comum encontrar descrições detalhadas destas armas, sendo mencionada apenas a sua característica mais marcante. Isto acontecia porque as qualidades mágicas da arma têm muito mais importância do que a sua eficiência ou aparência. Deste modo, era a confiança do herói nas virtudes mágicas da sua arma que aumentava a sua resiliência e capacidades, assegurando-lhe o sucesso total nas batalhas (Ettlinger, 1945: 295).

Os mitos celtas irlandeses possuem vários heróis cujas espadas são dignas de referência e de tal maneira importantes que lhes foi atribuído um nome e características mágicas. Começamos pela espada de Lug Lamfhota<sup>62</sup>, *Fragarach*, cujo nome significa “The Answerer”, que era invencível, sendo ainda, impossível mentir perante a sua presença (Dixon-Kennedy, 1997: 144). Forjada pelos deuses, esta espada era de Manannan Mac Lir<sup>63</sup>, pai adoptivo de Lug, podendo comprovar-se a tradição da passagem das armas de pais para filhos, de geração para geração. A importância desta

---

<sup>61</sup> O Outro Mundo celta tanto pode ser a terra dos mortos, como a terra onde vivem os deuses, os Tuatha Dé Danann. É um mundo que está escondido dos olhos dos mortais mas que pode ser acedido por eles, como aconteceu a Cuchulain (*A Doença Debilitante de Cuchulain e o Único Ciúme de Emer*) e a Bran (*A Viagem de Bran, Filho de Febal*). Mas a viagem paradigmática a este mundo é a de Máel Dúin em *Immram Maele Dúin (A Viagem de Máel Dúin)*, integrada na tradição celta das “imrama”, ou viagens, e dos “echtraí”, visitas ao Outro Mundo.

<sup>62</sup> Lug significa “luz”, ou “brilhante”. O seu epíteto Lamfhota (do Braço Comprido) alude à sua perícia em atirar a sua lança, e Samildanach refere-se ao facto de dominar muitas artes e ofícios. O seu pai adoptivo, Manannan Mac Lir, rei do Outro Mundo, armou-o com quatro armas maravilhosas: uma lança, uma fisga, um elmo de invisibilidade e um escudo, mais tarde na posse de Fionn Mac Cumhail (Dixon-Kennedy, 1997: 202).

<sup>63</sup> Manannan Mac Lir é o deus do mar e vive em *Tír na nÓg* (Terra da Juventude) ou *Tír Tairngire* (Terra da Promessa), ambos reinos do Outro Mundo no qual ele reina. É, ainda, guardião das ferramentas mágicas dos Tuatha Dé Danann.

espada mágica, para além da sua origem, pode ser atestada pelos seus proprietários. Lug é o deus solar e luminoso que reúne as capacidades de todos os outros deuses, sendo ao mesmo tempo artesão, sacerdote e guerreiro. Além disso, foi criado por Manannan Mac Lir, deus do mar e do Outro Mundo, trazendo de lá a arma que viria libertar a Irlanda dos Fomoiré<sup>64</sup>.

*Fragarach* é, então, uma arma mágica, que vem do Outro Mundo e que é trazida para a Irlanda por Lug, o deus solar, para ajudar os Tuatha Dé Danann a vencerem e expulsarem os Fomoiré do seu território, fazendo triunfar a ordem. Esta espada, por vezes, é confundida com a Espada de Nuada<sup>65</sup>, um dos quatro tesouros dos Tuatha Dé Danann, como podemos atestar na seguinte passagem do conto *A Segunda Batalha de Moytura (Cath Maige Tuired)*:

[...] Nestas quatro cidades, os Tuatha Dé Danann obtiveram os seus quatro grandes tesouros: de Falias trouxeram a Pedra de Fal (*Lia Fáil*), que colocaram em Temuir e que gritava sempre que dela se aproximasse o verdadeiro rei da Irlanda; em Gorias, encontraram a Lança de Lug, que garantia a vitória em qualquer batalha; em Findias, descobriram a Espada de Nuadu, que, uma vez desembainhada, se tornava invencível; e de Murias transportaram o Caldeirão d'O Dagda.<sup>66</sup> (Varandas, 2006: 47)

A espada de Nuada é conhecida como “Sword of Light”, “Espada da Luz”, sendo caracterizada pelo brilho, como acontece com as espadas mitológicas mais importantes. Dada a omissão quanto aos materiais de que eram feitas estas armas que pudessem, porventura, reflectir a luz, pode concluir-se que o brilho se devia às suas qualidades mágicas e por serem propriedade de seres divinos. Contudo, também poderá advir do espanto que causava o brilho de uma espada de aço numa época em que o principal material usado era o bronze (Ettlinger, 1945: 298). Outra hipótese é a de que o ferro meteórico, que era bastante luminoso, fosse usado para construir estas armas, fazendo com que umas fossem mais brilhantes do que outras. Além disso, a observação do ferro a cair do céu poderá ter contribuído para a crença nas virtudes sobrenaturais deste metal,

---

<sup>64</sup> Os Fomoiré eram uma raça de demónios que ameaçavam os habitantes da Irlanda. Porém, foram derrotados pelos Tuatha Dé Danann, numa batalha que é descrita em *A Segunda Batalha de Moytura (Cath Maige Tuired)*.

<sup>65</sup> Nuada Airgedlámh, do Braço de Prata, era o rei dos Tuatha Dé Danann e foi aquele que os conduziu até à Irlanda. Contudo, n' *A Primeira Batalha de Moytura*, Nuada perde um braço na batalha contra os Fir Bolg e, por isso, é-lhe retirada a realeza, porque um rei nunca poderia governar se estivesse mutilado. Mais tarde, o curandeiro Diancécht constrói-lhe um braço de prata.

<sup>66</sup> Sublinhado nosso.

considerado uma matéria celestial, ajudando a estimular o desejo de mais armas de proveniência mística (Ettlinger, 1945: 299).

Quando se começou a usar o ferro para o fabrico de espadas, numa altura em que ele ainda era raro, as pessoas que não estavam acostumadas à sua presença deslumbravam-se e viam-no como um mineral com propriedades mágicas. O uso do ferro era, inclusive, proibido aos mortais a não ser como arma de defesa contra espíritos malignos, uma vez que se acreditava que eles não conseguiam resistir ao ferro. Deste modo, as características consideradas mágicas ou ocultas do ferro terão passado para os objectos e para o ferreiro, que manuseava este metal (Randolph, 1941: 187).

Assim, podemos afirmar que a espada *Fragarach* era propriedade de Lug e a Espada da Luz era a Espada de Nuada e um dos tesouros dos Tuatha Dé Danann. Nuada representa a soberania, a justiça e a guerra e podemos encarar a sua Espada da Luz como um símbolo de todas essas características. A luz, na tradição celta, simboliza ainda a intervenção dos deuses celestes (Chevalier, 1982: 423), daí que a Espada de Nuada possa ser comparada com a espada que Lug traz para a Irlanda, para a libertar dos Fomoir. A batalha entre Lug e o ciclope Balor, dos Fomoir, também pode ser considerada como a batalha da luz contra as trevas, instaurando a época dourada dos Tuatha Dé Danann e, por isso, *Fragarach* traz a ordem, a justiça, o equilíbrio e a paz ao território da Irlanda, após um período negro de caos e confusão. Paralelos deste episódio podem ser encontrados na luta entre Zeus e os Titãs, na mitologia clássica; e na luta entre o arcanjo Miguel e Lúcifer, na mitologia bíblica.

Na mitologia grega, Zeus é o deus mais importante do Olimpo. Deus da Luz, rei dos homens e dos deuses, preside também às manifestações celestes e provoca a chuva, lança o raio e os relâmpagos mas, sobretudo, mantém a ordem e a justiça no mundo. O seu símbolo é a égide, um escudo mágico forjado por Hefesto, deus do fogo, dos metais e da metalurgia. Para se apropriar do poder que o pai, Crono, detinha no Olimpo, Zeus luta com Crono e os Titãs, irmãos do pai, auxiliado pelos seus irmãos. Depois de uma batalha que durou dez anos, Zeus e os Olímpicos saem vencedores, expulsando os Titãs do Olimpo. Como forma de agradecimento, os Ciclopes, que lutaram ao lado de Zeus, depois de este os ter libertado do Tártaro, aí aprisionados por Crono, deram-lhe o trovão e o raio que tinham forjado (Grimal, 2004: 468-469). Também aqui vemos a luta entre a luz e as trevas, a inauguração de uma nova era, o estabelecimento da ordem, de uma



nova geração de deuses no Olimpo e as armas associadas à luz, ao raio, forjadas por seres sobrenaturais, neste caso os Ciclopes, ajudantes nas oficinas de Hefesto.

Já na mitologia bíblica, esta luta entre luz e trevas ocorre entre o arcanjo Miguel e Lúcifer. Depois da expulsão de Lúcifer, do Jardim Éden (1Is 14: 12-14 e Ez. 28: 12-16), este aparece no Livro do Apocalipse, como um dragão com sete cabeças e dez chifres que tenta devorar a criança que está prestes a nascer, o Messias. É então que Miguel e os seus anjos travam uma batalha contra o dragão, no céu:

O Dragão e os seus anjos combateram, mas não resistiram. E nunca mais encontraram lugar no céu: o grande Dragão, a serpente antiga – a que chamam também Diabo e Satanás – o sedutor de toda a humanidade, foi lançado à terra; e, com ele, foram lançados também os seus anjos. (Ap. 12: 7-9)

Mais uma vez, vemos a luta entre a luz e as trevas, onde a luz acaba por vencer. De notar, ainda, que Miguel, líder do exército de Deus contra as forças do Mal, se tornou no anjo patrono dos cavaleiros, na Idade Média. Já no final deste período, Miguel é representado, na iconografia, empunhando uma espada enquanto combate o dragão. Ainda no contexto bíblico, a espada aparece quando o rei Salomão decide cortar ao meio uma criança, durante uma disputa entre duas mães. No final, a criança sobrevive e a espada é encarada como símbolo da justiça e da sabedoria divina, por parte de Salomão (1RS 3: 16-28).

Para além de *Fragarach*, Lug possuía uma outra arma, que também lhe fora oferecida por Manannan Mac Lir, uma lança à qual não se podia escapar, chamada *Gáe Assail*. Mais uma vez, a luminosidade aparece associada a esta arma, assim como a sua proveniência celestial, já que o seu nome significa “lança relâmpago”. *Gáe Assail* era outro dos tesouros dos Tuatha Dé Danann: uma lança trazida para a Irlanda pelo Dagda<sup>67</sup>, que a perdeu no campo de batalha aquando da primeira batalha de Moytura. Quem a encontrou foi Balor, líder dos Fomoir e avô de Lug, e terá sido assim que Lug se encontrou em posse da lança (Dixon-Kennedy, 1999: 202), atestando novamente a tradição da passagem de armas por várias gerações. Um pormenor curioso é que a lâmina de *Gáe Assail* tem que estar sempre mergulhada num pote de água, para não derreter a cidade onde é guardada, tal é o calor que lhe é inerente. Deste modo, as armas

---

<sup>67</sup> O Dagda é um dos mais importantes deuses da mitologia irlandesa. É poeta, artesão, mago e governante, possuindo quatro tesouros, entre eles o caldeirão da abundância e uma clava poderosa (Varandas, 2006: 327).

parecem partilhar da excitação e impaciência do seu dono, antes da batalha, ou agindo directamente durante a batalha, reflectindo as acções e reacções do herói. Relatos destes também podem relacionar-se com o método de mergulhar ferro quente na água com a intenção de aquecê-la (Ettlinger, 1945: 301). Porém, no processo da têmpera, o ferro é mergulhado na água para o endurecer e arrefecer, podendo dizer-se que a água serviria para refrear a excitação da lâmina antes da batalha.

Outras armas importantes nos mitos irlandeses são as que pertenceram a Cuchulain, um dos heróis mais importantes da mitologia celta e principal personagem do Ciclo de Ulster. Primeiro temos a sua lança, *Gáe Bolg*, que lhe é oferecida por Scathach<sup>68</sup>. Esta lança feita a partir de ossos de um monstro do mar, morto num duelo com outra criatura monstruosa, era invencível e causaria trinta feridas no corpo que trespassasse, provocando a morte. Cuchulain terá usado esta lança em dois momentos diferentes. O primeiro quando matou o seu filho, Conall, em *A Morte do Único Filho de Aoife (Aided Óenfir Aife)*, devido a um “geis”<sup>69</sup>. Impedido, pelo próprio pai, desde o seu nascimento, de dizer o seu nome, Conall também não podia recusar nenhuma luta. Ao encontrar-se com Cuchulain, este pergunta-lhe o nome. Impossibilitado de responder, Conall é desafiado pelo pai para um duelo, no qual morre com um golpe da lança *Gáe Bolg*:

Cú Chulaind rose out of the water and deceived the boy with the gáe bulga, for Scáthach had never taught that weapon to anyone but Cú Chulaind. (Gantz, 1981: 151)

O outro momento em que Cuchulain usa a sua lança é aquando da morte do seu irmão, Ferdia, em *A Razia das Vacas de Cooley (Táin Bó Cuailnge)*, onde ambos se defrontam e Ferdia acaba por morrer depois de ser atingido pela *Gáe Bolg* de Cuchulain. Nesse momento é possível perceber a capacidade mortífera dessa arma:

Cuchulain [...] sent it casting toward Ferdia and it went through the deep and sturdy apron of twice-smelted iron, and shattered in three parts the stout strong stone the size of a mill-stone, and went coursing through the highways and byways of his body so that every single joint filled with barbs. (Kinsella, 2002: 196-197)

---

<sup>68</sup> Scathach era uma mulher guerreira que ensinou as artes do combate a Cuchulain, como se narra no conto *O Cortejar de Emer (Tochmarc Emire)*.

<sup>69</sup> É uma interdição, um tabu, de índole religiosa, que não pode ser quebrado. Ao quebrar um “geis”, quebrava-se uma promessa e, para os celtas, isso significava a desonra ou a morte (Dixon-Kennedy, 1997: 149).

Outra das armas usadas por Cuchulain é *Caladbolg*, que pertenceu ao seu tutor, Fergus Mac Roich, rei do Ulster. Esta é uma espada mágica cujo nome deriva de “calad”, que significa “duro” e “bolg”, que significa “relâmpago”, sendo considerada a antecedente da espada *Excalibur* (Dixon-Kennedy, 1997: 64). Também aqui, podemos ver a associação da espada à luz, através do significado do seu nome. Aparece no *Táin*, quando é entregue a Fergus por Ailil<sup>70</sup> e foi ainda usada por Fergus para cortar o topo de três montanhas, em Mide:

Now that sword, the sword of Fergus, was the sword of Leite from the elf-mounds. When one wished to strike with it, it was as big as a rainbow in the air.—Then Fergus turned his hand level above the heads of the hosts and cut off the tops of the three hills which are still there in the marshy plain as evidence. Those are the three Máela of Meath. (O’Rahilly, 2010: 268)

Outra característica presente nas armas destes deuses e heróis é a de que elas parecem ter vida e vontade próprias, possuindo nomes sendo, assim, personificadas. Esta característica deve-se às crenças animistas e antropomórficas dos celtas, que acreditavam que todas as coisas, quer elas fossem elementos da natureza, objectos inanimados, animais ou deuses, possuíam alma, sentimentos, vontades e desejos, evidenciando, assim, características semelhantes às dos humanos (Ettlinger, 1945: 301). É daqui que advém o facto de as armas, nestes mitos, partilharem dos sentimentos dos seus donos, nomeadamente da excitação antes das batalhas. Um episódio particular desta característica animista é relatado n’*A Segunda Batalha de Moytura*, quando Ogma<sup>71</sup> encontra a espada *Orna*, de um dos reis dos Fomoir, que lhe relata os seus feitos e proezas quando é desembainhada e limpa:

Ogma unsheathed the sword and cleansed it. Then the sword related whatsoever had been done by it; for it was the custom of swords at that time, when unsheathed, to set forth the deeds that had been done by them. (Stokes, 2010: 107)

---

<sup>70</sup> Ailil era consorte de Medb, rainha de Connacht, e ambos eram inimigos de Conchobar Mac Nessa, rei do Ulster (Dixon-Kennedy, 1997: 16).

<sup>71</sup> Ogma era um guerreiro e campeão dos Tuatha Dé Danann e também o deus da retórica e da poesia, semelhante a Ogmios, o deus gaulês da eloquência. De acordo com os mitos celtas, é ainda o inventor do alfabeto ogham, que consistia num conjunto de traços e pontos que correspondiam a vinte e duas letras do alfabeto latino (Varandas, 2006: 296-297).

Já vimos, portanto, que estas armas mágicas são personificadas, propriedade de heróis e deuses, associadas à soberania, à luz e à divindade celeste. Mas também elas são forjadas em contexto místico porque, para além de virem do Outro Mundo, são fabricadas por deuses-ferreiros, comprovando a importância do ferreiro enquanto agente criador com poderes quase sobre-humanos, uma vez que cria as armas de deuses e heróis, como já se referiu anteriormente, no capítulo dedicado ao ferro e ao ferreiro.

Neste âmbito, Goibniu era o deus-ferreiro celta que forjava as armas dos Tuatha Dé Danann, nomeadamente n'*A Segunda Batalha de Moytura*, em que a tríade dos deuses artesãos<sup>72</sup> trabalha em conjunto para forjar e reparar as armas dos Tuatha Dé Danann durante a batalha:

For though their weapons were blunted and broken to-day, they were renewed on the morrow, because Goibniu the Smith was in the forge making swords and spears and javelins. [...] Then Luchtaine the Wright would make the spearshafts by three chippings, and the third chipping was a finish and would set them in the ring of the spear. [...] Then Credne the Brazier would make the rivets by three turns, and would cast the rings of the spears to them [...]. (Stokes, 2010: 93-95)

Destacam-se ainda outros dois ferreiros: Collum Cualleinech e Culann. No caso de Collum, é provável que este ferreiro seja uma figura compósita da tríade dos deuses artesãos, descrito como “o dos três processos” (referindo-se às artes dos mesmos), dos Tuatha Dé Danann quando Lug chega à Irlanda (Dixon-Kennedy, 1997: 80). Culann, por outro lado, é o ferreiro divino do Ulster, cujo cão atacou Sétanta, levando este último a matá-lo. N'*A Razia da Vacas de Cooley (Táin Bó Cuailnge)*, o ferreiro Culann organiza um banquete em honra do rei Conchobar e revela que tinha um cão muito feroz que guardava o território, enquanto todos se encontravam no salão. Porém, Sétanta dirige-se para as terras de Culann e, ao ser atacado pelo cão deste, acaba por matá-lo. Quando Culann se queixou desta perda, Sétanta prometeu ocupar o lugar de cão de guarda de Culann o tempo que precisasse. Esta promessa levou o jovem Sétanta a adoptar um novo nome: Cuchulain, o “Cão de Culann”(Dixon-Kennedy, 1997: 95). Deste modo, podemos perceber que os ferreiros são, não só, aqueles que fabricam as armas mágicas, mas também agentes activos na formação e consagração dos heróis da

---

<sup>72</sup> A *Trí Dé Dana* era composta por três deuses artesãos: Goibniu, o ferreiro divino, Creidhne, o deus da metalurgia, que ajudou Diancécht (curandeiro) a fabricar o braço de prata de Nuada, e Luchtaine que era carpinteiro. De notar, ainda, que as tríades de deuses ou deusas são comuns na mitologia celta.

Irlanda. Para além disso, o ferreiro aparece aqui como defensor do território e como aquele que alberga todos os cidadãos da Irlanda no seu grande salão, para dar uma festa.

Outro aspecto interessante da espada no contexto das crenças religiosas dos celtas era o facto de estas serem depositadas, juntamente com outros objectos valiosos, em lagos, rios e pântanos. Isto acontecia porque, para os celtas, as águas eram sagradas e as vitórias que obtinham eram, de certa forma, pagas aos deuses por intermédio das ofertas dos despojos de guerra à divindade que habitasse esse rio, lago ou pântano (Cunliffe, 1979: 90). Estas águas sagradas tinham qualidades curativas, de regeneração, e eram presididas por divindades maioritariamente femininas<sup>73</sup> porque, como nos diz o autor Barry Cunliffe: “Since water came from the earth, it was appropriate for the deity of the source to be female, reflecting one of the powers of the earth mother” (1979: 89).

Nesses despojos de guerra ofertados às divindades, as espadas iam dobradas antes de serem depositadas na água, fronteira entre esta vida e a próxima, talvez como forma de dar ao guerreiro, que caiu em batalha, a possibilidade de usar a sua espada na vida seguinte. Estes rituais podiam, ainda, ser vigiados por druidas ou sacerdotisas, aqueles que conferiam a autoridade tribal a um líder ao dar-lhe uma espada retirada de um destes locais. Deste modo, a espada serviria como um símbolo de legitimidade ancestral, carregando consigo um poder quase mágico (Loades, 2010: 1156). Esta característica será reflectida, como veremos, na obtenção de *Excalibur* através da Dama do Lago.

Todavia, também se encontraram espadas enterradas, normalmente perto de pântanos ou margens de rios, que datam deste período, mais especificamente da Idade do Ferro Romana<sup>74</sup>. Neste caso, as espadas encontram-se juntamente com outros objectos de ferro, numa espécie de reserva, como se fossem tesouros escondidos, fazendo com que os arqueólogos assumissem duas posições quanto a estes achados: a pragmática e a simbólica. De um ponto de vista pragmático, os artigos armazenados nessas reservas serviriam para serem reutilizados mais tarde, na produção de novos objectos (Hingley,

---

<sup>73</sup> Esta característica traduziu-se na toponímia de vários rios cuja origem está no nome das divindades femininas que os presidiam. Na Irlanda, por exemplo, temos o rio Boyne cujo nome deriva da deusa Boann, ou Boand; o rio Shanonn, associado à deusa Sinann ou Sionann; e, já na actual França, o rio Sena, associado à deusa Sequana, da tribo gaulesa Sequani.

<sup>74</sup> A designação de Idade do Ferro Romana foi atribuída pelo arqueólogo Oscar Montelius a um período da Idade do Ferro centrado na Escandinávia, norte da Alemanha e Holanda. Situa-se entre os anos 1 – 400 e tem este nome devido à crescente pressão que o Império Romano exercia sobre as tribos germânicas do norte da Europa.

2006: 214). De um ponto de vista simbólico, há arqueólogos que acreditam que os contextos em que se inserem estas reservas de ferro sugerem que os objectos eram aí depositados por motivos rituais ou outras razões religiosas. A natureza destes contextos, que inclui pântanos, rios, poços e sepulturas humanas, indica o seu significado ritual. Muitos objectos de metal foram depositados em pântanos, rios e lagos durante a pré-história tardia e o trabalho em ferro posterior, aparentemente, representa parte de uma tradição maior, mais antiga, de armazenar vários tipos de objectos como oferendas ao sobrenatural ou aos antepassados. Além disso o ferro, quando enterrado, deteriora-se, o que torna a intenção de recuperar esses objectos, mais tarde, difícil de explicar (Hingley, 2006: 214-215).

#### 2.2.2. A espada nos mitos celtas do País de Gales

Quando comparados com os textos medievais irlandeses, os do País de Gales são mais recentes, porque os manuscritos pertencem a um período mais tardio e apresentam menos traços mitológicos (Chadwick, 1974: 182). Estes textos tornaram-se conhecidos na Europa, durante o século XIX, pelo nome *The Mabinogion* quando foram publicados, em versão inglesa, pela primeira vez, por Lady Charlotte Guest, em três volumes, entre 1838 e 1849. Encontram-se preservados em dois manuscritos conhecidos como *O Livro Branco de Rhydderch* (*Llyrf Gwyn Rhydderch*), produzido entre o final do século XIII e início do século XIV, e o *Livro Vermelho de Hergest* (*Llyfr Coch Hergest*), produzido entre o final do século XIV e início do XV. Todos os contos aí narrados remontam a uma tradição celta de cariz oral, pelo que a sua produção não coincide com as datas em que os manuscritos foram registados.

Os quatro primeiros contos, conhecidos como *Os Quatro Ramos do Mabinogi* e produzidos, talvez, por um só redactor por volta do século XI, são: *Pwyll, Senhor de Dyved*, *Branwen, Filha de Llyr*, *Manawydan, Filho de Llyr* e *Math, Filho de Mathonwy*. Neles abundam referências a hábitos e costumes antigos e observa-se a rara presença de vocabulário de origem francesa, revelando a presença de uma tradição ainda fortemente celta, mesmo havendo quem discorde, dizendo que os textos são mais tardios e com influência francesa (Varandas, 2007: 16). Contudo, apesar das influências inglesas e normandas, as histórias permaneceram celtas nos seus motivos básicos, já que é possível reconhecer características da mitologia irlandesa, como por exemplo a ausência

de noção de pecado e castigo, a raridade da presença de monstros (sendo que, quando eles existem, têm uma função mais cómica do que aterradora) e a ausência de uma linha definida que marque a fronteira entre o mundo natural e o sobrenatural (Chadwick, 1974: 182-183).

Já os três romances galeses estão mais perto da tradição francesa, revelando elementos mais românticos, cavaleirescos e cortesões da literatura medieval que começava a florescer no continente europeu mas, ainda, baseando-se em fontes celtas (Varandas, 2007: 17). Estes integram-se no conjunto de textos do *Mabinogion* dedicados a Artur e são os seguintes: *Owain ou a Dama da Fonte*, *Peredur, Filho de Evrawc* e *Geraint, Filho de Erbin*. Para além destes, o *Mabinogion* inclui quatro contos independentes: *Llud e Llevelys*, *O Sonho de Maxen Wledig*, *Culhwch e Olwen* e *O Sonho de Rhonabwy*. Todos se relacionam, também, do Artur, com a excepção de *O Sonho de Maxen Wledig*. Destes, destaca-se *Culhwch e Olwen*, o mais antigo conto galês em prosa sobre Artur e mais revelador da cultura celta, recuperando a atmosfera mágica e primitiva de uma época anterior ao século XI, onde o mito celta se revela (Varandas, 2007: 17).

E é precisamente por este conto, *Culhwch e Olwen* que começamos. Culhwch é primo de Artur e o herói e protagonista deste conto, onde tem que cumprir uma série de tarefas impostas pelo gigante Yspaddaden Penkawr para que possa ganhar a mão da sua filha, Olwen. Para tal, pede ajuda a Artur e aos seus melhores guerreiros nessa demanda. Numa primeira fase, quando Culhwch chega à corte do seu primo, podemos verificar que leva consigo vários artigos, entre os quais uma espada reluzente, feita de ouro, cujo tom se parece com o dos relâmpagos vindos do céu, conferindo-lhe uma aparência divina: “A gold-hilted sword [...] the blade of which was of gold, bearing a cross of inlaid gold of the hue of the lightning of heaven [...]” (Guest, 93).

Artur também tem em sua posse vários objectos importantes: um barco e um manto, bem como uma espada, uma lança, um escudo e um punhal<sup>75</sup>. Mais uma vez, as armas sofrem um processo de personificação ao terem nomes próprios possuindo, assim, um

---

<sup>75</sup> Estes objectos são curiosos se nos lembrarmos do deus Manannan mac Lir, da mitologia irlandesa, que possuía alguns objectos semelhantes: um barco, no qual ele viajava entre os mundos, um manto da invisibilidade, a sua espada *Fragarach*, que depois passa para Lug, e a lança de Lug, *Gáe Assail*, vinda do Outro Mundo, no qual Manannan era rei. No caso concreto de *Culhwch e Olwen*, o barco de Artur pode ser o barco Prydwen, com que ele viaja até Annwn, no Outro Mundo, em *Os Despojos de Annwn*. O manto da invisibilidade de Artur é, ainda, listado nos *Treze Tesouros da Ilha da Britânia*.

poder mágico adicional. A espada chama-se *Caledfwlch*, a lança *Rhongomyant*, o escudo *Wynebgwrthucher* e o punhal *Carnwenhau*. A espada de Artur, cujo nome significa “a que corta com dureza”, surge como aquela que, pela mão de Llenlleawg Wyddel, um dos seus companheiros, mata Diwrnach Wyddel, o dono do caldeirão mágico procurado por Culhwch para nele cozinhar as carnes no banquete do seu casamento. Para Caitlín Matthews, esta espada é a “Espada da Luz”, um dos símbolos de soberania que também figura em *Preiddeu Annwn (Os Despojos de Annwn)*<sup>76</sup>, cuja luminescência fora usada para afastar os guardiães do caldeirão de Annwn. Esta espada terá também sido usada por Goreu, filho de Cuseninn, no final do conto, para matar o gigante Yspaddaden, cortando-lhe a cabeça, algo que, tradicionalmente, só uma espada de luz consegue fazer (Matthews, 1989: 238).

É também importante referir que os objectos pertencentes àqueles que estão na corte de Artur têm uma dimensão mágica e sobrenatural: as três espadas *Glas*, *Glessic* e *Gleisad*, caracterizadas como “three grinding gashers” (Guest: 99), com que Culhwch teria de matar o javali Twrch Trwyth; a espada de Kai, cujas feridas não podiam ser saradas por nenhum físico; a lança de Bedwyr, cuja ferida era equiparada à de nove lanças; e também os próprios objectos de Artur, já mencionados anteriormente. Isto acontece porque a corte assume uma dimensão sobrenatural, uma vez que os heróis aí presentes possuem características sobrenaturais, ligadas aos deuses do Outro Mundo. E quando existe a presença do Outro Mundo em reinos terrenos, Caitlín Matthews afirma que esse aspecto, normalmente, sugere o aparecimento dos Talismãs<sup>77</sup> e dos seus guardiães. A autora afirma, ainda, que:

Such Otherworldly treasures are usually wielded by people of power who, if not immortal themselves, derive their empowerment from close association with the Otherworld. [...] These sets of regalia or Otherworldly treasures are primarily the objects of sovereignty quests. (Matthews, 1989: 210)

---

<sup>76</sup> É um poema galês que data de cerca do ano 900, alegadamente escrito por Taliesin. O poema fala-nos de uma expedição ao Outro Mundo, Annwn, para obter um caldeirão mágico (Dixon-Kennedy, 1997: 250).

<sup>77</sup> Caitlín Matthews considera que estes Talismãs são símbolos de poder interior para quem os possui, sendo representados no poema *Os Despojos de Annwn*, quando Artur viaja até ao Outro Mundo no seu barco, Prydwen, juntamente com os seus melhores cavaleiros, para ir buscar esses tesouros (Matthews, 1989: 4). Esses tesouros são a lança, a espada, a taça e o caldeirão, embora possam assumir outras variações (Matthews, 1989: 25).



Deste modo, podemos afirmar que os artigos na posse de Artur e da sua corte são símbolos da sua soberania do território britânico mas, também, do Outro Mundo, uma vez que esta corte assume uma dimensão sobrenatural.

De notar, ainda, que também o gigante Gwrnach possuía uma espada, cuja aquisição fazia parte das tarefas impossíveis de Culhwch, e somente com ela é que o gigante podia ser morto. Esta espada é obtida por Kai que, hábil no polimento de espadas, consegue entrar no castelo do gigante, matando-o com ela e levando-a consigo. Esta espada pode, também, ser considerada como uma espada sobrenatural, uma vez que o gigante é uma figura ctónica, representante das forças da terra, do Outro Mundo. Além disso, os gigantes só podem ser derrotados através das forças conjuntas de um deus e um homem (Chevalier, 1982: 353) e, de facto, Kai aparece-nos como um homem de poderes excepcionais<sup>78</sup>, fazendo parte da corte sobrenatural de Artur, sendo, por isso, talvez o homem certo para matar Gwrnach.

Contudo, a espada *Caledfwlch* aparece ainda noutra conto do *Mabinogion*, *O Sonho de Rhonabwy*. Embora não sendo referido o seu nome, a espada é levada a Artur pelo cavaleiro Kadwr, sendo descrita da seguinte forma:

And the similitude of two serpents was upon the sword in gold. And then the sword was drawn from its scabbard, it seemed as if two flames of fire burst forth from the jaws of the serpents, and then, so wonderful was the sword, that it was hard for any one to look upon it. (Guest, 130)

Este passo revela-nos uma descrição dos padrões decorativos habitualmente presentes nas lâminas de espadas, nomeadamente de padrões antropomórficos ou figuras entrelaçadas, que actuariam aqui, provavelmente, como símbolos que provocavam temor, originando o respeito pela arma e pelo seu proprietário. Mais uma vez, podemos ver a associação da espada à luminosidade, desta vez através do ouro, das serpentes e do fogo, elemento natural purificador e iluminador. De notar, ainda, que o fogo está ligado ao relâmpago que surge na mitologia celta irlandesa como elemento recorrente para caracterizar armas importantes, tal como na mitologia nórdica, como se verá mais adiante. As duas serpentes representadas na lâmina podem ainda aludir à luta entre dois

---

<sup>78</sup> Em *Culhwch e Olwen* é dito que ele consegue sustentar a respiração debaixo de água durante nove dias, tal como consegue não dormir durante o mesmo período de tempo; consegue tornar-se tão alto como a mais alta das árvores; produzir tanto calor que tudo o que o rodeia permanece sempre seco, mesmo debaixo de chuva; para além de ter uma espada cujas feridas são impossíveis de sarar (Guest: 100)

dragões da lenda de Vortigern<sup>79</sup>, já que quando a espada é desembainhada parece que expele fogo (Matthews, 1989: 238). A presença das serpentes na espada e a alusão à lenda dos dois dragões vêm reforçar a importância destes animais no contexto militar. Se nos recordarmos do primeiro capítulo da presente dissertação, o dragão surge na decoração do elmo dos achados arqueológicos de Sutton Hoo, bem como no escudo, sugerindo que a força e o poder do animal eram transferidas para aquele que os usasse. Assim, o dragão parece estar associado ao poder, à autoridade e também à soberania do território.

Deste modo, podemos verificar que as descrições destas espadas mitológicas comprovam os achados arqueológicos desta época, em que as armas eram imbuídas de potência mágica por vias da sua decoração. Todos os padrões eram escolhidos pelo seu significado intrínseco e não somente para enfeitar. Além disso, uma segunda intenção deve ser percebida por detrás dos motivos decorativos: primeiro, a protecção daquele que as usava e que, assim, ostentava o espírito da própria arma, ideia que remete para as crenças animistas dos celtas e, segundo, o efeito temível sobre o seu inimigo, somente evocado pela visão da própria arma (Ettlinger, 1945: 304).

Quanto ao ferreiro divino, o do mito galês é Govannon, filho de Don, uma vez que é o único que sabe trabalhar com os ferros do arado a serviço do rei legítimo da terra e, por essa razão, ajuda Culhwch na sua demanda pela mão de Olwen. Govannon, sendo o ferreiro divino, tinha ainda a honra, segundo as leis galesas, de lhe ser atribuída a primeira bebida ou brinde em qualquer banquete organizado pelo chefe no seu salão e é a versão galesa do ferreiro divino irlandês, Goibniu (Dixon-Kennedy, 1997: 154). Por fim, gostaríamos de salientar outro pormenor curioso em *Culhwch e Olwen* que aponta para a importância do ferreiro enquanto figura que forja armas. Quando o gigante Yspaddaden Penkawr vê os homens de Artur a saírem do seu salão, depois de terem pedido a mão da sua filha para Culhwch, lança-lhes dardos envenenados que acabam por acertar nele próprio. Quando assim é, o gigante amaldiçoa tanto o ferreiro como a forja daqueles dardos. Assim, podemos constatar que o ferreiro é uma espécie de feiticeiro, uma figura mística que sabe os encantamentos que conferem características mágicas às armas, neste caso o facto de elas serem venenosas.

---

<sup>79</sup> Este episódio, também narrado no conto celta galês *Llud e Llevelys*, surge pela primeira vez em *Historia Brittonum (History of the Britons)*, escrita por Nennius, em 829. Aí, narra-se a luta entre dois dragões: um branco, que representa o povo saxão, e um vermelho, que representa o povo da Britânia e que acaba por vencer a luta.

Concluindo, podemos pois associar *Caledfwlch* à luminosidade, tal como acontece com as armas do mito irlandês. De facto, a arma de luz, seja esta luz proveniente do relâmpago (*Gáe Assail*, *Caladbolg*) ou do fogo (*Caledfwlch*), é associada sempre a deuses ou heróis com características divinas, como é o caso do deus Lug, do herói Cuchulain e de Artur. Podemos, por isso, afirmar que a posse de uma destas espadas simboliza a obtenção de poderes divinos por parte do herói mortal que, com ela, consegue alcançar feitos impossíveis.

A importância da espada pode ainda ser atestada no texto *Os Treze Tesouros da Ilha da Britânia* (*Tri Thlws Ar Ddeg Ynys Brydain*)<sup>80</sup>, em que um dos tesouros é, precisamente, a Espada de Rhydderch, *o Generoso*. Esta espada chamava-se *Dyrnwyn*, “Punho Branco” e tinha como característica arder em chamas, do punho até à ponta, caso um homem bem-nascido a desembainhasse, com excepção do próprio Rhydderch (Dixon-Kennedy, 1997: 276). E embora esta espada fosse desejada por todos, poucos a queriam devido às suas características. Atestamos, mais uma vez, a importância das chamas, da luminosidade, na descrição tanto de lanças como de espadas. Neste caso, a espada pertence a Rhydderch, rei de Strathclyde, região entre o sul da Escócia e o norte de Inglaterra. O facto de uma espada estar presente na lista de tesouros da Ilha da Britânia é ainda prova da importância simbólica destes objectos.

### 2.2.3. A espada na mitologia nórdica

Parece-nos importante fazer referência também à mitologia nórdica, uma vez que os anglo-saxões, quando invadiram o território britânico, decerto trouxeram com eles as crenças dos territórios de onde vieram. Assim, quando falamos em mitologia nórdica é importante notar que nos referimos às crenças de um conjunto de povos que habitava as seguintes regiões: Alemanha, Suécia, Noruega, Islândia, Dinamarca e Ilhas Faroé, durante a época viking e antes da cristianização. A principal fonte de conhecimento desta mitologia, especialmente da escandinava, são as *Eddas*, conjuntos de textos islandeses, datados do século XIII, que compilam as histórias que se referem aos deuses e heróis (Lindow, 2001: 12). Porém, apesar dos textos serem tardios, é provável que

---

<sup>80</sup> Estes são tesouros que, supostamente, eram procurados por Myrddin, acabando por ser levados por ele quando fugiu no seu barco de vidro, nunca mais sendo vistos depois disso (Dixon-Kennedy, 1997: 276).

estes mitos tenham sobrevivido à conversão da Islândia ao Cristianismo, por volta do ano 1000, devido à contínua transmissão oral da poesia ao longo da Idade Média. Tida como fonte histórica, esta transmissão de saber por parte dos “skalds”, os poetas islandeses, implicava o conhecimento das lendas heróicas e dos mitos, entendidos não como objectos de crença ou associado a cultos, mas como histórias sobre a própria cultura do povo, que era necessário conservar (Lindow, 2001: 17).

Assim, a *Edda* poética é uma colecção de poemas que celebram deuses e heróis dos tempos antigos, anterior à introdução do Cristianismo na Escandinávia. Encontra-se preservada num único manuscrito, o *Codex Regius*, e é de autor anónimo. A *Edda* em prosa será da autoria de Snorri Sturluson, um académico e historiador islandês, e contém uma sistematização da mitologia nórdica. Sturluson cita, inclusive, vários passos e episódios presentes na *Edda* poética (Lindow, 2001: 18-19). Porém, esta *Edda* em prosa é, em primeiro lugar, um manual para os “skalds” perceberem a poesia da sua época, sendo intercalada com episódios da mitologia, embora seja mais conhecida como uma explicação da mesma (Lindow, 2001: 19, 21).

Para além das *Eddas*, outras fontes existem e que nos oferecem histórias sobre estes deuses e heróis. De entre as sagas nórdicas destaca-se a *Ynglinga Saga*, texto que faz parte de *Heimskringla*, uma compilação sobre os reis da Noruega, também escrita por Snorri Sturluson, no século XIII, onde se relata a chegada dos deuses à Escandinávia e das suas consequentes batalhas decorrentes da sua fixação no território (Lindow, 2001: 23-24). Importante também é a *Völsunga Saga*, escrita no século XIII, na Islândia, cuja personagem central é um dos principais heróis da mitologia nórdica, Sigurd. Aqui, os deuses aparecem como personagens, mas esta saga não reconta os mitos, relatando apenas acontecimentos decorridos na Islândia, durante o período pagão. De notar, ainda, a *Gesta Danorum*, de Saxo Grammaticus. Não se sabe ao certo quando terá sido escrita, mas podemos apontar uma data entre o final do século XII e início do século XIII<sup>81</sup>. A *Gesta* conta com um total de dezasseis livros, sendo que os primeiros oito falam da Dinamarca pagã, situando-se na pré-história onde os deuses e heróis têm um papel principal, e os restantes oito tratam da Dinamarca cristã (Lindow, 2001: 26-27).

---

<sup>81</sup> John Lindow refere que Saxo pertenceu à casa de Absalon, arcebispo de Lund entre 1178 e 1201, e que uma parte da *Gesta Danorum* terá sido escrita antes da morte de Absalon, e a outra parte depois de 1216 (2001: 26).

Ao falarmos de armas na mitologia nórdica, é inevitável falar-se do martelo de Tor. Embora não sendo uma espada, partilha de algumas características semelhantes às das espadas dos deuses e heróis celtas já abordados anteriormente. Tor é um dos deuses que mais sobressai nos mitos nórdicos: é o campeão dos Aesir<sup>82</sup> e defensor de Asgard<sup>83</sup>, aparecendo-nos como um homem de proporções massivas, de barba ruiva e carácter indomável e tempestuoso. Por isto é, talvez, a figura mais representativa do mundo dos vikings (Davidson, 1964: 73). Tor tinha como mãe a própria Terra, havendo aqui uma ligação entre Tor como deus do trovão e a fertilidade da terra, terra essa que o relâmpago atinge e onde a chuva cai (Davidson, 1964: 84). Esta ligação faz-nos lembrar, também, o sinal da hierogamia entre o céu e a terra, referida no capítulo dedicado ao ferro e ao ferreiro, na presente dissertação.

Como nos conta o primeiro livro da *Edda* em prosa, intitulado “Gylfaginning”, Tor tinha em sua posse três objectos, um dos quais o martelo *Mjöllnir* (Brodeur, 1960: 35). Mais uma vez, podemos verificar que as armas importantes eram personalizadas ao ser-lhes atribuído um nome. Neste caso, *Mjöllnir* significa “esmagador” e com ele Tor aniquila inúmeros gigantes. Mais tarde, no segundo livro da *Edda* em prosa, o “Skáldskaparmál”, é-nos dito que o martelo de Tor é um dos três tesouros que os anões Brokkr e Sindri forjaram, juntamente com o javali de Freyr<sup>84</sup> e a lança de Odin<sup>85</sup>, *Gungnir*, sendo de todos eles o mais magnífico<sup>86</sup>:

Then he gave the hammer to Thor, and said that Thor might smite as hard as he desired, whatsoever might be before him, and the hammer would not fail; and if he threw it at anything, it would never miss, and never fly so far as not to return to his hand [...]. This was their decision: that the hammer was best of all the precious works, and in it there was the greatest defense against the Rime-Giants.<sup>87</sup> (Brodeur, 1960: 147)

*Mjöllnir* era então uma arma possante, um dos tesouros dos deuses, forjado por anões e considerado como o melhor de todos, indispensável para a defesa dos deuses contra os

---

<sup>82</sup> Aesir significa “Ases”, e é o nome que se dá ao conjunto dos deuses da mitologia nórdica.

<sup>83</sup> Asgard significa “morada dos Ases”, correspondendo ao mundo onde habitavam os deuses.

<sup>84</sup> Freyr era um deus associado à fertilidade, deus da chuva e do sol e patrono das boas colheitas.

<sup>85</sup> Odin era o deus da poesia, da sabedoria e dos mortos. Era ainda o principal deus do panteão nórdico.

<sup>86</sup> Neste episódio, os anões oferecem vários objectos aos deuses. Freyr recebe o seu barco Skíðbladnir e o javali de ouro, Odin recebe o anel Draupnir e a lança Gungnir, e Tor recebe o seu martelo e o cabelo dourado de Sif, a sua mulher.

<sup>87</sup> Sublinhado nosso.

gigantes. O martelo simboliza ainda o trovão e os relâmpagos que eram causados pelo seu arremesso, havendo aqui um significado duplo. Por um lado, estes relâmpagos são destruidores, uma premonição da tempestade que se forma, muitas vezes, quebrando árvores e incendiando-as. Por outro lado, o trovão significa a vinda da chuva que molha a terra e que a torna fecunda. Assim, a arma de Tor não era somente símbolo do poder destrutivo de uma tempestade e do fogo dos céus, mas também era visto como símbolo da fertilidade da terra, para além de protecção contra as forças do mal e da violência, uma vez que Asgard não poderia ser mantida em segurança sem *Mjöllnir* (Davidson, 1964: 84). O seu simbolismo pode ainda ser explicado pelo facto de que o martelo podia ser usado para imitar o barulho do trovão, se batido contra um objecto ressonante, como, por exemplo, na forja. Quando o martelo bate contra a bigorna, faúlhas são produzidas, imagem que relembra o ressoar do trovão e o surgir do relâmpago (Davidson, 1965: 8).

O martelo era ainda utilizado pelas populações nórdicas como objecto que abençoa, protege e consagra. Era elevado sobre a criança recém-nascida que seria, assim, aceite na comunidade. Era também usado em funerais, bem como em casamentos, para trazer fecundidade à união. Assim, este “sinal do martelo” parece ser semelhante ao “sinal da cruz” do Cristianismo, sendo usado com os mesmos objectivos. Tor usava o seu martelo ainda para ressuscitar as suas cabras, depois de as comer, fazendo o “sinal do martelo” sobre os seus ossos, trazendo-as de volta à vida (Davidson, 1964: 80). Os martelos também eram usados como símbolos de protecção, semelhantes a amuletos, esculpidos em pequenas pedras para serem usados num cordão à volta do pescoço, surgindo talvez como reacção ao novo símbolo da fé cristã, a cruz, usada por aqueles que se haviam convertido à nova fé (figura 2.1) (Davidson, 1964: 81).

Quanto a espadas, existem algumas na mitologia nórdica que são dignas de referência. Propriedade do deus nórdico da guerra Tyr, temos a espada *Tyrfing*, cujo nome é constituído pelos itens “Tyr”, aludindo ao próprio deus, e “fingr” que significa dedo. Podemos, por isso, considerar que esta espada será o “dedo do deus da guerra”. Esta espada figura na *Hervarar Saga ok Heiðreks* e num poema que, por vezes, é incluído na *Edda* poética, o “*Hervararkviða*”. A saga, escrita no século XIII, fala-nos essencialmente sobre a espada *Tyrfing* e como ela foi amaldiçoada pelos anões que a forjaram, Dvalin e Dulin, quando o rei Sigrlami os aprisionou, obrigando-os a fabricá-la. A espada tinha um punho feito em ouro, nunca falhava um golpe, não se enferrujava,

conseguia cortar pedra e ferro, e brilhava como um raio de sol. Porém, tinha também uma maldição: “Never could it be bared without killing a man, and with warm blood it would always be sheathed.” (Tunstall, 2005: 1). Mais tarde, essa espada passou para as mãos de Arngrim, general de Sigrlami, que, por sua vez, a ofereceu ao mais velho dos seus doze filhos, Angantyr.

Posteriormente, esta espada figura noutro episódio importante da saga, onde se narra como Hervor obtém a espada *Tyrfing*. Hervor, filha única de Angantyr, que muda de nome para Hervard, vai reclamar a espada junto do fantasma de seu pai, na sepultura do mesmo. Hervard não era uma mulher comum. Era uma guerreira e tinha na sua posse o mesmo equipamento de um homem, incluindo várias armas. A espada é-lhe, então, dada num episódio em que a campa do seu pai se abre, sendo comparada às portas do Inferno, e onde tudo é fogo e brilha com a luz das chamas, como podemos atestar por intermédio da tradução de Tunstall:

Hellgate gapes  
and graves open,  
all is fire  
on the island's rim [...] (Tunstall, 2005: 5).

Hervard é descrita como uma mulher destemida, corajosa e audaz, quase lembrando as Valquírias da mitologia nórdica, mulheres que levavam os guerreiros mortos em combate para o Valhalla<sup>88</sup>. Nesse mesmo episódio é possível ver a sua bravura ao defrontar-se com a abertura da campa do seu pai:

You can't burn  
any bonfires by night,  
no flames flaring  
to frighten me;  
your daughter's mind  
does not tremble  
though dead men there  
in the door she see. (Tunstall, 2005: 5)

---

<sup>88</sup> O Valhalla era uma mansão situada em Asgard e para onde as Valquírias levavam, por ordem de Odin, os guerreiros mortos nas batalhas. As Valquírias, por sua vez, eram figuras femininas que decidiam quem morria nas batalhas. Também aparecem como amantes de heróis e, por vezes, acompanhadas por corvos, cavalos ou cisnes.

Mais tarde, Hervard dá a espada a um dos seus filhos, Heidrek, que, ao querer vê-la, acaba por provocar a morte do seu irmão, Angantyr, concretizando-se a maldição da espada que, ao ser desembainhada, provocaria imediatamente a morte de um homem.

Esta espada parece-nos bastante importante pelos vários ambientes que evoca. Primeiro, foi fabricada por anões, seres telúricos, habitantes de cavernas onde têm as suas oficinas de ferreiro para fazerem espadas de características mágicas (Chevalier, 1982: 73). Posteriormente é recuperada de dentro da própria terra, de um ambiente de chamas, infernal, debaixo de um túmulo. Mais uma vez, a referência à luz através do fogo, desta vez um fogo de dentro da própria terra, em oposição ao martelo de Tor cuja luz advinha do relâmpago. Além disso, podemos atestar, mais uma vez, a importância da passagem das armas de geração em geração, perpetuando um tesouro de família.

Importa ainda referir a *Völsunga Saga*, onde nos são narrados a origem e declínio do clã Völsung e os feitos do herói Sigurd. No terceiro capítulo, conta-se como um homem, reconhecido como o deus Odin, entra no salão do rei Siggeir, desembainha a sua espada e a enterra até ao punho no tronco da árvore Branstock, declarando que quem a conseguisse puxar teria na mão a melhor das espadas. Todos os homens do salão tentam, sem resultado, retirar a espada do tronco da árvore até que Sigmund, filho do rei Volsung, concretiza a proeza. De facto, para os povos nórdicos a árvore assumia especial importância como objecto sagrado, já que estaria no centro dos mundos dos deuses e dos homens. Na própria mitologia, a Árvore do Mundo Yggdrasil estaria no centro do universo e as suas raízes penetravam até ao fundo das entranhas da terra. Era por baixo dela que se encontrava o local de assembleia dos deuses, assim como os nove mundos dos deuses e homens<sup>89</sup>, à semelhança dos reinos irlandeses que estavam dispostos à volta de Tara, o centro mitológico da Irlanda. Podemos, ainda, encontrar ecos deste episódio na lenda arturiana, quando Artur puxa uma espada da pedra no adro de uma igreja, provando a sua legitimidade como rei de Inglaterra (Davidson, 1988: 24).

Esta arma é mantida como um tesouro de família até ser destruída por Odin, que parte a espada na batalha em que Sigmund morre. Mais tarde, o seu filho Sigurd ordena

---

<sup>89</sup> Os nove mundos, segundo o mito da criação na mitologia nórdica, eram os seguintes: Asgard (mundo dos Aesir, os deuses e deusas), Midgard (mundo dos homens), Jötunheim (mundo dos gigantes do gelo), Alfheim (mundos dos elfos), Muspelheim (mundo do fogo e dos gigantes do fogo), Nidavellir (mundo dos anões), Niflheim (mundo do gelo e dos mortos, também conhecido como Hel), Svartalfheim (mundo dos elfos negros) e Vanaheim (mundo dos Vanir, divindades associadas à fertilidade e prosperidade, rivais dos Aesir).



que a espada destruída, de seu nome *Gram*, que significa “fúria”, volte a ser forjada a partir dos vários pedaços que restaram. Tal acontece e a espada prova ser inquebrável, sendo com ela que Sigurd mata o dragão Fafnir.

Como podemos observar nos mitos nórdicos, a maior parte destas armas, tanto as espadas como o martelo de Tor, são forjadas por anões. Os anões estão ligados às grutas e cavernas onde têm as suas oficinas de ferreiro e são eles que fabricam as armas mágicas dos heróis. Como vêm do mundo subterrâneo, simbolizam o poder telúrico da natureza, bem como as forças obscuras que existem dentro do ser humano. Por essas razões, os anões são ainda seres de mistério, detentores de grande sabedoria (Chevalier, 1982: 73).

De facto, na *Edda* poética, os anões são responsáveis pelo fabrico dos tesouros dos deuses: o javali de Freyr, no poema “Hyndluljóð” (Bellows, 1957: 220), assim como o seu barco, no poema “Grímnismál” (Bellows, 1957: 101). Além disso, no poema “Alvíssmál”, o anão Alvíss, que reclama a filha de Tor para sua esposa, é levado pelo deus a responder-lhe a várias perguntas, até que é destruído pelo amanhecer, transformando-se em pedra. Neste episódio, pode comprovar-se que o anão era visto como uma fonte de conhecimento esotérico, uma vez que Alvíss possui respostas para todas as perguntas que Tor lhe faz (Chevalier, 1982: 73). No poema “Reginismál”, num episódio que é repetido na *Völsunga Saga*, o ferreiro anão Regin é pai adoptivo de Sigurd e forja-lhe a espada *Gram*<sup>90</sup> (Bellows, 1957: 365) com que o herói virá, mais tarde, a matar o dragão Fafnir, no poema “Fáfnismál”. Já na *Edda* em prosa, observámos os anões com poderes mágicos que competem para fazer os melhores tesouros para os deuses, sendo que o melhor destes era o martelo de Tor, *Mjöllnir*. Deste modo, podemos afirmar que os anões são retratados quase sempre com as mesmas características nas várias obras aqui mencionadas: são artesãos, fabricantes de armas e proprietários de artefactos importantes, que vivem em grutas ou cavernas, afastados do resto da comunidade que servem. São ainda considerados como seres reservados e vingativos (Motz, 1977: 49). Os anões são, assim, associados ao sobrenatural, ao conhecimento oculto, à magia e ao fabrico de armas mágicas.

Para além dos anões, a mitologia nórdica também conta com um ferreiro mestre na arte da forja: Völundr. Contudo, a lenda de Völundr, ou Weland, em inglês antigo,

---

<sup>90</sup> Em algumas versões desta lenda, *Gram* é forjada pelo ferreiro Weland.

parece ter raízes em Creta, na lenda de Dédalo, o ferreiro do rei Minos<sup>91</sup> (Christie, 1969: 286). Com o passar do tempo, a história de Dédalo foi-se transformando e modificando consoante as tradições locais dos povos, até se ter tornado numa história escandinava, cristalizando-se nas *Eddas*. O nome do ferreiro torna-se Weland, ou outras variações do mesmo nome, como Völundr, ou Wayland. Uma das razões pela qual esta lenda se disseminou por uma área geográfica tão grande, chegando à Inglaterra e à França, e se manteve tão consistente, pode residir na possibilidade de se ter espalhado da mesma maneira que as línguas indo-europeias, através das migrações das populações a partir de um centro e de uma cultura comum, levando consigo uma versão original do mito que, por sua vez, seria modificada por cada onda sucessiva de migrações (Christie, 1969: 287). Deste modo, a história de um ferreiro ardiloso, que começou a ocorrer em vários locais, ficou ligada à actividade dos próprios ferreiros e, para os homens destes tempos, a imagem do ferreiro exímio passou a estar ligado a Weland. Assim, Weland passou a ser o nome dado a cada ferreiro, ao invés de representar uma figura mítica em específico. Podemos dizer, então, que os mitos e lendas à volta deste ferreiro são mais antigos que as próprias *Eddas* ou outras sagas que os registam (Christie, 1969: 288).

Völundr aparece num dos poemas da *Edda* poética, o “Völundarkviða”. Em “Völundarkviða”, ficamos a saber que Völundr fora encontrado por guerreiros do rei e por eles mutilado, para que o pudessem levar e que ficasse a serviço do rei. Porém, o ferreiro conseguiu libertar-se, mais tarde, e vingar-se do que lhe acontecera. Ao contrário do que acontece com os anões, este ferreiro vive na comunidade servindo as pessoas que o rodeiam. Esta diferença talvez exista porque os anões precisavam de sítios onde esconder os seus tesouros e, por isso, viviam afastados de todos (Mottz, 1977: 50). No caso da literatura anglo-saxónica, Weland aparece uma vez em *Beowulf*, sendo referido pelo herói como aquele que forja a sua armadura (versos 452-454), e também em *Deor*. *Deor* é um poema de quarenta e duas linhas, escrito em inglês antigo e que se encontra preservado no *Exeter Book*, manuscrito do século X. Neste poema também se encontra a presença de Weland, sendo mencionados os seus infortúnios quando foi agrilhado e perseguido pelos guerreiros do rei:

---

<sup>91</sup> É Dédalo que, na mitologia grega, constrói as asas de Ícaro, seu filho, e o labirinto onde está aprisionado o Minotauro, filho do Rei Minos.

Weland, by way of the trammels upon him, knew persecution. Single-minded man, he suffered miseries. He had as his companion sorrow and yearning, wintry-cold suffering; often he met with misfortune once Nithhad had laid constraints upon him, pliant sinew-fetters upon a worthier man. (Bradley, 1982: 364)

O facto de *Deor* relatar o mesmo episódio da “Völundarkviða” sugere que o poeta de *Deor* tinha conhecimento desta versão nórdica da história (Malone, 1966: 5). Para além do poema, este episódio também está presente numa caixa feita em osso de baleia, com painéis em grande relevo, conhecida como “Franks Casket”. Nesta caixa, encontrada em Northumbria e datada do século VIII, são recontadas cenas da tradição romana, judaica, cristã e germânica, com texto do alfabeto romano e rúnico, tanto em latim como em inglês antigo. Para além do texto, na “Franks Casket” estão presentes imagens que relatam esses mesmos episódios, entre eles, no painel frontal, do lado esquerdo, uma cena em que está presente o ferreiro Weland, na sua forja (figura 2.2). Deste modo, podemos atestar a presença do mito de Weland também em contexto anglo-saxónico.

De notar ainda que os achados arqueológicos comprovam que a maior parte das espadas encontradas localizam-se, tal como no caso dos celtas, em lagos, pântanos ou rios, indicando que podiam servir como oferendas aos deuses da guerra (Davidson, 1998: 6). Achados no lago Illerup, na Dinamarca, apontam para o seu carácter sacrificial, uma vez que foram encontradas armas e equipamentos de cerca de sessenta guerreiros, assim como mais de cinquenta espadas que tinham sido dobradas e torcidas, queimadas numa pira e, posteriormente, atiradas ao lago (Davidson, 1998: 7). De facto, segundo H. R. Ellis Davidson:

The occasional destruction of weapons in this way before laying them in the grave is often accounted for by the desire to ‘kill’ the object, and so prepare it for the use of the dead in the next life. (Davidson, 1998: 10)

Além disso, também podemos afirmar que a destruição das armas podia significar um desejo de fazer um sacrifício completo ao torná-las inúteis, para que ladrões ou inimigos não as pudessem utilizar (Davidson, 1998: 11).

### 3. A presença de Excalibur na literatura arturiana

#### 3.1. As duas espadas do rei Artur

##### 3.1.1. A espada na pedra: espada de consagração

É comum pensar-se que a espada *Excalibur* é a espada que Artur retira da pedra. Contudo, tal não corresponde à verdade. Embora não sendo a famosa espada mágica *Excalibur*, a espada que Artur retira da pedra é bastante importante na sua afirmação enquanto rei soberano do território inglês. O episódio da espada na pedra aparece em três obras medievais: no romance francês *Merlin*, de Robert de Boron, escrito entre o fim do século XII e início do século XIII; em *Estoire de Merlin* (também apelidado de *Merlin en Prose*), segundo livro do *Ciclo da Vulgata*,<sup>92</sup> escrito em francês entre os anos de 1210-1220; e em *Le Morte D'Arthur*, de Sir Thomas Malory, escrito já no final do século XV, em Inglaterra.

Robert de Boron é o primeiro a introduzir esta espada na lenda arturiana em *Merlin*. Nesse episódio, a espada aparece no adro de uma igreja, cravada numa pedra de mármore<sup>93</sup>. Na lâmina, uma inscrição afirma que quem conseguir retirá-la da pedra será rei indicado por Jesus Cristo (Boron, 2000: 268-269). Mais tarde, Artur procura uma espada para o seu irmão, Qex, para um torneio, e é nessa procura que acaba por retirar a espada da pedra (Boron, 2000: 274-275). Para Norris Lacy, o motivo da espada na pedra aparece numa altura em que o estatuto de Artur se começa a tornar menos claro já que, ao nascer, Artur é entregue a um casal e não é criado por Uther Pendragon, seu pai, ficando oculta a sua ascendência, para além de também poder ser considerado filho

---

<sup>92</sup> Este ciclo também pode ser chamado de *Lancelot-Graal* ou *Ciclo Pseudo-Map* e é constituído pelos seguintes livros: *Estoire del Saint Graal*, que narra como José de Arimateia trouxe o Graal até à Grã-Bretanha; *Estoire de Merlin*, que conta a história do mago Merlin e as primeiras aventuras de Artur; *Lancelot en prose*, que é a maior secção deste ciclo e relata as aventuras de Lancelot, juntamente com os outros cavaleiros da Távola Redonda; *Queste del Saint Graal*, que narra a busca pelo Graal por parte do cavaleiro Galahad; e *La Mort Artu*, que fala da morte do rei Artur e consequente colapso do seu reino.

<sup>93</sup> Na cultura clássica encontramos um episódio curioso narrado na obra de Plutarco, *Vidas Paralelas: Teseu e Rómulo*. Teseu, ao descobrir que Egeu é o seu verdadeiro pai, é levado por Etra, sua mãe, até junto de uma rocha para tomar os sinais de identificação do pai (Plutarco, 2008: 44, ponto 6.2). Mais tarde, Teseu decide revelar a sua identidade a Egeu ao levar à presença do seu pai os sinais da sua identificação: as sandálias e uma espada limpa de sangue que estariam debaixo dessa rocha (2008: 47, ponto 7.2). Isto acontece, posteriormente, num banquete presidido por Egeu em que este reconhece o seu filho (2008: 53, ponto 12.4-5). Assim, também aqui temos a associação entre uma rocha e uma espada, sendo que esta última é o que identifica Teseu como filho legítimo do rei Egeu.

bastardo<sup>94</sup>. Neste sentido, a espada na pedra é símbolo não só da soberania de Artur, mas principalmente da legitimidade do seu poder. É a concretização deste teste que comprova a sua descendência directa de Uther e lhe garante o lugar no trono de Inglaterra. Assim, podemos afirmar que esta espada simboliza, também, a sua linhagem. Norris Lacy acrescenta ainda que: “He [Boron] makes the sword symbolic of justice, and Arthur’s ability to withdraw it and take possession is a sign of God’s approval.” (1997: 350). Então, para além de Artur ser o legítimo rei de Inglaterra por via da sua ascendência familiar, ele também o é por ser o escolhido por Deus. Boron explica ainda que a espada simboliza a justiça e a pedra simboliza Cristo, estabelecendo Artur como o defensor da fé e rei por direito divino (Lacy, 1996: 438). De facto, ao longo do período medieval, a espada foi entendida como símbolo da realeza divina, transferida para a figura do rei, figura essa na qual se concentram os ofícios militares, religiosos e civis. Sendo a espada um dos objectos pessoais do monarca, ela é o elemento físico que justifica a realeza, isto é, a legitimidade do rei na governação do reino. Representa, ainda, a vertente temporal do poder divino do soberano, como, por exemplo, o seu estatuto régio no campo de batalha. Como vimos anteriormente, nas mitologias abordadas nesta dissertação, o herói que possuía uma espada mágica e personalizada, tinha a graça dos deuses. Assim, as espadas davam poder aos heróis porque evocam as lâminas usadas pelos deuses (Holbrook, 1993: 42-43). Estas características parecem confluir na figura do rei Artur que, ao retirar esta espada da pedra, torna-se rei por direito divino.

Já o *Ciclo da Vulgata* constitui uma versão em prosa que resulta da junção de vários elementos das lendas arturianas presentes em antigos romances em verso, nomeadamente na obra de Boron. Em *Estoire de Merlin*, segundo livro do *Ciclo da Vulgata*, é-nos dito que é encontrada uma pedra com uma espada nela cravada, em frente da catedral, em Londres. Segundo o bispo, aquela é a prova de que Deus tinha ouvido as preces do povo e lhes mostraria quem seria eleito o rei legítimo do território. Aquela é a espada da justiça terrena e vários cavaleiros tentam a sua sorte ao tentar retirá-la da pedra mas todos sem sucesso. A espada é retirada, então, por Artus<sup>95</sup> quando este vai procurar uma espada para o seu irmão, Kex, usar num torneio. Posteriormente, a

---

<sup>94</sup> Artur pode ser considerado filho ilegítimo porque foi concebido por Uther e Igraine na noite em que o Duque de Tintagel, marido de Igraine, morre.

<sup>95</sup> Artus é o nome que Artur assume nesta obra em particular.

espada volta a ser posta na pedra e retirada novamente por Artus perante todos os barões, apesar de a coroação de Artus só se realizar na data do Pentecostes (Sommer, 1969: 81-87).

Na obra de Malory, o episódio repete-se. Sir Thomas Malory terá completado *Le Morte D'Arthur* por volta de 1469-70 e, apesar do romance ter sido publicado por William Caxton em 1485, já no final da Idade Média, a verdade é que esta obra continuou a suscitar o interesse pela figura de Artur e dos seus cavaleiros, tendo sido publicada várias vezes até ao século XVII. *Le Morte D'Arthur* dá-nos a conhecer o mundo arturiano de uma forma completa, na medida em que vai reunir praticamente todas as tradições relacionadas com o rei Artur e seus cavaleiros. Aqui conjugam-se textos da tradição francesa (onde a lenda arturiana foi mais difundida, como os ciclos da *Vulgata* e da *Pós-Vulgata* e a obra *Tristan en Prose*, do séc. XIII) e da tradição inglesa, nomeadamente as obras *Alliterative Morte Arthure* e *Stanzaic Morte Arthur*, ambas escritas durante o século XIV. Contudo, Malory não se limitou a pegar nos elementos das várias obras e a colocá-las na sua. Como refere Alan Lupack: “He reshaped his originals, omitted much that was not relevant to his purpose, and even created new sections to advance his themes” (2007: 134).

Assim, no episódio da espada na pedra, Malory conta-nos que, após a morte de Uther Pendragon, o reino de Inglaterra se encontrava mergulhado no caos, sem rei. Merlin aconselha, então, o arcebispo de Cantuária a reunir todos os lordes em Londres no dia de Natal, uma vez que Jesus iria, por intermédio de um milagre, mostrar quem seria o rei legítimo do reino. Assim foi feito e, após a missa, o arcebispo e os lordes saíram para o adro da igreja e depararam-se com a seguinte visão:

[...] there was sene in the chircheyard ayenst the hyhe aulter a grete stone four square, lyke unto a marbel stone, and in myddes therof was lyke na anvyld of steele afoot on hyghe, and theryn stack a fayre swerd naked by the poynt, and letters there were wrytten in gold about the swerd that saiden thus: ‘WHOSO PULLETH OUTE THIS SWERD OF THIS STONE AND ANVYLD IS RIGHTWYS KYNGE BORNE OF ALL EN(G)LOND’. (Malory, 1470/1983: 7).

Aqui, a espada está enterrada não só na pedra mas também numa bigorna e tem uma inscrição com letras douradas na lâmina, pormenores que Malory terá acrescentado em comparação com obras anteriores. Como já pudemos comprovar no primeiro capítulo da presente dissertação, a espada sempre foi associada aos guerreiros mais abastados e

prestigiados, sendo o símbolo da coragem e do poder de quem a possuísse. Passou também a estar ligada à soberania porque as espadas mais ricas encontradas em achados arqueológicos eram quase sempre propriedade de reis ou chefes de tribos. Deste modo, a espada surge aqui como símbolo da soberania do território inglês, reservada somente a quem a merecesse.

Mas foquemo-nos, primeiro, no sítio onde a espada está enterrada: numa bigorna, em cima de uma pedra, no adro da igreja. A pedra, aqui, é o símbolo da própria terra que está em conflito, sem governo. A espada dá o poder de a governar àquele que prove ser o legítimo rei de Inglaterra. Contudo, podemos encarar a pedra também como um símbolo celestial, porque ela é ali colocada através de um milagre, pelas mãos de Deus<sup>96</sup> e a espada na pedra estabelece aqui uma ligação entre o Céu e a Terra. Neste âmbito é ainda importante lembrarmo-nos de Mircea Eliade que nos fala dos abismos e cavernas em Creta onde foi encontrada uma grande quantidade de machados que simbolizavam a união entre o Céu e a Terra (Eliade, 1977: 18). Além disso, se nos recordarmos de que o ferro começou por ser obtido a partir dos meteoritos que caíam do céu (Eliade, 1977: 17), podemos afirmar que esta espada partilha da mesma sacralidade celeste, uma vez que também ela tem uma proveniência divina ao ser disposta naquela pedra e bigorna pela mão de Deus, para além de se apresentar no adro da igreja. Quanto à presença da bigorna em cima da pedra na qual a espada também estava enterrada, Caitlín Matthews diz que esta é uma extensão da pedra real que faz reis, ou “royal king-making stone”, uma vez que somente o rei legítimo seria capaz de extrair a espada do seu suporte. A autora acrescenta ainda:

By this means the king aligned himself with his sacred ancestors and simultaneously established a contract with the ground beneath his feet. [...] It is a supreme example of the kingly marriage with the land. (Matthews, 1989: 15)

Para entendermos este casamento entre o rei e a terra, há que clarificar um pouco os rituais de realeza celta. Ainda segundo Caitlín Matthews, o rei era casado com a terra e os textos irlandeses falam, inclusive de “banais rigi” ou “o casamento da realeza”.

---

<sup>96</sup> Apesar de, no texto, não haver nada que indique a influência de Merlin no episódio da espada na pedra, Norris Lacy afirma que é Merlin, em algumas versões, quem arranja aquele teste para que seja revelada a verdadeira natureza de Artur enquanto rei legítimo de Inglaterra, e não como um meio de selecção divina (Lacy, 1996: 438).

Nessa altura, a sucessão passava pela linha feminina e a soberania residia na rainha que, como alta sacerdotisa, era também a reencarnação da Grande Terra-Mãe, escolhendo, de entre os seus guerreiros, um homem com quem tinha relações sexuais e que iria liderar o seu grupo de batalha (Matthews, 1989: 14). Assim, este “casamento” tinha conotações místicas uma vez que o rei iria unir-se ao seu reino ao pisar a pegada sagrada na pedra da inauguração, símbolo da terra, no cimo da qual seria elevado pela sua tribo (Matthews, 1989: 15). Este episódio evoca ainda a Pedra da Soberania na mitologia irlandesa, a *Lia Fail*. De acordo com *A Segunda Batalha de Moytura*, a *Lia Fail* constituía um dos quatro tesouros dos Tuatha Dé Danann e gritava sempre que o rei legítimo da Irlanda lhe tocasse. Assim, tal como a *Lia Fail* gritava ao toque do rei legítimo da Irlanda, também a espada na pedra só seria retirada pelo líder por direito do trono de Inglaterra.

Deste modo, podemos considerar que há aqui uma união entre Céu e Terra, entre os mundos terreno e divino, mas também entre os pólos masculino e feminino, se considerarmos que a Terra simboliza o feminino, a Terra-Mãe, e a espada simboliza o masculino, sendo um símbolo fálico, de poder, que está cravado na pedra, símbolo do feminino. Podemos ainda estabelecer um paralelismo com o episódio da mitologia nórdica narrado na *Völsunga Saga*, também já mencionado no capítulo anterior, segundo o qual Sigmund consegue retirar a espada enterrada pelo deus Odin do tronco da árvore Branstock, espada essa que estaria reservada ao melhor dos homens. Parece-nos, então, que esta espada é de proveniência celestial, colocada na pedra por uma entidade divina, que simboliza a soberania da Terra, estabelecendo-se aqui uma união entre ambos os domínios. Malory poderá, eventualmente, ter aliado estes dois episódios mitológicos de culturas pagãs, dando-lhes um cunho cristão ao colocar a pedra no adro de uma igreja, fazendo-a surgir no dia de Natal e por interveniência de Deus.

Outro pormenor na obra de Malory reside no facto de não estar descrita a cerimónia de coroação de Artur enquanto rei. É dito que ele é coroado, que ouve as reclamações de quem se lhe dirige e que distribui terra pelos seus cavaleiros, mas não se refere nenhum ritual religioso. Na cerimónia de coroação, era usual o rei ser ungido com óleo perfumado, leite ou água, num processo que simbolizava a influência divina ou a presença de Deus, uma emanção espiritual no rei que subiria ao trono. Deste modo, ao não existir descrição desta cerimónia em Malory, podemos considerar que se centraliza nesta espada a aprovação de Deus em relação a Artur enquanto rei legítimo de



Inglaterra. Ao ser Ele que dispõe aquela espada é também a Sua presença e escolha que se impõe na vida do futuro rei, uma vez que, ao contemplar aquela visão da espada na pedra, o arcebispo diz para os barões: “He is not here [...] that shall encheve the swerd, but doubte not God will make hym knowen” (Malory 1470/1983: 8).

Outro pormenor que nos chama a atenção para esta situação são as letras gravadas a ouro na lâmina da espada, contendo a inscrição “Whoso pulleth oute this swerd of this stone and anvyld, is rightwys kynge borne of all En(g)lond”. A gravação de inscrições ou símbolos a ouro nas lâminas é algo que, como já verificámos, coincide com os achados arqueológicos medievais. Se nos recordarmos, a partir do século IX, as inscrições nas lâminas começaram a ser mais comuns, podendo conter símbolos, palavras, marcas do ferreiro que as fabricava ou o nome do seu proprietário<sup>97</sup>. Além disso, a inscrição era feita em ouro, fazendo lembrar as serpentes gravadas na espada de Artur no conto do *Mabinogion*, *O Sonho de Rhonabwy*<sup>98</sup>. Porém, esta inscrição não servia nenhuma das funções descritas acima, assumindo-se sim como afirmação da soberania do território por parte daquele que conseguisse retirar a espada do seu suporte de pedra.

Podemos considerar, então, esta espada na pedra como um símbolo da autoridade real de Artur e como símbolo da soberania do território. Uma soberania terrena, que une rei e Terra porque só a ele, o rei legítimo de Inglaterra, estava esta espada reservada. Mas também uma soberania conferida por uma entidade divina, pelo que a espada estabelece, como já afirmámos, uma ligação entre o domínio celeste e terreno e entre masculino e feminino.

Posteriormente, começaram a ser organizados vários torneios e justas para que os vencedores pudessem tentar a sua sorte com a espada da pedra. Num desses torneios estão presentes o cavaleiro Sir Kay, com o seu pai, Sir Ector, e o jovem Artur, seu irmão adoptivo. Nesse dia, Sir Kay perde a sua espada e cabe ao jovem Artur, que também era seu escudeiro, encontrar-lhe uma nova. É então que, ao não conseguir encontrar uma espada nova, decide retirar a espada da pedra e levá-la ao irmão. E aqui podemos perceber que a espada lhe estava destinada, uma vez que Artur não faz qualquer esforço para a conseguir retirar:

---

<sup>97</sup> Cf. pág. 16 da presente dissertação.

<sup>98</sup> Cf. pág. 48-49 da presente dissertação.

And so he handled the swerd by the handels, and lightly and fiersly pulled it out of the stone, and took his hors and rode his way untyll he came to his broder sir Kay and delyverd hym the swerd” (Malory, 1470/1983: 8)<sup>99</sup>

Ao perceber que aquela espada é a espada da pedra, Kay julga ser ele, então, o rei de Inglaterra. Contudo, a situação acaba esclarecida ao perceber-se que não tinha sido Kay mas sim Artur quem retirara a espada da pedra, “withoute ony payn” (Malory, 1470/1983: 8). Como Caitlín Matthews afirma:

Symbolically, the sword cannot be drawn by any save Arthur because it is stuck into the stone, which represents the land. This is a very pure myth of the Goddess of the Land. (Matthews, 1989: 240)

Assim, a espada volta a ser posta na pedra para que Artur a possa retirar novamente à frente de Ector e Kay. O feito é revelado ao arcebispo e, depois, aos barões, que querem que Artur volte a retirar a espada para que não haja dúvidas de que teria sido realmente ele a conseguir realizar esse feito. Assim, Artur retira a espada da pedra quatro vezes, em quatro datas diferentes, todas elas de cariz religioso: o Natal, data do nascimento de Cristo; o “Candlemass”, celebrado quarenta dias após o Natal, festejando o facto de Cristo ser o Senhor da Luz; a Páscoa, celebração da ressurreição de Cristo; e o Pentecostes que comemora a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Cristo. Finalmente, da última vez que Artur retira a espada perante o arcebispo, os cavaleiros e o restante povo, todos o aceitam porque: “[...] for we all see that it is Goddes wille that he shalle be our kynge [...]” (Malory, 1470/1983: 10). Pouco depois é estabelecida a Távola Redonda.

Malory, acidentalmente, atribui a esta espada o nome de *Excalibur*, num episódio posterior: “[...] thenne he drewe his swerd Excalibur, but it was so bryght in his enemyes eyen that it gaf light lyke thirty torchys [...]” (Malory, 1470/1983: 12). Contudo, apesar do engano em relação ao nome, podemos perceber algumas características da espada. Para além de a sua lâmina estar gravada com letras em ouro, ela era também de tal forma luminescente que a sua luz se parecia com a de trinta tochas. Esta imagem evoca as imagens das espadas brilhantes dos heróis e deuses celtas, como a Espada de Luz de Nuada, *Fragarach* de Lug e *Caladbolg* de Cuchulain, na

---

<sup>99</sup> Sublinhado nosso.

mitologia irlandesa. Mas também, na mitologia galesa, a espada brilhante de Culhwch e a de Artur, no *Mabinogion*, que tinha duas serpentes gravadas na lâmina e que, quando desembainhada, parecia que estas expeliam fogo pela boca. Esta luz imensa, como vimos, deriva do facto dos proprietários das espadas serem, geralmente, deuses ou grandes heróis das respectivas mitologias. A luz representa o divino, o celeste, e, deste modo, podemos afirmar que a luz resplandecente desta espada denota a qualidade divina não só da espada, mas do próprio Artur que fora o escolhido para a ostentar. Além disso, tal como os heróis dessas mitologias, é Artur que vem instaurar uma nova era após um período de caos, associado às trevas. Com Artur, inaugura-se uma época de paz e de justiça, uma época em que a luz vence a escuridão e que, por isso, será entendida na Idade Média e nos séculos futuros como a verdadeira época de ouro da história de Inglaterra.

Mais tarde, Artur encontra-se com um cavaleiro na floresta, que vimos a saber ser o rei Pellinore. Pellinore avisa-o que só poderá passar por ele se Artur o vencer num confronto físico. Primeiro, começam por lutar a cavalo e com lanças, como se estivessem numa justa, uma forma de combate bastante popular entre cavaleiros durante a Idade Média. Nas justas, os cavaleiros vestiam as suas armaduras, montavam a cavalo, usavam lanças como arma ofensiva e os seus escudos como arma defensiva, tal como acontece entre Artur e Pellinore. Porém, Artur acaba por cair do cavalo e ambos lutam a pé, num combate corpo a corpo, já usando as suas espadas, numa luta tão feroz que todo o espaço onde eles lutavam se encontrava coberto de sangue (Malory, 1470/1983: 33-34). Contudo, ao preparar-se para desferir o golpe final, a espada de Artur embate na de Pellinore e acaba por se partir em duas. Pellinore fica em vantagem, mas Merlin lança-lhe um feitiço que o adormece, quando este se preparava para matar Artur.

Artur fica, assim, sem a espada da sua soberania terrena e divina, aquela que ele tinha conseguido retirar da pedra e que o tinha consagrado rei legítimo de Inglaterra. A espada falha o seu proprietário, num episódio semelhante ao de *Beowulf* quando o herói, prestes a matar a mãe de Grendel no seu covil, também fica impossibilitado de usar a sua espada (versos 1522-1528)<sup>100</sup>.

---

<sup>100</sup> Para Thomas Garbáty esta espada que falha o seu dono pode ter uma explicação: “[it] may have been a by-product of the concept of the ‘degeneration of the hero’” (Garbáty, 1962: 59). Isto poderá fazer sentido se considerarmos que os romances de cavalaria e até a própria lenda do rei Artur começaram a suscitar cada vez menos interesse no final da Idade Média. Deste modo, as qualidades heróicas de Artur começam

Contudo, este episódio parece marcar o início de uma outra fase na narrativa. Depois de vermos Artur conquistar a soberania do território através da espada na pedra que o consignava rei perante os homens, num episódio marcado por uma presença masculina e cristã, estamos prestes a ver Artur obter uma outra espada concedida por uma divindade feminina e pagã: *Excalibur*.

### 3.1.2. Excalibur: espada da soberania

Antes de o seu nome ser *Excalibur*, a espada mágica do rei Artur passou por várias transformações etimológicas. Originalmente começou por ser *Caledfwlch*, na versão galesa que, por sua vez, derivava de *Caladbolg*, do gaélico irlandês, comprovando-se, assim, a sua origem noutras armas mágicas de heróis da mitologia celta. Geoffrey of Monmouth latinizou o nome para *Caliburnus* que, eventualmente, se tornou em *Excalibur* (Guiley, 2006: 93). Como vimos anteriormente, na mitologia irlandesa, *Caladbolg* pertencia a Cuchulain e o seu nome estava ligado à luz, uma vez que significava “relâmpago forte” e é considerada a antecedente da espada *Excalibur* (Dixon-Kennedy, 1997: 64). Por sua vez, já na mitologia galesa, *Caledfwlch* pertencia ao próprio Artur e era um dos objectos mágicos que estava em sua posse, considerado, por Caitlín Matthews, um objecto vindo do Outro Mundo e símbolo da soberania de Artur no território britânico (Matthews, 1989: 210). Ambas as espadas estavam ligadas à luz: *Caladbolg* pela associação ao relâmpago e *Caledfwlch* pela associação ao fogo. *Excalibur*, por sua vez, está ligada à luz também pelo seu nome, uma vez que a sua latinização para *Caliburnus*, por parte de Monmouth, deriva do latim “chalybs” que significa “aço”, um material bastante brilhante para a lâmina de uma espada, naquela época (Lacy, 1996: 147). Por isso, *Excalibur* também pode remeter para a vitória do aço sobre o bronze no fabrico de espadas, dando conta da transição da Idade do Bronze para a Idade do Ferro.

Em muita da tradição medieval francesa, como por exemplo no *Lancelot en Prose* do *Ciclo da Vulgata* e *Perceval* (1181-1191) de Chrétien de Troyes, a espada pertencia ao

---

a degenerar dentro da narrativa, uma vez que ele passa da figura de um guerreiro, participante em várias aventuras, para a figura de um rei passivo que assiste à degradação do seu reino, em Camelot.

cavaleiro Gawain<sup>101</sup> mas, em trabalhos tardios, é exclusivamente propriedade do rei Artur (Lacy, 1996: 147). Antes de Chrétien, Geoffrey of Monmouth menciona esta espada na sua obra *Historia Regum Britanniae (History of the Kings of Britain)*, escrita por volta de 1136. Nesta obra, Geoffrey oferece-nos uma pseudo-história dos reis da Bretanha, numa ordem cronológica que abrange cerca de dois mil anos, desde a fundação da nação britânica por parte dos troianos até à chegada dos anglo-saxões e sua supremacia nesse território, por volta do século VII. Não se pode considerar esta obra como uma história fiel dos reis do território britânico, uma vez que a sua fonte é bastante vaga já que, segundo Geoffrey, a obra é uma tradução da língua inglesa para latim de: “a certain very ancient book written in the british language” (Monmouth, 1136/1966: 51). Esta obra é constituída por doze livros, três deles dedicados por Geoffrey à vida do rei Artur, desde o livro IX ao XI. A primeira menção à espada mágica de Artur acontece durante a Batalha de Badon, quando Geoffrey descreve a indumentária de Artur:

Arthur himself put on a leather jerkin worthy of so great a king. On his head he placed a golden helmet, with a crest carved in the shape of a dragon; and across his shoulders a circular shield called Pridwen, on which there was painted a likeness of the Blessed Mary, Mother of God, which forced him to be thinking perpetually of her. He girded on his peerless sword, called Caliburn, which was forged in the Isle of Avalon. A spear called Ron graced his right hand: long, broad in the blade and thirsty for slaughter. (Monmouth, 1136/1966: 217)<sup>102</sup>

Antes de destacarmos os objectos na posse de Artur, vale a pena referir a importância da Batalha de Badon. Segundo Gildas, em *De Excidio Britanniae (On the Ruin of Britain)*, do século VI, foi em Badon que os ingleses obtiveram uma vitória decisiva contra os saxões. Esta batalha terá sido a maior derrota dos saxões, estabelecendo um período de paz posterior, consagrando o líder militar Ambrosius Aurelianus que a terá liderado (Gildas, pontos 25 e 26). Mais tarde, é Pseudo-Nennius o primeiro a identificar

---

<sup>101</sup> “[...] il pourra bien tenir, pense-t-il,/ la porte de la tour et son entrée,/ ar il avait ceint Escalibour,/ la meilleure épée qui ait existé/ et qui tranche le fer comme du bois.” (Troyes, 1181-1191/1990: 417). Há especialistas que consideram a hipótese de que a personagem de Gawain seja uma evolução de Cuchulain, uma vez que há episódios nas histórias de ambos que são semelhantes (Mariboe, 1994). A autora Elizabeth Brewer, na obra *From Cuchulain to Gawain: sources and analogues of Sir Gawain and the Green Knight*, expõe esses episódios, na literatura medieval, podendo considerar-se que Gawain era, inicialmente, o portador da espada *Excalibur*, uma vez que esta é a sucessora de *Caladbolg*, a espada de Cuchulain.

<sup>102</sup> Sublinhado nosso.

Artur como o líder desta batalha, em *Historia Brittonum* (*History of the Britons*), no século IX, ao que se lhe seguem o manuscrito *Annales Cambriae* (*The Annals of Wales*), aproximadamente do século X, e Geoffrey of Monmouth, já no século XII. Esta é, então a batalha paradigmática do mito arturiano, uma vez que Artur aparece consagrado como líder militar, derrotando os invasores saxões e impondo um período de relativa paz posterior. Podemos, ainda, estabelecer um paralelo com as batalhas de Lug contra os Fomoir e de Zeus contra os Titãs, uma vez que todas elas trazem o fim de uma era de trevas, trazendo a Luz, e inaugurando uma nova época.

No excerto acima transcrito temos, então, a descrição dos objectos com que Artur é armado antes da batalha. Contudo, o armamento de Artur não é feito com armas contemporâneas do tempo de Monmouth, mas com elementos que correspondem aos objectos encontrados em Sutton Hoo: um elmo adornado com um dragão no topo e um escudo circular. A preservação destes detalhes pode indicar que, de facto, Geoffrey of Monmouth tinha acesso a uma fonte anterior ao seu tempo, possivelmente o tal livro muito antigo em língua inglesa (Lacy, 1996: 12). O elmo adornado com um dragão no topo lembra o elmo encontrado em Sutton Hoo e o dragão, neste contexto, pode ter um simbolismo particular, estando ligado a Artur. Quando Uther, seu pai, se torna rei, adquire um novo nome: Pendragon. Uther passa, então, a utilizar um estandarte com dois dragões e manda fazer em ouro as imagens de dois dragões, um para a catedral de Winchester e outro para que andasse sempre com ele nas batalhas. Monmouth diz-nos, então:

From that moment onwards he was called Utherpendragon, which in the British language means ‘dragon’s head’. He had been given this title because it was by means of a Dragon that Merlin had prophesized that he would be King (Monmouth, 1136/1966: 202).

Por isso, à semelhança do elmo de Sutton Hoo, decorado com dois dragões que atestam o poder daquele que o usasse, também o elmo de Artur ostentava o mesmo animal mítico, reforçando o seu poder. Assim, o dragão parece estar aqui associado à autoridade do rei, ao seu poder enquanto líder militar e à soberania do território<sup>103</sup>, estando presente na vida de Artur como se fosse a sua insígnia (Lacy, 1996: 355).

---

<sup>103</sup> Em relação à figura do dragão enquanto símbolo da soberania do território, destacamos o episódio da luta entre dois dragões, narrado pela primeira vez em *Historia Brittonum* (*History of the Britons*), de

Já o escudo de Artur contempla, aqui, elementos de duas culturas diferentes: a cristã e a pagã<sup>104</sup>. A marca da cultura cristã faz-se pela presença da imagem da Virgem Maria no escudo que, segundo Norris Lacy, seria uma alternativa lógica para um comandante cristão sem um imperador acima dele, contrastando com escudos dos soldados romanos de alto estatuto que ostentavam os retratos do imperador (Lacy, 1996: 12). Por outro lado, o escudo de Artur chama-se *Pridwen*, o mesmo nome do barco que Artur usa para viajar até ao Outro Mundo a fim de conseguir os objectos de poder da Soberania, no poema celta galês *Os Despojos de Annwn* (*Preiddeu Annwn*). Contudo, o facto de o escudo ter este nome pode ter implicações místicas na relação entre Artur e o território britânico. Segundo Caitlín Matthews:

*Prid, pridd or pryd* may mean, variously, ‘dear’, ‘earth’ or ‘beauty’. The suffix, *wen*, from *gwen* or *gwyn*, means ‘white’ or ‘blessed’, so that *Prydwen* might signify the White or Blessed Earth. Prydein is, of course, one of the names of Britain. Perhaps beneath the writings of Nennius and Geoffrey we may discern Arthur’s true championship of the Lady of Britain, the indwelling Goddess and Sovereignty of the Land, on whose defence Arthur’s thoughts were perpetually set (Matthews, 1989: 29-30).

Assim, embora com conotações de culturas diferentes, este escudo assume uma dimensão espiritual: a presença da religião católica por intermédio da Virgem Maria que o protegia e a marca do Outro Mundo celta pelo nome da Deusa no escudo de Artur, representando tanto o seu amparo, como o compromisso de Artur em defendê-la.

O objecto seguinte no armamento de Artur é a sua espada sem igual, *Caliburn*, que Monmouth diz ter sido forjada na ilha de Avalon. Aqui, mais uma vez, é possível verificar a presença da cultura celta pelo facto de Monmouth referir a ilha de Avalon

---

Pseudo-Nennius, do século IX. Ai, conta-se que Vortigern tenta construir um castelo em Dinas Emyrs mas que, todas as noites, as fundações acabam por ser destruídas sem razão aparente. Ao consultar os seus conselheiros, estes dizem-lhe que a situação só se resolverá se se sacrificar um rapaz sem pai. Esse rapaz, de seu nome Ambrósio, é encontrado e é considerado o feiticeiro mais sábio que jamais viveu. Ao saber que vai ser sacrificado, o rapaz conta a Vortigern que, por baixo da colina onde o rei está a tentar construir o seu castelo, estão dois dragões a lutar constantemente. Vortigern escava a colina, liberta os dragões e o dragão vermelho acaba por derrotar o dragão branco. Segundo o rapaz, o dragão branco simboliza os saxões e o dragão vermelho simboliza o povo de Vortigern (Nennius, ponto 42). Este episódio aparece também no conto galês *Lludd e Llevelys*, inserido no *Mabinogion*. Ainda de notar que, desde 1959, a bandeira do País de Gales ostenta um dragão vermelho, num fundo branco e verde.

<sup>104</sup> Também em *Sir Gawain and the Green Knight*, a marca cristã e pagã está presente no armamento de Gawain: no seu escudo está desenhado um pentagrama (versos 619-620) e no interior do escudo está presente a imagem da Virgem Maria (versos 647-650).

como o local onde a espada de Artur fora forjada. Avalon é uma ilha lendária de que Geoffrey of Monmouth nos fala, pela primeira vez, em *Vita Merlini* (c. 1150) onde a caracteriza como a “ilha das maçãs”, habitada por nove mulheres que a governam. Essa ilha, segundo Monmouth, é um local de permanente abundância:

[...] the fields there have no need of the ploughs of the farmers and all cultivation is lacking except what nature provides. Of its own accord it produces grain and grapes, and apple trees grow in its woods from the close-clipped grass. The ground of its own accord produces everything instead of merely grass, and people live there a hundred years or more. (Monmouth, 1150/1925).

Esta descrição assemelha-se às descrições do Outro Mundo na mitologia celta irlandesa, como por exemplo de *Tír na nÓg*, uma espécie de paraíso na terra habitado por seres sobrenaturais para onde se podia viajar através da intervenção desses mesmos seres<sup>105</sup>. Esta ilha encantada também poderá ter origem na ilha galesa *Ynys Avallach* e Geoffrey of Monmouth pode ter sido influenciado por este facto e chamá-la, em latim, *Insula Avallonis*, interpretando o seu nome como “ilha das maçãs” (Lacy, 1997: 284). O facto de ser uma ilha aponta também para que Avalon seja localizada no Outro Mundo. Para citar Jean Chevalier:

A ilha é, pois, um mundo em pequeno formato, uma imagem do cosmos, completa e perfeita, porque ela representa um valor sagrado concentrado. A noção aproxima-se, assim, da do templo e do santuário. A ilha é, simbolicamente, um lugar de eleição, de ciência e de paz, no meio da ignorância e da agitação do mundo profano. Representa um Centro primordial, sagrado por definição e a sua cor fundamental é o branco. (Chevalier, 1982: 374)

Assim, podemos considerar a ilha de Avalon como um local sagrado, no Outro Mundo, uma terra de abundância onde o tempo opera de maneira diferente. Se esta é a origem da espada *Excalibur*, como refere Geoffrey of Monmouth, então ela transporta a mesma sacralidade do sítio onde foi forjada. Tal como na mitologia celta irlandesa, a espada surge aqui como um objecto fabricado no Outro Mundo para uso do herói,

---

<sup>105</sup> Um caso paradigmático deste tipo de viagens é a viagem de Oisín que, pela mão de Niamh filha do deus Manannán mac Lir, viaja até *Tír na Nóg*, passando lá trezentos anos sem envelhecer. No entanto, Oisín, que tinha permanecido jovem, ao pisar o território da Irlanda envelhece os trezentos anos e acaba por morrer.



ajudando-o nas suas aventuras, à semelhança do que acontece com a espada de Lug, *Fragarach*, e até com a lança de Cuchulain, *Gáe Bolg*.

Artur possui ainda uma lança longa chamada *Ron*, descrita como estando sedenta de matança. O nome desta lança assemelha-se a *Rhongomyant*, a lança que Artur possui no conto *Culhwch e Olwen*, evocando, mais uma vez, a cultura celta. Além disso, o facto de ela estar sedenta de matança mostra uma personificação da arma, que advém das crenças animistas dos celtas, ao parecer ter vida e vontade próprias (Ettlinger, 1945: 301). Aqui, ela parece partilhar a excitação antes da batalha, semelhante ao estado de espírito do seu dono.

Quanto a *Caliburn*, o seu poder era enorme e, segundo as descrições de Monmouth, nada se podia opor a ela. Na Batalha de Badon, Artur avança sobre os guerreiros com *Caliburn* em punho e, apelando à Virgem Maria, mata quatrocentos e setenta homens só com os golpes da sua espada (Monmouth, 1136/1966: 217). Já na Gália, Artur corta em duas partes a cabeça do seu inimigo, Frollo, conseguindo, inclusive, fazê-lo enquanto Frollo tinha o seu elmo posto (Monmouth, 1136/1966: 225). Aquando da batalha contra os soldados romanos do Imperador Lucius, Monmouth refere que nenhuma protecção seria eficaz contra *Caliburn*:

Their armour offered them no protection capable of preventing Caliburn, when wielded in the right hand of this mighty King, from forcing them to vomit forth their souls with their life-blood (Monmouth, 1136/1966: 255).

Deste modo, a qualidade extraordinária desta arma comprova a sua origem mágica, proporcionando ao seu dono feitos sem igual.

Já em *Le Morte D'Arthur*, *Excalibur* surge de maneira diferente mas, ainda assim, associada a Avalon. Depois da luta com Pellinore em que a espada na pedra se parte e depois de Merlin ter lançado um feitiço a Pellinore para o adormecer, Artur parte com o mago para obterem uma nova espada. É então que a nova espada é avistada num lago, segurada por uma mão vestida em samito<sup>106</sup>. Depois dessa visão, Merlin e Artur vêem uma mulher a elevar-se no lago que, segundo Merlin, é a Dama do Lago. É então que Artur lhe dirige a palavra:

---

<sup>106</sup> Samito era um valioso tecido medieval de seda, entretecido com fios de ouro ou prata, normalmente usado por eclesiásticos.

‘Damesell,’ seyde Arthure, ‘what swerde ys that yondir that the arme holdith aboven the watir? I wolde hit were myne, for I have no swerde.’

‘Sir Arthure,’ seyde the damesel, ‘that swerde ys myne, and if ye woll gyff me a gyffte whan I aske hit you, ye shall have hit.’

‘Be my feyth,’ seyde Arthure, ‘I woll gyff you what gyffte that ye woll aske.’

‘Well,’ seyde the damesell, ‘go ye into yondir barge, and rowe youreselffe to the swerde, and take hit and the scawberde with you. And I woll aske my gyffte whan I se my tyme.’ (Malory, 1470/1983: 35).

Há uma diferença clara entre o propósito da espada na pedra e a espada dada a Artur pela Dama do Lago. A espada na pedra é a espada da coroação de Artur, é aquela que o designa como rei do território inglês, enquanto *Excalibur*, dada pela Dama do Lago, é a espada da sua masculinidade, com a qual Artur recebe um claro aumento de poder (Matthews, 1989: 240). É considerada um dos Talismãs da Deusa de que Matthews nos fala, um dos objectos da Soberania que a Deusa oferece ao seu campeão para que ele a guarde. Enquanto ele se mantiver fiel, terá poder através da posse destes objectos mas, se falhar nos seus compromissos para com a terra, então esse poder ser-lhe-á retirado (Matthews, 1989: 239). Este aspecto torna-se claro quando a Dama do Lago entrega a espada a Artur em troca de algo que ela lhe pedirá, a seu tempo. Deste modo, apesar do crescente poder do Cristianismo, podemos verificar que o Divino Feminino e a figura da Deusa que representa a terra não desapareceram do inconsciente colectivo, continuando presentes na imaginação medieval, uma sobrevivência dos tempos pré-cristãos (Matthews, 1989: 20). A Deusa é, então, a guardiã destes objectos de poder do Outro Mundo, que não podem ser usados a não ser pelo rei legítimo ou campeão por ela escolhido (Matthews, 1989: 25). Devemos, ainda, ter em conta que a dádiva de *Excalibur* é o primeiro contacto de Artur com o Outro Mundo por via de uma entidade feminina, depois da sua espada de autoridade real se ter partido (Heng, 2000: 98). Podemos ainda identificar a Dama do Lago como evocativa das mulheres guerreiras celtas que treinavam os seus filhos adoptivos nas artes das armas e da guerra, para que tivessem uma lâmina digna que os acompanhasse nas suas aventuras, transmitindo-lhes as suas habilidades (Matthews, 1989: 308). Neste contexto, lembremo-nos de Scathach que entrega a lança *Gáe Bolg* a Cuchulain, o ensina nas artes do combate e a manejar esta nova arma mágica no conto irlandês *O Cortejar de Emer (Tochmarc Emire)*.

O facto de a espada ser dada no lago evoca ainda o facto de a maior parte dos achados arqueológicos de espadas estarem localizados em pântanos e lagos, como se fossem tesouros escondidos. R. Ewart Oakeshott afirma que, no tempo em que Artur terá surgido (por volta do ano 500), a ideia de depositar armas em lagos era uma realidade e que essa ideia terá persistido na memória popular mesmo durante o século XII, quando Geoffrey of Monmouth registou a história de Artur. Contudo:

[...] the romantic additions of the lady of the lake and the arm clothed in white samite had overlaid the old reality of a priest or priestess guarding the sacrificial mere, who for some special purpose might allow a sword to be fished out of the deposit to confer a supernatural power upon a chieftain. (Oakeshott, 1996: 101)

Assim, este episódio coincide com os achados arqueológicos da época e com as memórias populares de tempos pré-cristãos que sobreviveram até esta altura, do lançamento de espadas a rios ou lagos, como forma de favorecer as deusas que presidiam a esses locais. Além disso, o lago tem um simbolismo especial, como afirma Jean Chevalier:

Para os gauleses, os lagos eram divindades ou as moradas dos deuses. Atiravam para as suas águas oferendas de ouro e prata, bem como os troféus das suas vitórias. São também considerados como palácios subterrâneos, de onde surgem as fadas, feiticeiras, ninfas e sereias [...]. (Chevalier, 1982: 397)

De facto, quando Merlin e Artur avistam a Dama do Lago, Merlin diz: “There ys a grete roche, and therein ys as fayre a paleyce as ony on erthe, and rychely besayne” (Malory, 1470/1983: 35). Assim, podemos dizer que esta Dama do Lago e o seu reino são o Outro Mundo, na mesma medida em que Poséidon, deus dos mares na mitologia grega, tem o seu palácio no fundo do oceano e, na mitologia nórdica, Aegir é um palácio no fundo do mar onde, por vezes, todos os deuses se reúnem (Eliade, 1994: 263-264). Quanto ao simbolismo da água, Mircea Eliade diz-nos que a água costuma ser guardada por monstros, demónios ou divindades, em territórios de difícil acesso e que o caminho para lá implica uma série de consagrações e “provas”, uma vez que “na água reside a vida, o vigor e a eternidade” (Eliade, 1994: 249). O autor afirma ainda que na água residem forças mágicas e que os objectos que têm origem nesse meio conferem a imortalidade ou juventude eterna, mas também transformam aquele que os possui em herói ou em deus (Eliade, 1994: 264). Para os celtas, a água era ainda considerada uma

fonte de cura e de regeneração, sendo os rios, lagos e fontes presididos por divindades femininas. Por isso, podemos considerar que *Excalibur* é a espada da pedra regenerada, com a qual Artur recebe um aumento de poder e a legitimização da sua soberania através da Deusa do território, para além de ser símbolo, mais uma vez, da sua realeza divina.

Estes aspectos relacionados com a água podem ser encontrados também em *Beowulf* quando o herói se desloca até ao covil ou lago da mãe de Grendel para lutar com ela. Curiosamente, podemos até estabelecer um paralelo entre este passo de *Beowulf* e o episódio da espada quebrada de Artur, uma vez que, oferecida por Unferth ao herói do poema anglo-saxónico, acaba por se partir e revelar-se inútil para o combate com a mãe de Grendel sob as águas do lago, dentro da gruta submarina. Contudo, nesse mesmo lago, Beowulf encontra uma espada mágica que ele usa para derrotar a sua adversária. Porém, essa acaba por se desfazer quando ele a tenta trazer para os seus companheiros a observarem (versos 1522-1610).

Embora Artur já tenha conseguido *Excalibur*, só ficamos a saber o seu nome posteriormente. Na parte intitulada “The Tale of Balin or the Knight with the Two Swords” conta-se como uma mulher, vinda de Avalon, aparece na corte de Artur na posse de uma espada que poderia ser obtida somente pelo melhor dos cavaleiros. Quem a consegue obter é Balin, num episódio semelhante ao da espada na pedra retirada por Artur. No entanto, depois de ter provado ser o cavaleiro ideal, Balin recusa devolver a espada à dama, quando esta a solicita. Irada, a dama vinda de Avalon lança uma maldição sobre Balin por ele não lhe ter devolvido a espada, dizendo que esta causará a sua destruição. Consequentemente, a Dama do Lago aparece novamente a Artur, reclamando o favor em troca da espada que lhe tinha dado. E é aqui que sabemos o nome da espada: “The name of hit,’ seyde the lady, ‘ys Excalibur, that ys as muche to sey as Kutte Stele.’ (Malory, 1470/1983: 40).

Mais uma vez, à semelhança do que acontece na obra de Geoffrey of Monmouth, o nome *Excalibur* encontra-se ligado ao material de que a lâmina seria feita, o aço. Além disso, o facto de esta espada ter nome relembra-nos a crença animista dos povos celtas e anglo-saxónicos que acreditavam que os objectos tinham alma e, por isso, ao dar-lhes um nome atribuíam-lhes ainda um poder mágico adicional<sup>107</sup>.

---

<sup>107</sup> Página 16 da presente dissertação.

Recuando um pouco, quando Artur consegue obter a espada da Dama do Lago, Merlin faz-lhe uma revelação sobre o objecto que Artur acaba de conseguir:

Then seyde Merlion, ‘Whethir lyke ye better the swerde othir the scawberde?’

‘I lyke bettir the swerde,’ seyde Arthure.

‘Ye ar the more unwyse, for the scawberde ys worth ten of the swerde; for whyles ye have the scawberde uppon you ye shall lose no blood, be ye never so sore wounded. Therefore kepe well the scawberde allweyes with you.’ (Malory, 1470/1983: 36)

Assim, parece que a bainha é ainda mais importante do que a própria espada. Mas porque será? Através dos achados arqueológicos sabe-se que as bainhas eram mais decoradas do que a própria espada em si. Como vimos anteriormente, as bainhas das espadas daqueles que eram mais abastados e que tinham uma posição social elevada eram ornamentadas com pedras preciosas, placas de ouro e até motivos decorativos cuja intenção era consagrar e abençoar a espada, salvaguardando-a durante a batalha. Além disso, podiam ainda conter inscrições rúnicas que davam o nome à espada, identificavam o proprietário ou eram, também, vistas como símbolos mágicos, trazendo força e boa sorte aos seus donos, mas também eram vistas como feitiços para reforçar as qualidades desejáveis a que as runas se referiam<sup>108</sup>. Talvez por este motivo, a bainha tenha sido considerada mais valiosa do que a própria espada em si porque, tal como ela protegia o objecto, também aqui ela protege o seu proprietário.

Geraldine Heng considera que as espadas estão intimamente ligadas ao universo feminino, uma vez que são as mulheres que as possuem e as oferecem ao herói por um determinado período de tempo. A importância da substituição da espada na pedra por *Excalibur* é revelado por intermédio de Merlin que aponta os poderes mágicos da nova arma contidos não só na lâmina mas também na bainha (Heng, 2000: 98). De facto, Merlin repete várias vezes a Artur que a bainha tem um valor superior ao da espada, pedindo-lhe para a conservar. Porém, se Artur parece ser insensível a este pormenor, nem Merlin<sup>109</sup> nem as mulheres o são:

---

<sup>108</sup> Páginas 15-16 da presente dissertação.

<sup>109</sup> Merlin, não sendo uma mulher, conhece estes significados ocultos porque ele age como intermediário entre o mundo terreno e o mundo dos deuses, conhecendo os segredos de ambos.

We notice that *women* never lose sight of these veiled significances, which they too are able to read: the king in tragic contrast never learns the language of emblems sufficiently, and between the theft of the weapon by Morgan, and its partial retrieval by Nyneve, has his fate irrevocably sealed. (Heng, 2000: 98)

Heng refere-se aqui às tentativas de Morgan le Fay em roubar *Excalibur* da posse de Artur, que são a concretização de uma profecia de Merlin, segundo a qual a espada seria roubada por uma mulher da confiança do rei (Malory, 1470/1983: 76). Morgan é amante de Sir Accolon, que vai lutar contra Artur com a espada *Excalibur* roubada por Morgan. Accolon, durante a luta, tem vantagem sobre Artur, uma vez que a espada está sob o efeito de encantamentos proferidos por Morgan. Por sua vez, Artur tem uma espada e bainha semelhantes a *Excalibur*, que lhe são dadas por uma mulher enviada por Morgan le Fay. Contudo, tal como Morgan le Fay apoiava o seu amante, Accolon, a Dama do Lago também foi em auxílio de Artur, uma vez que sabia que a sua arma tinha sido trocada. Nesse confronto entre os dois cavaleiros, os golpes de Accolon eram mais poderosos do que os de Artur e este, já demasiado ferido, apercebe-se de que a sua espada não é *Excalibur* e que esta se encontra na posse do seu adversário. Contudo, apesar das feridas infligidas, Artur continua a lutar: “[...] he was so full of knyghthode that he endured the payne” (Malory, 1470/1983: 86).

Helen Cooper, nas suas notas a *Le Morte D’Arthur*, refere que esta luta entre ambos é justificada porque é difícil fazer com que um cavaleiro pareça heróico se tiver ajuda sobrenatural. O facto de *Excalibur* ter sido dada a Artur faz dele uma figura especial e, por isso, lutar contra a sua própria espada mágica, usando somente a sua coragem e valentia, prova o seu heroísmo. Cooper acrescenta ainda: “The wonder that one expects to attach to the supernatural is therefore transferred to Arthur himself” (Cooper, 2008: 537). É quando Artur se encontra à mercê de Accolon, depois de ter demonstrado toda a sua força e bravura, que a Dama do Lago intervém ao proferir um feitiço que faz com que *Excalibur* caia das mãos do seu inimigo, assim como a sua bainha, e volte para Artur. Contudo, Accolon é poupado por Artur e sobrevive (Malory, 1470/1983: 86-88). Aqui, podemos ver o desejo e ambição de Morgan querer obter, não só, poder mágico mas também a autoridade real do rei. Deste modo, a substituição de Artur e Uriens, seu marido, daria lugar a Morgan, no poder, e a Accolon, como seu parceiro (Heng, 2000: 107).

Depois desta luta e de Morgan ter conseguido roubar *Excalibur* pela primeira vez, ela volta a tentar fazê-lo enquanto Artur dorme, numa abadia. Porém, como não consegue roubar-lhe a espada, Morgan acaba por lhe retirar apenas a bainha. Artur persegue a irmã para recuperar o que lhe fora roubado e Morgan, quando se vê encurralada, lança a bainha às águas profundas de um lago para que Artur não a possa voltar a ter. Como Malory refere ainda: “So hit sanke, for hit was hevy of golde and precious stonys” (1470/1983: 92). Pela primeira vez temos a descrição da bainha que comprova a sua riqueza, uma vez que era feita de ouro e decorada com pedras preciosas.

Importa ainda clarificar a figura de Morgan<sup>110</sup> e a sua importância nestes episódios do roubo da espada e da bainha de Artur. Morgan aparece pela primeira vez em *Vita Merlini*, de Geoffrey of Monmouth, como sendo uma das nove sacerdotisas que habitam a ilha de Avalon e surge como uma personagem de carácter positivo, uma vez que é também curandeira. Contudo, vai-se transformando, ao longo da literatura arturiana medieval, tornando-se numa feiticeira maligna e surgindo como antagonista de Artur. Morgan é, ainda, meia-irmã de Artur por ser filha de Igerna e do seu marido, o Duque de Tintagel<sup>111</sup> e, por isso, a inimizade entre ambos os irmãos é uma constante na tradição tardia da literatura arturiana. Para Caitlín Matthews, Morgan representava a Soberania da Bretanha numa tradição inicial e é por causa da ligação entre ela e Artur que este consegue reinar (Matthews, 1989: 95). Esta rivalidade entre Artur e Morgan deve-se ao facto de Morgan ter direito ao trono de Inglaterra, uma vez que, na tradição celta, a descendência e sucessão eram calculadas pelo lado feminino das relações familiares (Matthews, 1989: 96). Deste modo, Morgan, filha da rainha Igerna, tinha tanto ou mais direito ao trono do que Artur.

---

<sup>110</sup> Sobre a figura de Morgan Le Fay na lenda arturiana, cf. Ana Rita Martins, *Morgan Le Fay: A Herança da Deusa: As faces do feminino na mitologia arturiana*, Tese de Mestrado em Estudos Anglisticos apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2010. Quanto ao estatuto das mulheres no romance de Malory, cf. Célia Margarida Maia Varela Soares, *Le Morte Darthur de Sir Thomas Malory: figuras da mundividência masculina quatrocentista na representação do feminino*, Tese de Mestrado em Estudos Anglisticos apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2004.

<sup>111</sup> Como é relatado em *History of the Kings of Britain*, Uther Pendragon estava apaixonado por Igerna mas, por esta ser casada com o Duque de Tintagel, é-lhe impossível ter um relacionamento com ela. Porém, Merlin recorre a um feitiço que transforma Uther na figura do Duque e, enquanto este último está em batalha e morre, Uther dorme com Igerna e nessa noite concebem Artur (Monmouth, 1136/1966: 207).

Assim, temos duas representações da Soberania: Morgan e a Dama do Lago. Porém, se uma entrega a Artur a arma com poderes mágicos, a outra tenta retirá-la. Acerca disto, Caitlín Matthews diz-nos:

Sovereignty is not a passive archetype, nor some kind of negative cypher whose sole purpose is to empower kings and heroes. As a goddess and in her human representatives she exists in her own right and actively chooses to promote, obstruct or dismiss her chosen candidates. (Matthews, 1989: 27)

Assim, tal como a Dama do Lago entrega a Artur um dos seus objectos de poder, Morgan actua como obstáculo na medida em que tenta despromover Artur ao tentar retirar-lhe *Excalibur*, por causa da sua ambição ao trono. Morgan torna-se, então, numa personagem incomodativa, lembrando Artur do seu juramento para com a terra, para com a própria Soberania, impondo-lhe obstáculos. Morgan escolhe ainda amantes e campeões rivais que vai colocando em oposição a Artur, nomeadamente no episódio já referido de Accolon (Matthews, 1989: 308). Geraldine Heng acrescenta ainda que:

By receiving a knight's dedication and being ascribed motivations, resources and accomplishments, a woman is at once immanent in his deeds, her place and influence permanently inscribed in the record of his gestures. Conversely, knightly obedience to and cooperation with the feminine supply effective means for actualisations of feminine will, creating an agency by which women may be active in the world. (Heng, 2000: 102)

Deste modo, a mulher torna-se num agente activo através da cooperação entre feminino e masculino, uma vez que ambos se complementam e são necessários para o funcionamento harmonioso da sociedade e do mundo<sup>112</sup>.

Mas a importância da bainha e aquilo que a torna mágica não é a sua decoração nem o material de que é feito. Podemos considerar que a bainha de Artur simboliza o feminino, a figura da Deusa, e é precisamente esse objecto que protege Artur de sofrer feridas mortais, como se o feminino complementasse o masculino, havendo aqui uma união entre os dois universos. Assim, tal como a bainha protege a espada, também a

---

<sup>112</sup> Contudo, este papel activo desempenhado pelas mulheres na literatura arturiana não deixa de revelar o cariz misógino da cultura medieval, uma vez que elas, neste caso em concreto, são vistas como figuras maldosas, que perturbam o equilíbrio da corte de Artur, como é o caso de Morgan le Fay.



Deusa protege Artur havendo, mais uma vez, uma união entre o rei terreno e a Deusa do Outro Mundo<sup>113</sup>.

Para percebermos esta importância e de que modo o universo masculino e feminino estão ligados e representados na espada e na bainha, recorremos à obra de Riane Eisler *O Cálice e a Espada*. Nesta obra, a autora destaca que os povos do Neolítico<sup>114</sup> eram adoradores da Deusa e isso está patente na arte que nos foi deixada nesse período<sup>115</sup> (Eisler, 2003: 16). A Deusa era adorada através do “respeito e deslumbramento perante a beleza e o mistério da vida”, sendo abundantes imagens suas que retratam esta ligação com a natureza (Eisler, 2003: 17). Ela é “a Senhora das águas, dos pássaros e do mundo subterrâneo, ou simplesmente a Mãe divina embalando nos braços o seu filho divino” (Eisler, 2003: 17). Outra característica interessante é a de que esta adoração da Deusa era, ao mesmo tempo, monoteísta, no sentido em que havia uma fê na Deusa, e politeísta, já que ela era adorada sob nomes diferentes e sob formas diferentes (Eisler, 2003: 19). Neste âmbito, podemos considerar que a Deusa, enquanto rosto da Soberania, assume várias formas, como a Dama do Lago e Morgan<sup>116</sup>, mas, na sua essência todas são a mesma. A Deusa está, então, ligada à natureza, à criação, uma vez que, enquanto mulher, dá nascimento e alimento, tal como a terra (Eisler, 2003: 20). Além disso, está ainda ligada às águas, o que parece evidente na presença da Dama do Lago que, símbolo da Soberania, oferece um objecto sagrado e mágico a Artur, conferindo-lhe um aumento de poder. Deste modo, apesar do culto da Deusa ser anterior à Idade Média, parece que subsistiu depois do seu tempo:

[...] mesmo após o mundo que representavam ter sido destruído, as imagens míticas dos nossos antepassados neolíticos adoradores da Deusa, “persistiram no substrato que

---

<sup>113</sup> Geraldine Heng chama a atenção, ainda, para o facto de que “vagina” e “bainha” correspondem à mesma palavra, em latim (Heng, 2000: 98).

<sup>114</sup> O Neolítico é um período da pré-história localizado entre, aproximadamente, o ano 10.000 a.C., marcado pelo surgimento da agricultura, até ao ano de 3000 a.C., marcado pelo início do fabrico de utensílios e armas em metal.

<sup>115</sup> Neste âmbito, Eisler refere: “Aqui não encontramos imagens de ‘nobres guerreiros’ ou cenas de batalhas. [...] é notável nestas sociedades neolíticas adoradoras da Deusa a ausência de opulentos sepulcros de ‘chefes guerreiros’” (2003: 16).

<sup>116</sup> Para além de Morgan, há outras representantes da Soberania nas lendas arturianas, nomeadamente Igrerna (Igraine), a mãe de Artur, e Guenhwyfar (Guinevere), sua mulher. Os aspectos da Deusa ou Soberania presentes nestas três mulheres são discutidos em pormenor no capítulo 10 da obra de Caitlín Matthews *Arthur and the Sovereignty of Britain: King and Goddess in the Mabinogion*.

alimentou subsequentes desenvolvimentos culturais”, enriquecendo enormemente a psique europeia. (Eisler, 2003: 20)

Há uma clara mudança de paradigma a partir do momento em que os povos guerreiros do norte da Europa se precipitam para o sul e ocidente, implementando a sua supremacia nos povos pastoris mas, também, impondo a sua sociedade guerreira hierarquizada e de dominância masculina (Eisler, 2003: 44). Nesta medida, a adoração da Deusa dá lugar à supremacia masculina e à atribuição de maior valor ao poder de tirar a vida em vez de a dar. Como Eisler refere:

Este era o poder simbolizado pela Espada “masculina” que era literalmente adorada por estes invasores indo-europeus. Pois na sua sociedade dominadora, regida por deuses – e homens – guerreiros, este era o poder supremo. Com o surgir destes invasores no horizonte pré-histórico, a Deusa e as mulheres foram reduzidas a consortes ou concubinas dos homens. (Eisler, 2003: 45).

De facto, as armas representam, agora, as funções e poderes do deus e o seu carácter sagrado é evidenciado em todas as religiões indo-europeias, como já vimos no caso dos celtas e dos povos nórdicos em especial. Esta glorificação da espada afiada acompanhava um modo de vida baseado na guerra, na destruição e subjugação dos outros povos (Eisler, 2003: 46). Riane Eisler destaca ainda o historiador V. Gordon Childe que refere que a crescente preponderância dos membros masculinos na sociedade pode explicar o desaparecimento das estatuetas femininas tão frequentes nas sociedades neolíticas: “A antiga ideologia mudara. O facto poderá reflectir a mudança de uma organização social matrilinear para outra de cariz patrilinear” (Eisler, 2003: 49).

Deste modo, podemos considerar que, apesar de a sociedade em que Thomas Malory se insere ser de dominância masculina, em que a mulher é relegada para segundo plano, e que confere poder àquele que ostenta uma arma, a lembrança de uma cultura em que a mulher tinha o papel primordial não desapareceu completamente do imaginário da época. Em *Le Morte D'Arthur*, a Deusa ou Soberania, representada quer pela Dama do Lago, quer por Morgan, continua presente e ambas são personagens activas que definem o herói, que interferem no seu caminho, que conferem poder e legitimidade ao seu estatuto de rei e, por isso, a bainha parece ser uma recordação desta herança feminina anterior, que complementa a existência masculina e guerreira, representada pela espada *Excalibur*. Podemos ainda afirmar que Morgan atira a bainha ao lago por saber que, sem

ela, Artur e a Deusa deixam de ser um. Morgan rouba e atira a bainha ao lago porque sabe que Artur fica vulnerável sem ela, uma vez que é a bainha que o protege de sofrer feridas mortais. Assim, é-lhe retirada a protecção mágica da Deusa, deixando-o como um homem comum.

Já no fim da vida de Artur, após a batalha com o seu sobrinho Mordred, em Camlaan, em que ficam ambos mortalmente feridos, o rei pede a Sir Bedivere que devolva a espada ao lago:

‘Therefore,’ sayde kynge Arthur unto sir Bedwere, ‘take thou here Excaliber, my good swerde, and go wyth hit to yondir watirs syde; and whan thou commyste there, I charge the throw my swerde in that water, and come agayne and telle me what thou syeste there.’ (Malory, 1470/1983: 715)

Contudo, Bedivere hesita e só à terceira vez é que cumpre as ordens do seu rei, devolvendo *Excalibur* às águas. Da primeira vez, ao ver que aquela espada é tão rica e valiosa, resolve escondê-la debaixo de uma árvore. Repete o mesmo acto da segunda vez e, só na terceira vez que se dirige ao lago, é que a lança, avistando algo à sua superfície:

And there cam an arme and a honde above the watir, and toke hit and cleyght hit, and shoke hit thryse and braundysshed, and than vanysshed with the swerde into the watir. (Malory, 1470/1983: 716)

Assim, no momento final da vida de Artur, este parece saber que o objecto que lhe fora dado pela Dama do Lago teria que voltar à sua origem, à Soberania, uma vez que os objectos de poder são sua propriedade. De facto, a espada não pode ser mantida como relíquia ou herança para ser passada a um futuro rei, tem que ser devolvida até que a Soberania volte a escolher um novo campeão que a represente e que governe a sua terra. Nas palavras de Caitlín Matthews: “Each monarch makes his own agreement with Sovereignty, who will not give her gifts to the unworthy” (Matthews, 1989: 240). Além disso, não nos podemos esquecer que era habitual, depois de uma batalha, fazerem-se oferendas aos deuses ao lançar as armas dos guerreiros às águas de um rio ou lago, aspecto que está presente também neste episódio.

Dá-se, então, a reunião entre masculino e feminino, uma vez que a espada volta ao lago, à posse da Soberania, mas também porque Artur é levado numa barca até à ilha de

Avalon, o Outro Mundo, para se curar das suas feridas mortais. Nessa barca, vai acompanhado por três mulheres, entre as quais a sua irmã e rival, também representante da Soberania, Morgan le Fay.

## Conclusão

A lenda do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda alimentou a imaginação do homem ao longo dos séculos pela valentia dos seus heróis, pelo misticismo associado à magia, pelo romance, pelo reino idílico que fora Camelot, pelos seus vilões e pela magnificência de um rei que, ainda hoje, se espera que retorne para salvar Inglaterra de tempos mais sombrios. A demanda do Graal é um dos temas centrais desta lenda e muito já foi escrito sobre este objecto, alvo da reverência por parte de todos os cavaleiros de Camelot e que, por isso, os lança nessa busca para que o equilíbrio da terra devastada possa ser reestabelecido. Porém, um outro objecto associado ao rei Artur permanece pouco explorado, na bruma: a espada *Excalibur*.

*Excalibur* é, por vezes, confundida com a espada retirada da pedra e que designa Artur como rei legítimo de Inglaterra. Apesar de esta ser a espada de coroação de Artur e, também, símbolo da sua ligação com a terra, importante na sua ascensão enquanto rei, ela não é *Excalibur*. *Excalibur* é a espada mágica de Artur, vinda do Outro Mundo que lhe é dada por uma das representantes da Soberania da terra: a Dama do Lago. Esta espada é um dos objectos de poder, um dos talismãs que a Deusa oferece ao homem escolhido por ela para reinar sobre o seu território. Simboliza a união entre o rei terreno e a Deusa da terra. *Excalibur* é a espada da soberania do rei Artur.

O objectivo desta dissertação é provar a importância de *Excalibur* na literatura arturiana inglesa, na Idade Média: começando pela relevância da espada na vida quotidiana dos habitantes do território da Grã-Bretanha, passando pelas espadas dos deuses e heróis das mitologias que influenciaram a cultura britânica, e o quanto destes dois mundos passou para as lendas arturianas e para *Excalibur*, em particular.

Deste modo, numa primeira fase, pudemos perceber que as espadas sofreram uma evolução desde os guerreiros celtas até ao cavaleiro medieval, no que diz respeito ao seu fabrico, à sua forma e aos materiais usados para compor as várias partes que constituem as constituem. Mas houve alguns aspectos que permaneceram inalteráveis: a sua associação a guerreiros importantes, a homens abastados e a chefes ou reis pelo que se revelam sempre como símbolos de autoridade, de poder e de soberania. Algumas espadas ostentavam símbolos considerados mágicos, como as inscrições rúnicas dos anglo-saxões, para proteger e consagrar as armas, e também possuíam nome, comprovando-se a personalização das espadas. É, ainda, na cultura dos celtas e dos

anglo-saxões que se verifica a tradição de se devolver as espadas aos lagos e rios, após as batalhas, como oferendas aos deuses, mas também a retirada dessas armas da água, por um druida ou sacerdotisa, que viria a conferir legitimidade ao rei a quem a arma fosse entregue. Este pormenor, como vimos, é de grande importância, uma vez que parece estar na génese do episódio da entrega de *Excalibur* a Artur pela Dama do Lago. Já com os ideais de cavalaria, a espada torna-se símbolo da honra, da coragem e da lealdade do cavaleiro para com o seu rei, mas também se torna na arma preferencial para a defesa da Igreja e dos ideais cristãos, assim como para a luta contra o Mal e contra os infiéis.

Deste modo, podemos verificar que, historicamente e numa vertente mais pragmática, a espada representava a soberania, a autoridade, a bravura, o poder e a honra de um homem, símbolo da guerra, mas também objecto de beleza e fascínio. Neste primeiro capítulo verificámos que algumas características presentes nas espadas vão confluir em *Excalibur*: o facto de ser uma espada ligada à soberania e à autoridade do rei, a particularidade de ter um nome, de ser retirada de um lago e de a sua bainha ser ricamente decorada. Também a espada retirada da pedra apresenta algumas das características nomeadas neste primeiro capítulo: o facto de possuir palavras gravadas na lâmina e de estar associada ao Cristianismo, uma vez que é disposta no adro de uma igreja, no dia de Natal, nalgumas versões.

Depois de uma abordagem mais histórica, o próximo passo seria verificar como as espadas eram retratadas em textos míticos, nomeadamente aqueles que se referem à mitologia celta, da Irlanda e do País de Gales, e à mitologia nórdica supostamente trazida para Inglaterra pelos invasores anglo-saxónicos. Aqui, pudemos verificar que a mitologia retrata a espada como um objecto em posse dos seus deuses e principais heróis uma vez que, sendo uma extensão dos seus donos, irá ajudá-los a alcançar feitos extraordinários, distinguindo-os do comum dos mortais. As espadas estão, quase sempre, ligadas à luz, à libertação e à afirmação de um deus ou herói perante a sociedade. Esta luz podia advir do fogo, do relâmpago ou do próprio material de que a lâmina era feita, uma vez que, como também foi explorado, o ferro tinha um simbolismo divino e mágico, tendo proveniência celeste ou telúrica, associando-o aos deuses do céu ou da terra. Na mitologia, as espadas eram mágicas, provenientes do Outro Mundo, fabricadas por ferreiros que sabiam os encantamentos certos para que essas perdurassem no tempo e na memória dos homens. Assim, concentrámo-nos nas

espadas *Fragarach* do deus Lug, na *Espada da Luz* do deus Nuada e em *Caladbolg* do herói Cuchulain, embora outras armas sejam dignas de menção pelas suas propriedades mágicas, como as lanças *Gáe Assail* e *Gáe Bolg* de Lug e Cuchulain, respectivamente.

Na mitologia galesa, Artur já é uma figura presente e, por isso, no conto *Culhwch e Olwen* aparece-nos a espada que estará na origem de *Excalibur*: *Caledfwlch*. No que toca à mitologia nórdica, podemos verificar que há episódios em comum com as lendas arturianas no que toca à espada na pedra: *Mjöllnir*, o martelo de Tor, só poderia ser usado por ele e era um dos tesouros dos deuses; e Sigmund é o único homem que consegue retirar a espada que Odin enterra na árvore Branstock, algo que se repete no episódio da espada na pedra. Mais uma vez, também nesta mitologia podemos verificar que as espadas são mágicas, fabricadas no Outro Mundo e associadas à luz pelo fogo.

Depois de recorrer à história e à mitologia, tentámos perceber que características se concentram em *Excalibur*, tornando-a no símbolo da soberania de Artur: uma soberania terrena mas, também, uma soberania sobrenatural. De igual modo, no episódio da espada na pedra se encontram paralelos com a mitologia e com os achados arqueológicos. Sendo a espada da coroação de Artur, aquela que o torna rei legítimo do território, também foi alvo de análise. Para isso, recorremos aos textos *Historia Regum Britanniae* (*The History of the Kings of Britain*, de 1136), de Geoffrey of Monmouth e a *Le Morte D'Arthur* (1470), de Sir Thomas Malory. Começando com a espada na pedra, verificámos que nela confluem o episódio de Sigmund e o mito da pedra *Lia Fáil* que gritava quando tocada pelo rei legítimo da Irlanda. Nesta espada podemos ainda comprovar o hábito das inscrições nas lâminas e a sua ligação à terra, semelhante aos machados encontrados em várias grutas, em Creta. Esta espada é, então, uma ligação entre o Céu e a Terra, entre divino e terreno e a marca do Cristianismo neste mito, uma vez que o episódio acontece no adro de uma igreja, no dia de natal, embora a soberania do território seja conferida pela Deusa da Terra, uma vez que é ela que liberta a espada para o homem que escolheu. É a lembrança, ainda, de que a espada era vista como um símbolo de autoridade e soberania desde os celtas e anglo-saxões, estando somente reservadas a chefes ou reis.

Já *Excalibur* evoca a ligação de Artur com a cultura e os textos celtas começando pela sua etimologia que remonta a *Caladbolg*, a espada de Cuchulain, e a *Caledfwlch*, a espada de Artur no *Mabinogion*. *Excalibur* é obtida depois da espada na pedra se quebrar e, por isso, representa um aumento de poder para o rei e o primeiro contacto

com o Outro Mundo celta e com a Deusa da Soberania. Assim, *Excalibur* lembra-nos as espadas depositadas nas margens de lagos, rios e pântanos com propósitos religiosos e a ligação entre os celtas e a água, que representava uma porta de entrada para o Outro Mundo. Por ser uma espada mágica, lembra as espadas dos heróis e deuses celtas, como *Fragarach* e a *Espada de Luz*, de Lug e Nuada, respectivamente, e o martelo *Mjöllnir* do deus nórdico Tor. *Excalibur* é a espada definitiva da Soberania, uma vez que lhe é dada directamente por uma das suas representantes e é estabelecida uma união mais forte entre o masculino e o feminino, entre o rei e a Deusa. Porém, há um pormenor interessante a ser considerado: Merlin diz que a bainha da espada é mais importante do que a própria espada. A bainha é, de facto, caracterizada como sendo mais ornamentada do que a espada, comprovando os achados arqueológicos que mostram que a maior parte da decoração de uma espada se encontrava na bainha. Mas em termos simbólicos, a bainha assume uma dimensão igualmente importante.

A espada é um símbolo do masculino, é uma arma de destruição e serve para ferir e matar, é o princípio da agressão. A bainha, por outro lado, é a protecção da espada, tal como a Deusa é a protectora de Artur, fazendo com que o princípio feminino complemente e complete o princípio masculino. Artur precisa da bainha porque ela é a protecção da Deusa e, por sua vez, a Deusa precisa de Artur para governar a sua terra. Quando a bainha é roubada por Morgan, Artur fica mais vulnerável, uma vez que deixa de ter a protecção do feminino.

Assim, Artur é escolhido pela Deusa, pela Soberania, e *Excalibur* é o símbolo dessa união entre o rei e a Terra, lembrando os casamentos da realeza celtas mencionados por Caitlín Matthews (1989: 14). É com a espada na pedra que ele obtém a soberania da terra, mas é com *Excalibur* que tem o primeiro contacto com as suas representantes e obtém um aumento de poder ao conquistar um dos Talismãs da Soberania. Assim, podemos afirmar que *Excalibur* representa a união entre o feminino e o masculino, o terreno e o divino, e entre o rei e a Deusa. No final, tudo volta à sua origem, até que a Deusa escolha um novo rei que governe a sua terra e que estabeleça um novo contracto entre os dois mundos que devem existir em cooperação mútua, uma vez que sem um, o outro não pode subsistir.

Concluimos, então, que as espadas são as armas que libertam, que trazem a luz e a verdade, que desbravam caminhos. São armas de guerra e de estatuto social, associadas à soberania, à autoridade e ao poder de um chefe, mas também símbolos da



superioridade de um guerreiro, de um herói perante o comum dos mortais. A espada assume-se, ainda, como a arma dos deuses e de heróis divinos, associadas ao brilho, à Luz, ao início de novas eras. Surge também como símbolo de unificação entre dois mundos: o natural e o sobrenatural, o terreno e o divino, e o seu proprietário acaba por fazer parte de ambos. No caso concreto desta dissertação, *Excalibur* é mais do que uma mera espada. É a espada da verdadeira soberania de Artur sobre o território britânico, é a sua ligação à herança celta e ao Sagrado Feminino. É a prova de que o homem e a mulher devem trabalhar em conjunto, lado a lado, para um bem comum: o bem-estar e a harmonia de um povo e de uma terra.

Ainda nos dias de hoje, a espada é um objecto alvo de fascínio, fazendo parte do nosso imaginário e objecto de importância maior dos heróis da cultura do nosso tempo. Se nos lembrarmos da saga *A Song of Ice and Fire*, de George R. R. Martin, são várias as espadas que vão buscar características das espadas medievais, tanto na sua forma como no seu simbolismo, em posse de algumas das personagens mais importantes desse universo. No cinema, não nos podemos esquecer dos Sabres de Luz, na posse da Ordem dos Jedi que lutam contra os Sith, para servir e proteger a República Galáctica e toda a galáxia, na saga *Star Wars* de George Lucas. Também no universo de Harry Potter, a espada de Gryffindor parece ter uma importância particular, sendo um dos Talismãs da Morte, recuperada por Harry, em *Harry Potter and the Deathly Hallows*, das profundezas de um lago, num episódio claramente evocativo de *Excalibur*, dada pela Dama do Lago.

Se ainda hoje as espadas fazem parte da nossa imaginação, vistas como relíquias valiosas, símbolos do poder, da autoridade e da importância da personagem a quem elas pertencem, se evocam espadas de narrativas de tempos idos, então porque não falar de *Excalibur*?

## **Bibliografia**

### **Textos Medievais:**

#### **Século VI**

Gildas. “De Excidio Britanniae or The Ruin of Britain”. *Early Church Fathers*. Roger Pearse. 2003.

[http://www.ccel.org/ccel/pearse/morefathers/files/gildas\\_02\\_ruin\\_of\\_britain.htm](http://www.ccel.org/ccel/pearse/morefathers/files/gildas_02_ruin_of_britain.htm)

Consultado a 14 Novembro 2012.

#### **Século VIII**

Bede. *Ecclesiastical History of the English People*. Trad. Leo Sherley-Price. London: Penguin Books. 1990.

#### **Século IX**

“Nennius: Historia Brittonum, 8th century”. Trad. J. A. Giles. *Internet Medieval Source Book*. Paul Halsall. 1998. <http://www.fordham.edu/halsall/basis/nennius-full.asp>

Consultado a 10 Abril 2012.

#### **Século X**

“Deor”. *Anglo-Saxon Poetry*. Trad. e Ed. S. A. J. Bradley. London: Everyman’s Library. 1987.

*Deor*. Ed. Kemp Malone. London: Methuen & Co Ltd. 1966.

#### **Século XI**

*Beowulf: Bilingual Edition*. Trad. Seamus Heaney. London: Faber and Faber. 1999.

Gantz, Jeffrey. *Early Irish Myths and Sagas*. London: Penguin Books. 1981.

#### **Século XII**

Monmouth, Geoffrey of. *The History of the Kings of Britain*. (1136). Trad. e Intro. Lewis Thorpe. London: Penguin Books. 1966.

---. *Vita Merlini*. (1150). Trad. de John Jay Parry. (1925). *Internet Sacred Texts Archive*.  
<http://www.sacred-texts.com/neu/eng/vm/index.htm> Consultado a 9 Julho 2012.

Salisbury, John of. “Book VI”. *Policraticus*. Ed. e Trad. Cary J. Nederman. Cambridge: Cambridge University Press. 1995.

“Section 40 – The Long Warning of Sultaim”. *Táin Bó Cuailnge*. Trad. Cecile O’Rahilly. *CELT*. 2010. <http://www.ucc.ie/celt/published/T301035/index.html> Consultado a 31 Março 2012.

“The Second Battle of Moytura”. Trad. Whitley Stokes. *CELT*. 2010. <http://www.ucc.ie/celt/published/T300011.html> Consultado a 31 Março 2012.

*The Táin: From the Irish Epic Táin Bó Cuailnge*. Trad. Thomas Kinsella. Oxford: Oxford University Press. 2002.

Troyes, Chrétien de. *Le Conte du Graal ou Le Roman de Perceval*. Paris: Le Livre de Poche. 1990.

### Século XIII

Boron, Robert de. *Merlin: Roman du XIII<sup>e</sup> siècle*. Edição crítica de Alexandre Micha. Genève: Droz. 2000.

Sommer, H. O. “Lestoire de Merlin”. *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*. Vol. 2. New York: AMS Press, Inc. 1969.

*The Poetic Edda*. Trad. e Intro. Henry Adams Bellows. New York: The American-Scandinavian Foundation. 1957.

*The Prose Edda by Snorri Sturluson*. Trad. e Intro. Arthur Gilchrist Brodeur. New York: The American-Scandinavian Foundation. 1960.

*The Saga of Hervor and King Heidrek the Wise*. Trad. Peter Tunstall. (2005). <http://www.oe.eclipse.co.uk/nom/Hervor.htm> Consultado a 20 de Março 2012.

*The Story of the Volsungs*. Trad. William Morris e Eiríkr Magnússon (1888). *Internet Sacred Texts Archive*. <http://www.sacred-texts.com/neu/vlsng/index.htm> Consultado a 19 Março 2012.

### Século XIV

*Sir Gawain and the Green Knight*. Trad. Brian Stone. London: Penguin Books. 1965.

*The Mabinogion*. Trad. Lady Charlotte Guest. Kessinger Publishing. (s/d)

## Século XV

Malory, Sir Thomas. *Le Morte Darthur: The Winchester Manuscript*. (1470). Edição, introdução e notas de Helen Cooper. Oxford and New York: Oxford University Press. 2008.

---. *Malory: Works*. (1470). Ed. Eugène Vinaver. 2ª Edição. Oxford: Oxford University Press. 1983.

## Obras de referência:

Alcock, Leslie. "Economy, Society and Warfare". *Arthur's Britain*. Middlesex: Penguin Books. 1975.

Barber, Richard. *The Reign of Chivalry*. Woodbridge: The Boydell Press. 2005.

Barker, Brian. *The Symbols of Sovereignty*. Oxford: Westbridge Books. 1979.

Brewer, Elizabeth., ed. *From Cuchulainn to Gawain: sources and analogues of Sir Gawain and the Green Knight*. Totowa: Rowman and Littlefield. 1973.

Campbell, James, ed. *The Anglo-Saxons*. Londres: Penguin Books. 1991.

Chadwick, Nora. "Religion and Mythology". *The Celts*. (1970). London: Penguin Books. 1974.

Chevalier, Jean e Alain Gheerbrant. *Dicionário dos Símbolos: Mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra. Lisboa: Teorema. 1982.

Cunliffe, Barry. "Religion and Mystery". *The Celtic World*. London: The Bodley Head Ltd. 1979.

Davidson, H. R. Ellis. *Gods and Myths of Northern Europe*. Middlesex: Penguin Books. 1964.

---. *Myths and Symbols in Pagan Europe: Early Scandinavian and Celtic Religions*. Manchester: Manchester University Press. 1988.

---. *The Sword in Anglo-Saxon England*. Woodbridge: The Boydell Press. 1998.

Dixon-Kennedy, Mike. *Celtic Myth and Legend: An A-Z of People and Places*. London: Blandford. 1999.

Eisler, Riane. *O Cálice e a Espada: A Nossa História, o Nosso Futuro*. 2ª Edição. Trad. Luís Torres Fontes. Porto: Via Óptima. 2003.

Eliade, Mircea. *Ferreiros e Alquimistas*. Trad. Roberto Cortes de Lacerda. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1977.

- . “As Águas e o Simbolismo Aquático”. *Tratado de História das Religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. Lisboa: Edições Asa. 1994.
- Grimal, Pierre. *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*. Trad. Victor Jabouille. Lisboa: Difel. 2004.
- Guiley, Rosemary Ellen. *The Encyclopedia of Magic and Alchemy*. New York: Facts on File. 2006.
- Heng, Geraldine. “Enchanted Ground: The Feminine Subtext in Malory”. *Arthurian Women*. Ed. Thelma S. Fenster. New York and London: Routledge. 2000.
- James, Simon. *Exploring the World of the Celts*. London: Thames and Hudson. 1993.
- Lacy, Norris J., ed. *The Arthurian Encyclopedia*. New York and London: Garland Publishing, Inc. 1996.
- Lacy, Norris J., Geoffrey Ashe e Debra Mancoff. *The Arthurian Handbook*. 2ª Edição. New York and London: Garland Publishing, Inc. 1997.
- Lindow, John. *Norse Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. Oxford: Oxford University Press. 2001.
- Loades, Mike. *Swords and Swordsmen*. South Yorkshire: Pen & Sword Military. 2010. E-book (edição Kindle).
- Loyn, H. R. “The Norman Conquest”. *Anglo-Saxon England and the Norman Conquest*. 2ª Edição. Essex: Longman. 1991.
- Lupack, Alan. *Oxford Guide to Arthurian Literature and Legend*. Oxford: Oxford University Press. 2007.
- Mathews, Caitlín. *Arthur and the Sovereignty of Britain: King and Goddess in the Mabinogion*. Londres: Arkana. 1989.
- Miliken, E. K. *Chivalry in the Middle Ages*. Londres: Macmillan. 1968.
- Nova Bíblia dos Capuchinhos*. Coord. Herculano Alves. Lisboa/Fátima: Difusora Bíblica. 1999.
- Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996.
- Plutarco. *Vidas Paralelas: Teseu e Rómulo*. Trad. do grego, intro. e notas de Delfim F. Leão e Maria do Céu Fialho. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. 2008.
- Powell, T. G. E. *Os Celtas*. Lisboa: Editorial Verbo. 1965.

- Regan, Paula, ed. *Weapon: A Visual History of Arms and Armor*. New York: DK Publishing. 2006.
- Varandas, Angélica. *Mitos e Lendas Celtas: Irlanda*. Lisboa: Centralivros sob a chancela Livros e Livros. 2006.
- . *Mitos e Lendas Celtas: País de Gales*. Lisboa: Centralivros sob a chancela Livros e Livros. 2007
- Wilson, David. *The Anglo-Saxons*. Middlesex: Penguin Books. 1971

## Sitegrafia

- Christie, Janet B. T. "Reflections on the legend of Wayland the Smith". *Folklore*. Vol. 80, nº 4. Taylor and Francis, Ltd. 1969. <http://www.jstor.org/stable/1258753> Consultado a 7 Dezembro 2011.
- Davidson, H. R. Ellis. "Thor's Hammer". *Folklore*. Vol. 76, nº1. Taylor and Francis, Ltd. 1965. <http://www.jstor.org/stable/1258087> Consultado a 7 Dezembro 2011.
- "Detail of hilt". *British Museum*. [http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_image.aspx?image=ps269137.jpg&retpage=20904](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=ps269137.jpg&retpage=20904) Consultado a 8 Abril 2012.
- Ettlinger, E. "Magic Weapons in Celtic Legends". *Folklore*. Vol. 56, nº3. Taylor & Francis, Ltd. 1945. <http://www.jstor.org/stable/1257261> Consultado a 25 de Setembro 2011.
- Garbáty, Thomas Jay. "The Fallible Sword: Inception of a Motif". *The Journal of American Folklore*. Vol. 75, nº 295. American Folklore Society. 1962. <http://www.jstor.org/stable/537842> Consultado a 6 Junho 2012.
- "Gawain". *The Encyclopaedia of the Celts*. Ed. Knud Mariboe. 1994. [http://www.isle-of-skye.org.uk/celtic-encyclopaedia/celt\\_g1b.htm](http://www.isle-of-skye.org.uk/celtic-encyclopaedia/celt_g1b.htm) Consultado a 7 Novembro 2012.
- Hingley, Richard. "The deposition of iron objects in Britain during the later Prehistoric and Roman periods: Contextual Analysis and the significance of iron". *Britannia*. Vol. 37. Society for the Promotion of Roman Studies. <http://www.jstor.org/stable/30030520> Consultado a 4 Outubro 2010.

- Holbrook, Brett L. "The Sword of Laban as a Symbol of Divine Authority and Kingship". *Journal of Book of Mormon Studies*. Vol. 2, Issue 1. Utah: Maxwell Institute. 1993.  
<http://maxwellinstitute.byu.edu/publications/jbms/?vol=2&num=1&id=18>  
 Consultado a 10 Novembro 2012.
- Joe, Jimmy. "Celtic Mythology". *Timeless Myths*. 1999.  
<http://www.timelessmyths.com/celtic/index.html> Consultado a 3 Janeiro 2012.
- . "Norse Mythology". *Timeless Myths*. 1999.  
<http://www.timelessmyths.com/norse/index.html> Consultado a 19 Março 2012.
- Jones, Mary. "Celtic Encyclopedia". *Mary Jones*.  
[http://www.maryjones.us/jce/jce\\_index.html](http://www.maryjones.us/jce/jce_index.html) Consultado a 22 Dezembro 2011.
- Levick, Ben e Roland Williamson. "Arms and Armour – Seaxes". *Regia Anglorum*. (2005). <http://www.regia.org/warfare/seax.htm> Consultado a 7 Abril 2012.
- Motz, Lotte. "The Craftsman in the Mound". *Folklore*. Vol. 88, nº1. Taylor and Francis, Ltd. 1977. <http://www.jstor.org/stable/1259699> Consultado a 23 Março 2012.
- "Partes da espada europeia". *Marcos e Lene: Artefatos Medievais*.  
[http://www.mlartefatosmedievais.com.br/novo/index.php?option=com\\_content&view=article&id=49:partes-de-espada-europeia&catid=34:conjuntodeartigos&Itemid=49](http://www.mlartefatosmedievais.com.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=49:partes-de-espada-europeia&catid=34:conjuntodeartigos&Itemid=49) Consultado a 8 Abril 2012.
- Randolph, Mary Claire. "Celtic Smiths and Satirists: Partners in Sorcery". *ELH*. Vol. 8, nº3. The John Hopkins University Press. 1941.  
<http://www.jstor.org/stable/2871769> Consultado a 25 Setembro 2011.
- "Replica: Side View". *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_image.aspx?image=ps269102.jpg&retpage=20687](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=ps269102.jpg&retpage=20687) Consultado a 22 Dezembro 2012
- "Seax". *Genealogies, maps, glossary & pictorial guide to Beowulf*.  
<http://www.heorot.dk/seax-rune.jpg> Consultado a 8 Abril 2012.

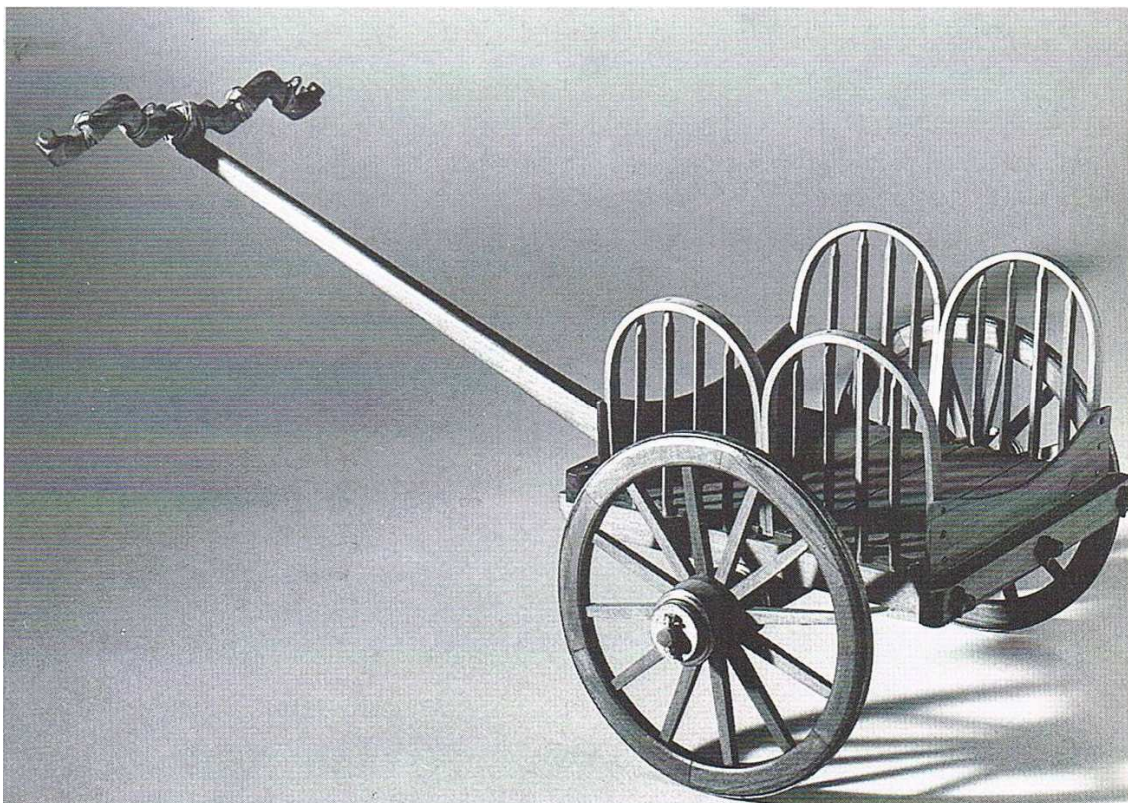
- "Shield from the ship-burial at Sutton Hoo (part-reconstruction)". *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_objects/pe\\_mla/s/shield\\_from\\_the\\_ship-burial\\_at.aspx](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_mla/s/shield_from_the_ship-burial_at.aspx) Consultado a 8 Abril 2012.
- "Sutton Hoo ship-burial Helmet". *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_image.aspx?image=ps269107.jpg&retpage=20687](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=ps269107.jpg&retpage=20687) Consultado a 8 Abril 2012.
- "Sword from the ship-burial at Sutton Hoo". *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_objects/pe\\_mla/s/sword\\_from\\_the\\_ship-burial\\_at.aspx](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_mla/s/sword_from_the_ship-burial_at.aspx) Consultado a 8 Abril 2012.
- "The Franks Casket". *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_objects/pe\\_mla/t/the\\_franks\\_casket.aspx](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_mla/t/the_franks_casket.aspx) Consultado a 12 Outubro 2012.
- "The Maciejowski Bible". *The Morgan Library and Museum*.  
<http://www.themorgan.org/collections/swf/exhibOnline.asp?id=218> Consultado a 14 Maio 2012.
- "The Parts of a Sword". *Albion Swords: History in your hand*. <http://www.albion-swords.com/swords/sword-terms.htm> Consultado a 8 Abril 2012.
- "The Typochronology of Sword Pommels from the Staffordshire Hoard". *The Portable Antiquities Scheme*. The British Museum.  
<http://finds.org.uk/staffshoardsymposium/papers/svantefischerandjeansoulat>  
 Consultado a 24 de Abril 2012.

### **Filmografia:**

*The Sutton Hoo Helmet*. Dir. Fulmar Television & Film Ltd. London: The British Museum Company Ltd. 2006. DVD

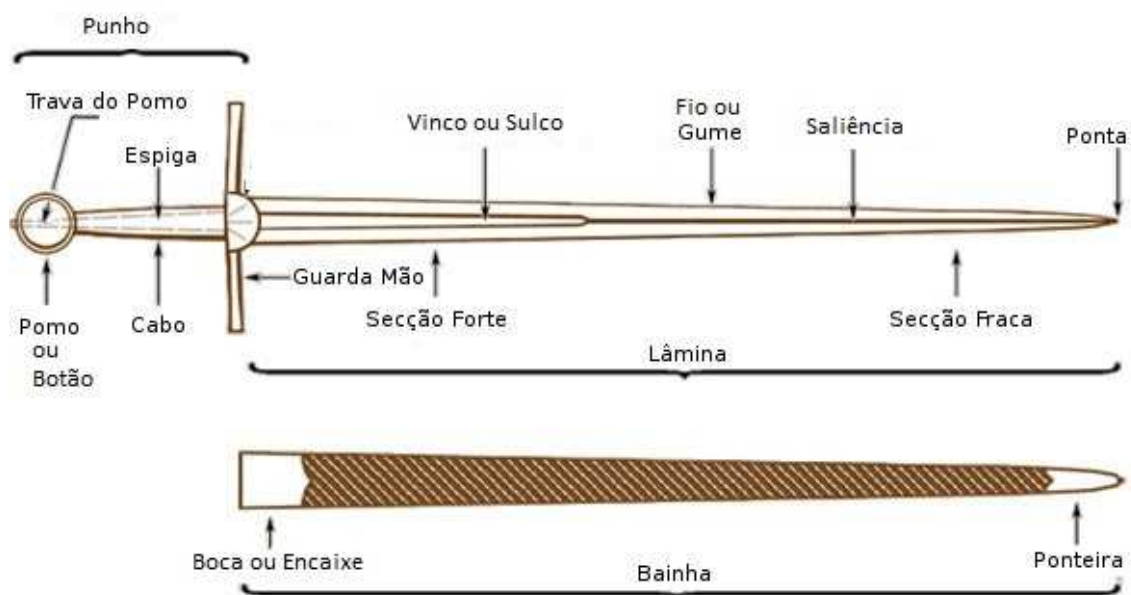


## ANEXOS



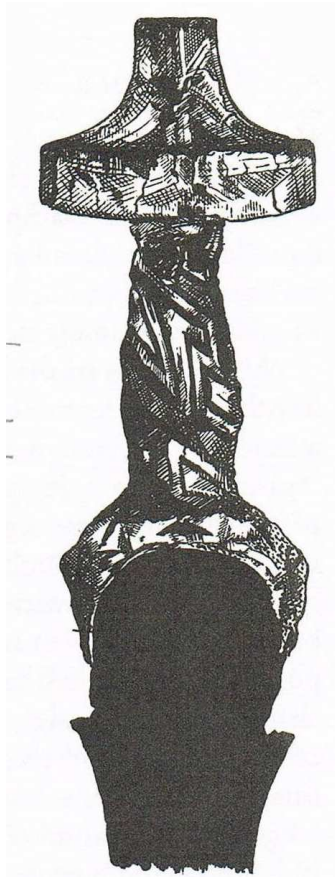
**Figura 1.1** – Reconstrução de um carro celta. Esta reconstrução é baseada nos achados arqueológicos, descrições escritas e imagens.

Fonte: James, Simon. *Exploring the World of the Celts*. London: Thames and Hudson. 1993. (79)

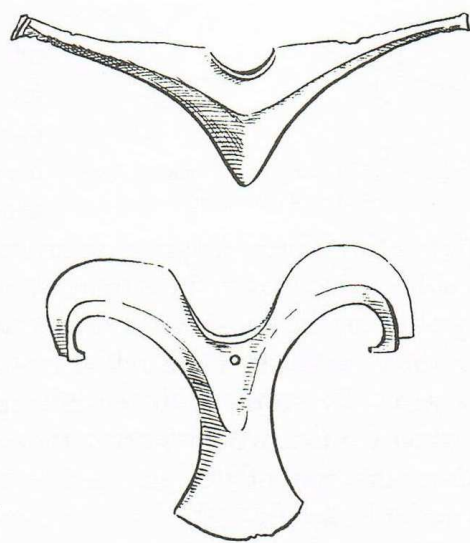


**Figura 1.2** – As partes constituintes de uma espada.

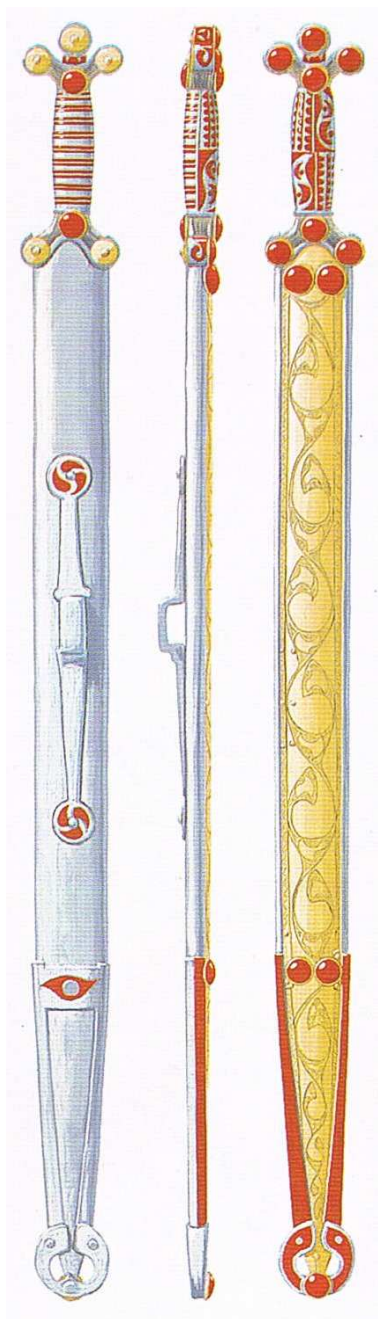
Fonte: “Partes da espada europeia”. *Marcos e Lene: Artefatos Medievais*.  
[http://www.mlartefatosmedievais.com.br/novo/index.php?option=com\\_content&view=article&id=49:partes-de-espada-europeia&catid=34:conjuntodeartigos&Itemid=49](http://www.mlartefatosmedievais.com.br/novo/index.php?option=com_content&view=article&id=49:partes-de-espada-europeia&catid=34:conjuntodeartigos&Itemid=49)  
 Consultado a 8 Abril 2012.



**Figura 1.3** – Punho de uma espada em Gomadingen. Feito de osso coberto com folha de ouro.  
 Fonte: Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996. (41)



**Figura 1.4** – Pontas de bainha em forma de asas.  
 Fonte: Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996. (43)



**Figura 1.5** – Reconstrução da espada de Kirkburn, do século III a.C.

Fonte: James, Simon. *Exploring the World of the Celts*. London: Thames and Hudson. 1993. (112)





**Figura 1.6** - Lâmina de uma espada com padrões soldados. O centro da lâmina é de ferro, enquanto os gumes são de aço, adicionados posteriormente. (Museu de Arqueologia e Antropologia da Universidade de Cambridge.)  
Fonte: Campbell, James. *The Anglo-Saxons*. Ed. James Campbell. Londres: Penguin Books. 1991. (55).



**Figura 1.7** – Pomo ou botão de espada com inscrições rúnicas, encontrado em Gilton, Kent.

Fonte: "The Typochronology of Sword Pommels from the Staffordshire Hoard". *The Portable Antiquities Scheme*. The British Museum. <http://finds.org.uk/staffshoardsymposium/papers/svantefischerandjeansoulat> Consultado a 24 de Abril 2012.

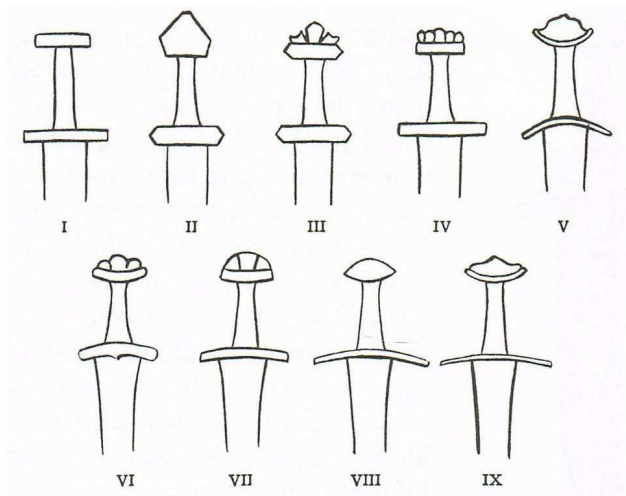


**Figura 1.8** – Espada com inscrição *Ulfberht*.  
 Fonte: Davidson, Hilda Ellis. *The Sword in Anglo-Saxon England*. Woodbridge: The Boydell Press. 1998. (49).



**Figura 1.9** – Espada com inscrição *Inglerii*.  
 Fonte: Davidson, Hilda Ellis. *The Sword in Anglo-Saxon England*. Woodbridge: The Boydell Press. 1998. (49).





**Figura 1.10** – Tipos de espadas vikings, baseadas na forma do punho.

Reproduzido em Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996. (133).



**Figura 1.11** – Espada com o punho coberto com decoração em prata.

Fonte: Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996. (139).



**Figura 1.12** – O ceptro cerimonial de Sutton Hoo.

Fonte: Campbell, James. *The Anglo-Saxons*. Ed. James Campbell. Londres: Penguin Books. 1991. (68).



**Figura 1.13** – Elmo de Sutton Hoo.

Fonte: “Sutton Hoo ship-burial Helmet”. *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_image.aspx?image=ps269107.jpg&retpage=20687](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=ps269107.jpg&retpage=20687) Consultado a 8 Abril 2012.



**Figura 1.14** – Réplica do elmo de Sutton Hoo.

Fonte: “Replica: Side View”. *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_image.aspx?image=ps269102.jpg&retpage=20687](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=ps269102.jpg&retpage=20687) Consultado a 22 Dezembro 2012.



**Figura 1.15** – Espada de Sutton Hoo.

Fonte: “Sword from the ship-burial at Sutton Hoo”. *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_objects/pe\\_mla/s/sword\\_from\\_the\\_ship-burial\\_at.aspx](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_mla/s/sword_from_the_ship-burial_at.aspx) Consultado a 8 Abril 2012.



**Figura 1.16** – Pormenor do punho da espada de Sutton Hoo.

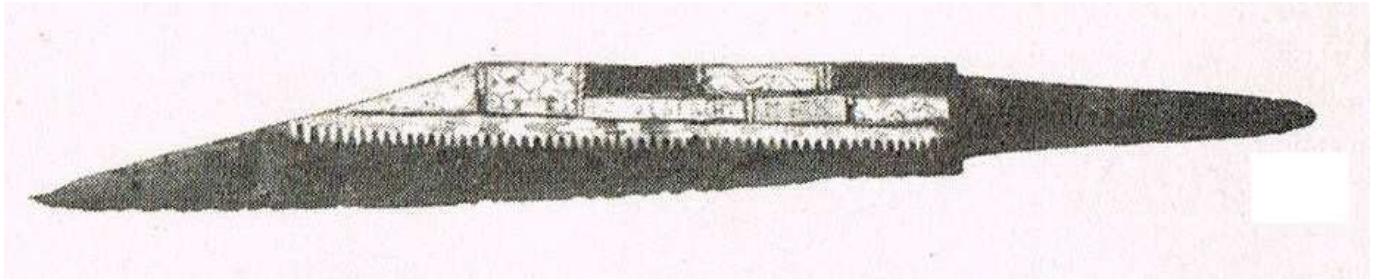
Fonte: “Detail of hilt”. *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_image.aspx?image=ps269137.jpg&retpage=20904](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=ps269137.jpg&retpage=20904) Consultado a 8 Abril 2012.





**Figura 1.17** – Escudo de Sutton Hoo parcialmente reconstruído.

Fonte: "Shield from the ship-burial at Sutton Hoo (part-reconstruction)". *British Museum*. [http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_objects/pe\\_mla/s/shield\\_from\\_the\\_ship-burial\\_at.aspx](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_objects/pe_mla/s/shield_from_the_ship-burial_at.aspx) Consultado a 8 Abril 2012



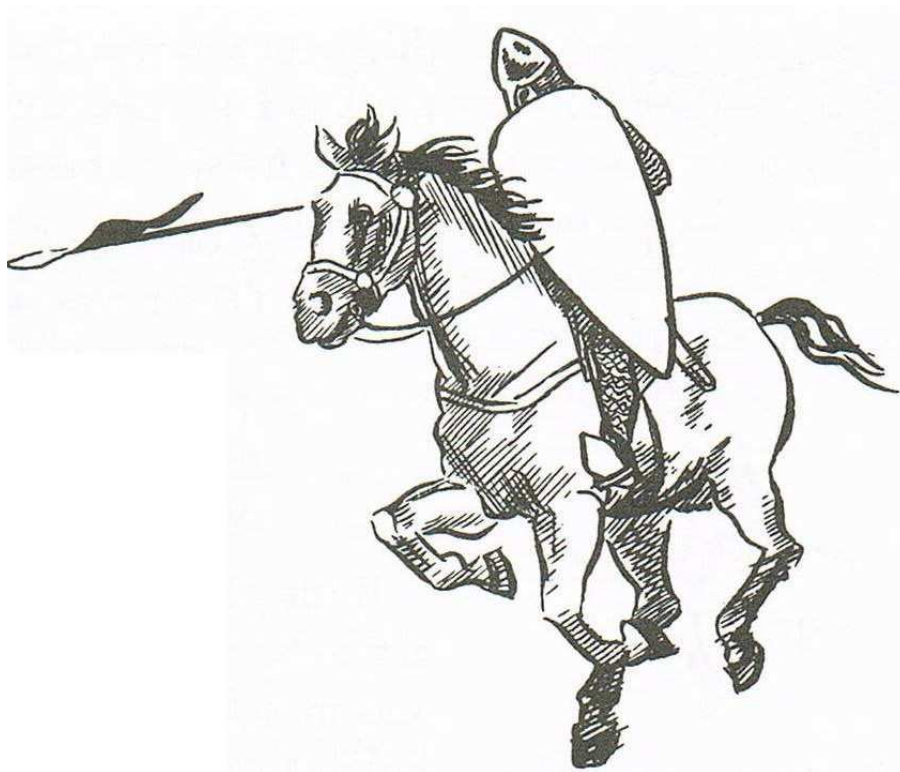
**Figura 1.18** – “Scramasax” decorado, de Sittingbourne em Kent.

Fonte: Wilson, David. *The Anglo-Saxons*. Middlesex: Penguin Books. 1971. (Plate 26).



**Figura 1.19** – “Seax” com inscrições rúnicas, do século X. Retirado do rio Tamisa, em Battersea.

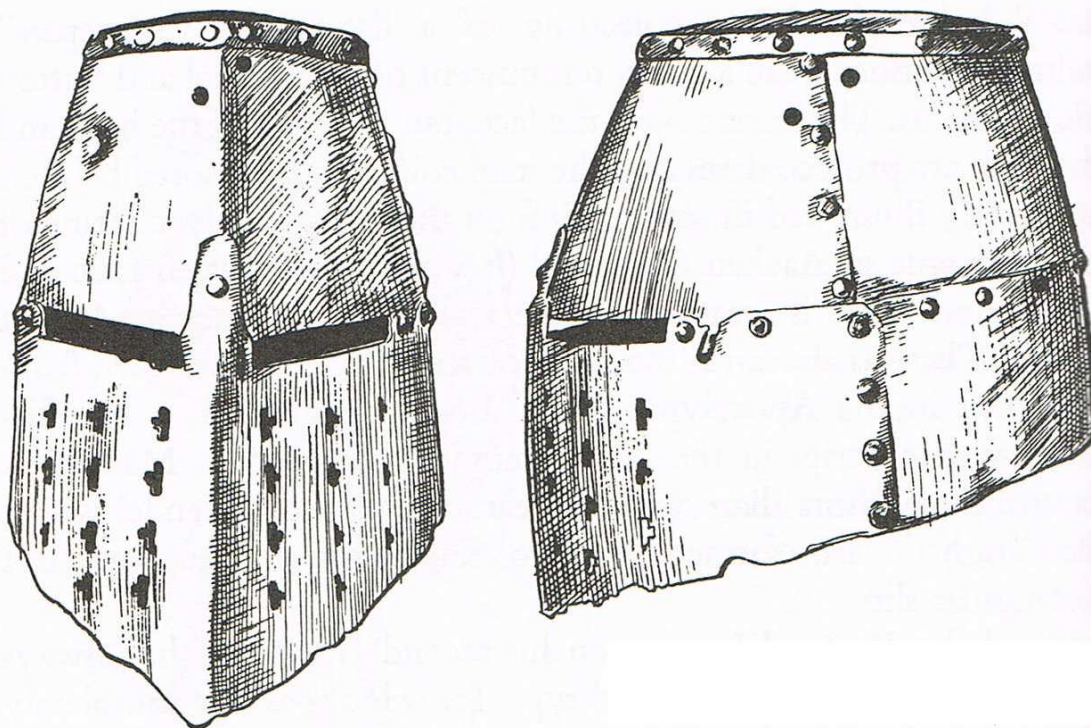
Fonte: “Seax”. *Genealogies, maps, glossary & pictorial guide to Beowulf*.  
<http://www.heorot.dk/seax-rune.jpg> Consultado a 8 Abril 2012.



**Figura 1.20** – Escudo de cavaleiro. Este está adaptado para proteger o lado desprotegido do cavaleiro, desde o pescoço até ao joelho.

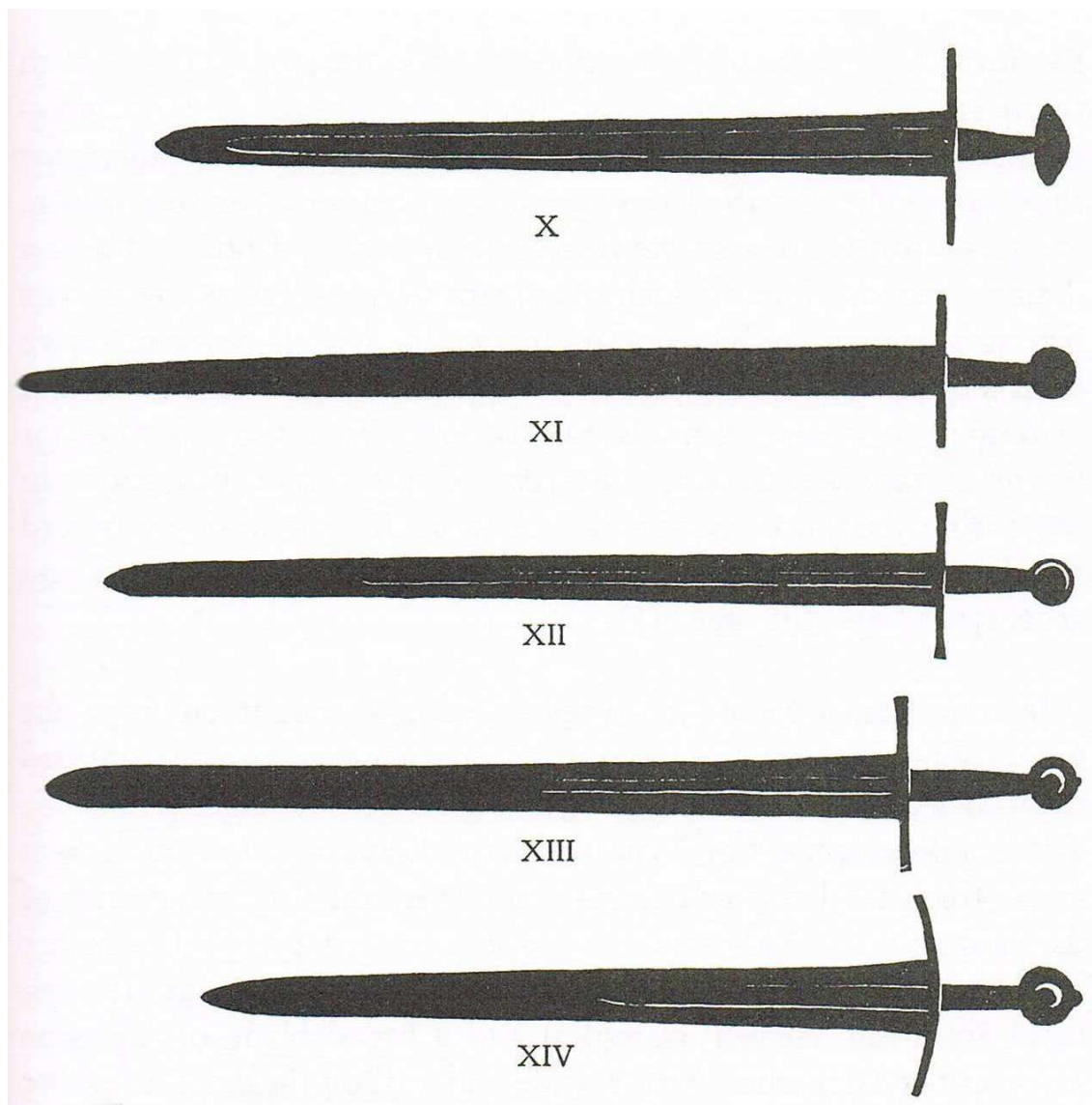
Fonte: Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996. (177).



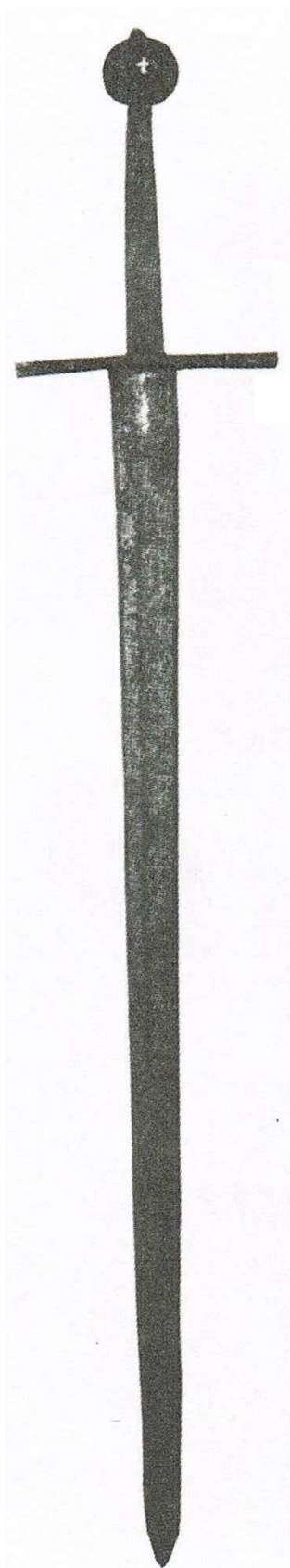


**Figura 1.21** – Elmo encontrado no Castelo de Santo Ângelo, em Bozen, Roma (c. 1300).

Fonte: Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996. (264).



**Figura 1.22** – Tipos de espada mais comuns no período entre 1100-1300.  
Fonte: Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996. (203).



**Figura 1.23** – Espada do tipo XIII, encontrada no rio Tamisa, em Londres (c. 1300).

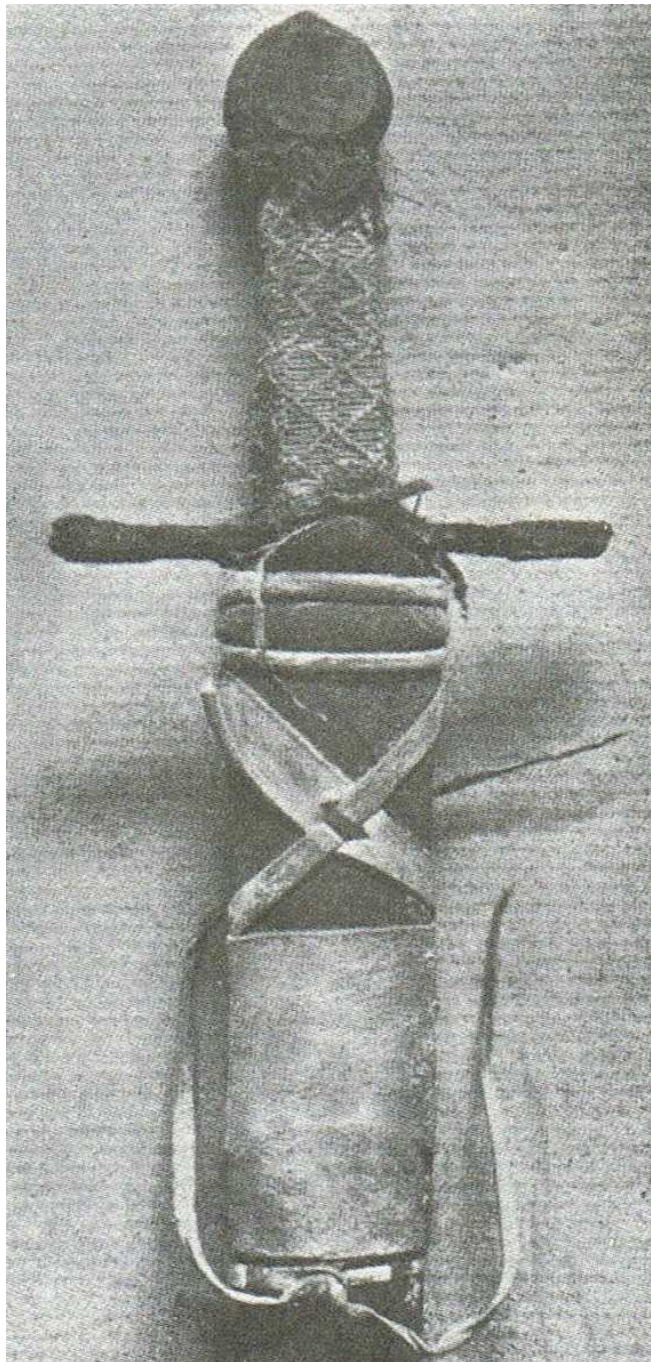
Fonte: Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996. (plate 7c).



**Figura 1.24** – Pormenor do folio 10r. da Bíblia de Maciejowski. Aqui retrata-se o episódio do Antigo Testamento em que os israelitas, liderados por Josué aqui representado com um escudo triangular, são expulsos da cidade de Ai (Josué 7: 1-5).

Fonte: “The Maciejowski Bible”. *The Morgan Library and Museum*. <http://www.themorgan.org/collections/swf/exhibOnline.asp?id=218> Consultado a 14 Maio 2012.





**Figura 1.25** – Espada do tipo XII. Esta espada está no túmulo de Fernando de la Cerda, morto em 1270, presente no convento de Las Huelgas, em Burgos, Espanha.  
Fonte: Oakeshott, R. Ewart. *The Archaeology of Weapons: Arms and Armour from Prehistory to the Age of Chivalry*. Londres: Dover Publications. 1996. (plate 9c)





**Figura 1.26** – Três espadas de porte pertencentes às Jóias da Coroa britânica. Da esquerda para a direita: a Espada do Estado na sua bainha, ostentando as Armas de William III e Mary II, a Espada da Misericórdia com a ponta partida, juntamente com a sua bainha, e a Espada Pessoal, com o punho e bainha incrustados de jóias.

Fonte: Barker, Brian. *The Symbols of Sovereignty*. Oxford: Westbridge Books. 1979. (103).





**Figura 2.1**– Dois dos mais elaborados martelos de Tor, feitos de prata. O martelo à direita foi encontrado em Erikstorp e o martelo à esquerda foi encontrado em Kabbara, ambos na Suécia. (Statens Historiska Museum, em Estocolmo)

Fonte: Lindow, John. *Norse Mythology: A Guide to the Gods, Heroes, Rituals, and Beliefs*. Oxford: Oxford University Press. 2001. 289.



**Figura 2.2** – Caixa feita em osso de baleia, conhecida como “The Frank’s Casket”, datada do século VIII. Do lado esquerdo do painel frontal, encontra-se uma cena em que está presente o ferreiro Weland.

Fonte: “The Frank’s Casket. Front”. *British Museum*.  
[http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight\\_image.aspx?image=ps200643.jpg&retpage=20930](http://www.britishmuseum.org/explore/highlights/highlight_image.aspx?image=ps200643.jpg&retpage=20930) Consultado a 12 Outubro de 2012.